



PT e PCCh

40 anos

de relações

2024



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



PT e PCCh



40 anos de relações

2024



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

Diretoria

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vívian Farias

Elen Coutinho

Naiara Raiol

Alberto Cantalice

Artur Henrique

Carlos Henrique Árabe

Jorge Bittar

Valter Pomar

Virgílio Guimarães

Conselho editorial

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo, Dainis Karepovs, Emir Sader,

Hamilton Pereira, Laís Abramo, Luiz Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira,

Maria Rita Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi, Silvio Almeida, Tássia Rabelo, Valter Silvério

Coordenador editorial

Rogério Chaves

Assistente editorial

Raquel Costa

Revisão

Claudia Andreoti

Projeto gráfico e diagramação

Emilio Font

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S452p	Secretaria de Relações Internacionais (PT) PT e PCCh : 40 anos de relações, 2024 [livro eletrônico] / Secretaria de Relações Internacionais (PT) - São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2024. 250 p. ISBN 978-65-5626-153-9 1. Relações internacionais 2. Cooperação internacional 3. Partido Comunista Chinês 4. Partido dos Trabalhadores I. Título
-------	---

Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana

04117-091 São Paulo – SP

www.fpabramo.org.br

Sumário

Apresentação	5
Romênio Pereira	
Introdução	7
Valter Pomar	
1984: PT faz sua primeira viagem oficial à China	9
Rita Camacho	
Uma missão de parar o trânsito	17
Rita Camacho	
PT e PCCh: 40 anos de relações	37
Rita Camacho	
Delegações do PT que viajaram à China e suas respectivas funções no Partido na ocasião das missões: 2023 e 2024	47
Relatório de viagem da delegação do PT à China - Junho/2023	50
Reflexões pontuais sobre o sino-socialismo na perspectiva petista	57
Virgílio Guimarães	
Viagem à China, um relato comentado	63
Markus Sokol	
Futuro das relações Brasil-China	105
Natália Sena	
O Brasil e a China: a política no comando	113
Gleisi Hoffmann	
Missão à China – relato de uma internacionalista brasileira	117
Monica Valente	
Aventuras do PT na China	121
Valter Pomar	
Miriam Leitão e suas críticas acerca da opinião do PT sobre a China	159
Valter Pomar	
Democracia com características chinesas	169
Debora Pereira	
Um roteiro diverso e revelador da pujança chinesa	173
José Airton Félix Cirilo	

Experiência chinesa é estímulo para seguir na construção do PT	177
Liliam Faria Porto Borges	
Desenvolvimento urbano e tecnológico é destaque	185
Ricardo Campos	
China: o passado como referência para a evolução	189
Rosângela de Oliveira Zeidan	
Inovação tecnológica e busca por sustentabilidade são desafios chineses de impacto global	193
Saulo Dias Kalunga	
Intercâmbio Brasil-China	197
Macaé Evaristo	
Brasil e China: as diferenças que fazem crescer	203
Carlos Veras	
Desafios gigantes; alternativas maiores!	207
Isolda Dantas	
China, um elo entre passado e presente para a construção de um futuro mais possível	211
Jean Mark Freire Silva	
Uma jornada de aprendizados	215
Isabel Nogueira	
A China que a mídia não mostra	217
Ronaldo Medeiros	
Fundação Perseu Abramo e ELAPH socializam conhecimentos sobre a China	221
Rita Camacho	
Álbum de fotos	231

Apresentação

.....
ROMÊNIO PEREIRA

Secretário nacional de Relações Internacionais do PT.

Este livro faz parte de um conjunto de iniciativas que o Partido dos Trabalhadores (PT) tem adotado para aprofundar seu relacionamento com a China. Trata-se de uma parceria que se fortalece para estreitar laços e promover mudanças positivas para a realidade do povo brasileiro e do povo chinês.

É sabido que a China conseguiu, ao longo dos anos, tirar milhões de pessoas da pobreza extrema e se tornar uma potência econômica mundial. O PT, nos governos Lula e Dilma, tirou mais de 40 milhões de brasileiros da extrema pobreza e fez nossa economia ser uma das mais importantes do mundo. São semelhanças fundamentais a respeito das prioridades nas políticas adotadas no governo chinês e nos nossos governos no Brasil.

Por isso, um dos principais objetivos dessa parceria é acabar com a fome e a desigualdade social em ambos os países. Ao trocar experiências, ideias e conhecimentos, o PT e o Partido Comunista Chinês (PCCCh) esperam encontrar soluções eficazes para esses problemas que afetam milhões de pessoas em todo o mundo.

O intercâmbio cultural, econômico e tecnológico entre o Brasil e a China também é parte fundamental do fortalecimento dessa

relação, com vistas a trazer benefícios mútuos e impulsionar o desenvolvimento de ambas as nações.

Além disso, a cooperação entre o Brasil e a China tem como meta a construção de um mundo mais pacífico e sustentável. Os dois partidos compartilham a visão de um mundo onde a paz e a solidariedade internacional prevaleçam sobre a violência e o conflito.

Juntos, Brasil e China podem construir um futuro mais justo, próspero e seguro para todos.

Introdução

.....
VALTER POMAR

Diretor de cooperação internacional da Fundação Perseu Abramo.

No ano de 2024, Brasil e República Popular da China completam 50 anos de relações diplomáticas. Também em 2024, o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista da China completam 40 anos de relações formais. Está por ser escrita a história dessas relações. E este livro que você vê na sua tela é uma pequena contribuição nesse sentido.

Publicamos nesta coletânea: a) dois relatos jornalísticos, acerca das delegações petistas que visitaram a China em 1984 e 2004; b) um resumo sobre o intercâmbio mantido entre 2004 e 2023, produzido com base em livro comemorativo editado pelo PCCh em 2024; c) a composição das delegações petistas que visitaram a China em 2023 e 2024; d) artigos escritos pelos integrantes dessas duas delegações; e) textos com indicações sobre onde ler, ouvir e ver mais sobre a China; e f) um caderno de fotografias.

As posições expressas nos textos constantes deste livro não coincidem, necessariamente, com a posição do Partido dos Trabalhadores acerca da China e do PCCh. Como todos sabem, nosso Partido contém diferentes correntes de opinião, o que é particularmente válido no tocante a interpretações acerca da história do nosso e de outros países.

Feita esta ressalva, esperamos que as relações entre Brasil e China, assim como as relações entre PT e PCCh, deem um salto de qualidade a partir deste ano de 2024.

1984: PT faz sua primeira viagem oficial à China

Honras diplomáticas e agenda intensa marcaram visita; apenas uma integrante da delegação está viva e conta algumas de suas lembranças

.....

RITA CAMACHO

Jornalista e filiada ao PT.

O Partido dos Trabalhadores tinha apenas quatro anos de fundação quando realizou sua primeira viagem oficial à República Popular da China. Era outubro de 1984: o PT formalizara a Secretaria de Relações Internacionais (SRI) havia seis meses; completava-se uma década da retomada das relações diplomáticas Brasil-China¹ e a Revolução Chinesa já somava 35 anos.

A comitiva designada para a missão era formada pelo então vice-presidente do PT, o sindicalista Jacó Bittar; pelo também sindicalista Luiz Gushiken, membro da executiva do partido, e pelo jornalista e escritor Wladimir Pomar, que integrava o Diretório Nacional. Somente Pomar foi acompanhado da esposa, a biblioteconomista Rachel Pomar.

Aos 88 anos, Rachel é a única integrante viva dessa empreitada internacional que no segundo semestre de 2024 completará 40 anos².

1. http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_16ago1974.htm

2. Wladimir Pomar faleceu em 9 de junho de 2023, 35 dias antes de completar 87 anos.

“O Wladimir dizia que os chineses deveriam nos achar um grupo de brasileiros muito estranho: um turco, um japonês e dois branqueiras com cara de gringos”.

Naquela época, salvo as relações com Cuba, o PT, a rigor, não tinha contatos com os partidos comunistas em nenhum outro país, pois o Partido Comunista Brasileiro detinha o monopólio desses relacionamentos e não os compartilhava.³ Os contatos com o Partido Comunista Chinês (PCCh) foram facilitados por Wladimir Pomar, que fora filiado ao PCdoB e possuía relações com a China. O casal Pomar já conhecia o país e Wladimir se consolidaria nas décadas seguintes, dentro e fora do PT, uma referência no tema China.⁴

Como Rachel e o marido foram mais de uma dezena de vezes à China, as lembranças dela se mesclam, então Rachel é cuidadosa ao tentar definir o que realmente fez parte da primeira visita oficial do PT. Mas ela tem certeza de que o grupo foi recebido com honras diplomáticas quando o voo que os levava do Brasil chegou a Pequim, capital chinesa. A recepção impactou muito Bittar, a ponto de ele destacar esse aspecto em seus relatos da viagem para a família. “Meu pai voltou bastante impressionando de como o PT foi recepcionado lá”, relembra Kalil Bittar, o mais velho dos quatro filhos de Jacó Bittar. O então vice-presidente do PT contou ao primogênito que o grupo teve prioridade no desembarque. “E já tinham dois carros do governo chinês esperando por eles. Chegaram como se fossem chefes de Estado, inclusive não deixaram meu pai e o Gushiken no mesmo carro; meu pai foi no carro da frente, e foram com batedores até a sede do

Jacó Bittar, que fundou e presidiu o Sindicato dos Petroleiros de Campinas e Paulínia e foi prefeito de Campinas-SP (1989-92), morreu aos 81 anos, em 26 de maio de 2022. Luiz Gushiken, que foi deputado federal por São Paulo (1987-99), presidente do PT (1988-90) e ministro da Secretaria de Comunicação Social do governo Lula I (2003-05), tinha 63 anos quando faleceu, em 13 de dezembro de 2013.

3. Informação constante da tese *Análise de Política Externa Brasileira: continuidade, mudanças e rupturas no Governo Lula*, de Kjeld Aagaard Jakobsen, USP, 2016.

4. Seu primeiro livro sobre o assunto, *O Enigma Chinês – Capitalismo e Socialismo*, seria publicado em 1987. Pomar também promoveu viagens de grupos à China, por meio da WP Consultoria, de sua propriedade.

Partido Comunista Chinês ou para o hotel”, lembra Kalil, que tinha 20 anos à época. “Como chefe da delegação, ele teve um tratamento com toda a pompa. Chamou muito a atenção dele toda a liturgia dos chineses durante a visita”. Kalil disse que, na volta, o pai comentava sobre esse aspecto do cerimonial em conversas informais com companheiros do partido e atribuía o ritual à importância que o PT já estava conquistando. “Ele dizia: ‘o PT já é grande’...”

Rachel confirma que o protocolo de deferência a Bittar se estendeu por toda a viagem. “Inclusive no hotel ele estava em andar diferente do nosso, numa categoria de conforto mais elevada”. E Bittar seguiu se deslocando em carro separado do restante do grupo durante todo o período de estadia na China. O destaque à posição de Bittar se estendia a reuniões e outras atividades, com lugar diferenciado à mesa, por exemplo. “Chinês gosta muito de cerimonial, tudo detalhado”, opina Rachel.

Na avaliação dela, “Gushiken era extremamente irônico e tirava o sarro; Bittar nem sempre entendia que era uma brincadeira, e levava a sério”. Diante dessas situações, o clima no grupo, relata Rachel, oscilava entre diversão e estresse. “Mas chegou a um ponto em que Wladimir teve que interromper, porque a coisa ficou feia”. Wladimir tentava apaziguar, manter um clima harmonioso e familiar entre todos. “Era uma situação em que devíamos estar mais unidos”. A viúva de Gushiken, Elisabeth Leonel Ferreira, disse que o desentendimento foi “coisa pequena”. E preferiu não relatar detalhes: “Melhor esquecer. Não vale a pena”. Kalil Bittar disse que o pai não mencionou nada a respeito.

Atualmente, Rachel reflete sobre a situação e diz que foram muitas horas de convívio concentrado e que isso se equipara ao volume de convívio que se tem com pessoas que se conhece há anos. Não era o caso dos integrantes da delegação.

Rachel, presença feminina exclusiva na comitiva, era na maioria das agendas oficiais também a única mulher. “Você pode ver pelas fotos; um montão de homens e eu estou lá sozinha. Em algumas soleni-

dades, passaram a ir algumas mulheres, não necessariamente esposas, eram mulheres que tinham cargos [no partido ou no governo]. A única mulher que nos acompanhou permanentemente foi uma intérprete, porque, mesmo com o inglês, havia muita dificuldade de comunicação. Lembro que, nessa viagem, dois intérpretes eram homens e tinham trabalhado na embaixada da China em Brasília. Um deles, inclusive, tinha vivido por oito anos aqui [no Brasil], e falava um português quase igual ao nosso. Até gírias ele sabia. Ele era notável, e um homem muito culto”. O grupo teve a companhia de intérpretes durante todos os cerca de 20 dias em que estiveram na China.

Para a então esposa de Gushiken, Elizabeth, que ficou no Brasil, a viagem pareceu durar mais tempo: “Acho que um mês”. “Durante o período que ele esteve em viagem à China, não consegui me comunicar com ele. Não sabia o que estava acontecendo. Não existia ainda o celular e a comunicação por telefone era toda monitorada, com certeza, ou bloqueada. Era um país comunista, *né?*” Beth recorda que ligava no PT para tentar alguma notícia e que só lhe informavam que o retorno ao Brasil era reiteradamente postergado. Beth era funcionária do Banco do Brasil, enquanto o marido era do antigo Banespa e presidente (1984-86) do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

A ex-bancária conta que o marido trouxe na mala dois cortes de seda chinesa. “Eu escolhi o tecido preto com raminhos coloridos, ainda tenho a roupa e uso até hoje; e outro corte, bem clarinho, quase branco, com florezinhas rosas e verdes, ele levou para Marisa [então esposa de Luiz Inácio Lula da Silva, que a essa altura presidia o PT].”

Da bagagem que trouxe da China, Gushiken tirou também “muitas latinhas com uma pomada que servia para tudo e tinha cheiro de Vick Vaporub”. Foi por conta desse cheiro intenso que Beth se deu conta de que estava grávida, pois enjoava cada vez que o marido abria uma latinha. O segundo dos três filhos do casal, Artur, nasceria em maio de 1985.

Beth se recorda de alguns relatos do marido a respeito da viagem: “Ele disse que a China, na época, tinha uma palavra de ordem: ‘fikai

ricos’. Já era uma orientação diversa da anterior. Estavam mudando os conceitos. Já se voltavam ao sistema capitalista. Estavam se modernizando. Queriam sair do sistema feudal.”

A viúva de Gushiken disse que ele também descreveu alguns detalhes das agendas. “Contou que foram a muitos almoços e jantares, onde serviam comidas exóticas e que os chineses fumavam durante a refeição. Levaram para conhecer muitas escolas e tinham orgulho delas e das crianças que se desenvolviam muito rapidamente. Ele trouxe fotos de jantares e almoços, sempre com bandeiras, emblemas ou fotos dos dirigentes nas paredes.”

O sindicalista Gushiken trouxe de lembrança da China também, segundo Beth, sapatos ou sapatilhas chinesas pretas e dois uniformes do exército chinês, com os bonés de estrela. “A estrela era de plástico. Parece que todos os trabalhadores usavam esse tipo de uniforme.” Beth guardou as peças por muitos anos, até a última mudança de casa, recentemente, quando se desfez delas.

Bittar também trouxe de recordação da viagem à China jaquetas e boinas de cor verde oliva. Quem desfilou com a indumentária chinesa foi o filho Kalil, despertando a atenção dos colegas na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), onde estudava Química. “Lembro que tinham as estrelas, e os botões eram na cor marrom”.

A jornada na China foi intensa e o grupo mal teve chance de se refazer da diferença de fuso horário, de 11 horas, e do voo longo. Rachel não se lembra se nessa ocasião o voo foi direto ou se fizeram escala em Paris. Os passaportes dela e de Wladimir exibem carimbos do aeroporto Charles de Gaulle com datas de 8 e 26 de outubro de 1984, o que pode indicar as escalas de ida e volta para essa viagem. “Eu acho que eles [os chineses] davam uma papeleta que utilizávamos para nos mover no país durante a estadia e que devolvíamos antes do embarque de volta ao Brasil”. Nos passaportes mais recentes, que usaram para as demais viagens à China, vê-se o selo chinês que ocupa uma página inteira do documento.

O fato é que não houve descanso na chegada e imediatamente após ao desembarque já havia agendas a cumprir. “Delicadamente, eles impõem uma agenda”. E tudo era sempre envolto a uma burocracia imensa, segundo Rachel. “Foram muitas reuniões e, em algum momento, eu via que os temas já se repetiam”. Ela explica que havia atividades do governo e do PCCh, mas que, no geral, era difícil definir a diferença, pois tudo estava misturado.

Rachel lembra-se que o grupo também visitou o que os intérpretes traduziram para os petistas como Agência de Emprego. “Demoramos muito para entender que não tinha nada a ver com o que chamamos de agência de emprego no Brasil. Era, na verdade, uma espécie de escola onde os chineses faziam cursos para aprender diversos ofícios, especialmente para trabalhar na indústria. Visitamos diversas fábricas também.”

O roteiro incluiu pontos turísticos internacionalmente famosos, como a Muralha da China. Nas memórias de Rachel sobre a primeira missão petista na China, mesmo sem conseguir precisar as províncias, estão também visitas a regiões agrícolas, onde havia habitações bastante rudimentares. “Nós fomos a cultivos de soja, trigo e arroz”. Kalil Bittar diz que o pai contou também que tiveram uma agenda cultural que incluiu a cidade de Nanquim, capital da província de Jiangsu.

“Chocava um pouco na época a forma como eles organizavam a sociedade, muito diferente da nossa. Já havia nessa época a política do filho único [que vigorou de 1980 a 2015]⁵. Estávamos numa reunião ou atividade sobre esse tema, e me lembro que a intérprete que estava comigo me perguntou por gestos, por debaixo da mesa, quantos filhos eu tinha. Com os dedos, respondi que tinha três, e ela fez o mesmo, e rimos. Então, as mulheres não estavam nessa de um filho único; hoje você vê que era necessário; todas as crianças tinham garantia de creche e depois o que seria o jardim; a estrutura para as demais fases de ensino também se organizava a partir das necessidades de cada uma

5. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/18/china-onde-politica-do-filho-unico-vigorou-por-35-anos-vai-dar-beneficios-as-familias-que-tiverem-mais-criancas.ghhtml#>

das províncias. As maiores tinham universidades.” Na percepção de Rachel, as mulheres tinham mais chances de ter uma vida profissional, porque havia garantia de cuidados e educação para os filhos.

Mas a língua, segundo ela, era um impedimento para que pudesse entender com mais extensão e profundidade esse aspecto de gênero. “Havia regiões em que necessitávamos de duas intérpretes. Uma local, que traduzia o dialeto daquele lugar para uma intérprete mandarim-português que traduzia para nós. E não tive também muita oportunidade de estar mais próxima da vida doméstica das mulheres, das famílias”.

Rachel disse que houve uma ou duas reuniões com a participação do Diretório Nacional para organizar a viagem. Não se recorda quem participou ou se houve alguma reunião de avaliação na volta. Mas tem suas impressões e recordações esparsas da avaliação do marido, que não mencionou essa viagem específica em suas obras: “Não sei se estou exagerando, e não tenho muito crédito de que tenha sido muito bom. Eu acho que o PT não tinha ainda um acervo das coisas que fazia ou que queria fazer, um histórico... Então, acho que Wladimir ficou frustrado com muitas coisas. Não sei se na própria direção do PT havia um descrédito de que a China fosse ter o volume que teve depois e a importância que teria para o PT, inclusive no entendimento do problema operário, da massa, toda essa evolução de como lidar com os problemas que surgiam. E o PT era um partido extremamente novo.”

Luiz Eduardo Greenhalgh, secretário da SRI à época, não se recorda da realização dessa viagem inaugural do PT à China. Ele argumenta que o foco da secretaria era a relação com partidos e movimentos de esquerda da América Latina, em especial com Cuba. “Quem mais orientou o PT sobre a China foi Wladimir Pomar. Ele que nos abriu porta e contatos com a China, que nos mostrou como nos relacionar com os chineses, que nos mostrou como eles pensam. Ele era muito respeitado pelos chineses”, afirma.

6. Para mais informações a respeito, veja entrevista de Luiz Eduardo Greenhalgh à Fundação Perseu Abramo <https://www.youtube.com/watch?v=ARBBDIUd0io>

Além de alguns recortes de jornal, pouco se encontra sobre China nas 88 caixas de arquivo com materiais da SRI que estão sob a guarda do Centro Sérgio Buarque de Holanda Documentação e Memória Política (CSBH), da Fundação Perseu Abramo.

Numa das caixas, está um telex assinado por Gushiken, que presidiu o partido de 1988 a 1990. Trata-se da nota oficial do PT declarando indignação a respeito da repressão violenta do regime chinês às manifestações de estudantes na praça da Paz Celestial, em 1989. A mesma praça que ele havia visitado com os companheiros da delegação na viagem oficial. O breve texto de posicionamento do partido é finalizado com a seguinte frase: “Entendemos que aqueles trágicos acontecimentos são frontalmente contrários aos princípios do socialismo”.⁷

Sobre a viagem de 1984, nada foi encontrado no referido arquivo ou nos periódicos antigos digitalizados pelo CSBH/FPA.

Quase vinte anos depois, em abril de 2004, uma nova delegação do PT visitou a China, desta vez encabeçada pelo presidente nacional do Partido, José Genoíno. E assinou um protocolo de cooperação entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista. E, em 20 de setembro de 2023, durante a visita de uma delegação do PC da China ao Brasil, foi assinado um novo protocolo de cooperação. Polêmicas à parte, tudo indica que é uma amizade que veio para ficar.

Nota do editor: reportagem publicada originalmente no site oficial da Fundação Perseu Abramo em 14 de fevereiro de 2024. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/1984-pt-faz-sua-primeira-viagem-oficial-a-china/>

7. O episódio ficou conhecido como o Massacre da Praça da Paz Celestial ou, na versão dos comunistas chineses e apoiadores, os Incidentes da Praça Tiananmen. Sobre o caso, veja Moção do VI Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores, 1989, https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2019/07/Perseu_14.pdf, páginas 216 e 217.

Uma missão de parar o trânsito

Durante o governo Lula 1, o PT fez sua segunda visita oficial à China e fortaleceu laços com o PCCh

RITA CAMACHO

Jornalista e filiada ao PT.

Uma China imersa em inovações tecnológicas e com canteiros de obras de infraestrutura por toda parte. São esses os cenários mais presentes na memória dos integrantes da delegação de dirigentes petistas que visitou o gigante asiático na última semana de abril de 2004.

Vinte anos antes, em 1984, o Partido havia feito sua primeira viagem oficial à China, como contamos em outra reportagem¹. Naquela estreia, o PT estava recém-fundado e iniciando suas relações internacionais. Na nova oportunidade, o partido chegava com o mérito de ter levado um trabalhador à Presidência da República do Brasil pela primeira vez. Luiz Inácio Lula da Silva havia tomado posse em 2003.

Por isso, aquela missão de 2004 serviu também de precursora às visitas que o presidente Lula faria no mês seguinte à China e que os chineses fariam em novembro daquele ano ao Brasil, e que culminaria com o reconhecimento da China como economia de mercado.

1. <https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/1984-pt-faz-sua-primeira-viagem-oficial-a-china/?swcfpc=1>

“Quando Lula ganhou a eleição, a situação mundial estava se configurando numa certa tensão com a guerra do Iraque, o tensionamento do mundo árabe e a ascensão da China. Então a China era uma expectativa, e como a China vinha visitar o Brasil, havia todo um interesse de fazer uma disputa política. Eu já sabia que era uma agenda política e não de governo, o governo acompanhava, mas a principal figura era do partido”, diz José Genoino, que presidia o PT à época e chefiava a missão.

Mesmo tendo passado 20 anos dessa experiência, Genoino recorda de muitos aspectos, inclusive prévios. “Na preparação da viagem, eu tive várias reuniões com a Embaixada [da China no Brasil] e, aí, nós começamos a fazer o trabalho. Primeiro, que eles eram muito dedicados, o conhecimento sobre o Brasil era detalhado, não era só diplomático, existia muito interesse em conhecer o Brasil, o Mercosul, a integração sul-americana, e eles tinham detalhes sobre os estados, os governadores, o que foi a experiência de FHC. Aí eu percebi que eles estavam jogando pesado com essa visita.”

A formação política de Genoino também ampliava seu interesse pela viagem. “A gente tinha uma ligação afetiva, eu tive muito contato com a China via PCdoB, lendo *O Livro Vermelho*, de Mao Tsé-Tung, e outras obras dele. Tenho uma parte delas até hoje. Eu conhecia, não só por causa do movimento de 68, da revolução cultural, como também pelos escritos militares. Os treinamentos que o pessoal fez lá na China foram fonte de inspiração para a preparação da Guerrilha do Araguaia. E os companheiros da direção, da preparação, falavam muito da experiência desses cursos, o Osvaldão, o Bronca, o Zezinho, Paulo Rodrigues... Não era só uma visita diplomática racional, tinha um tempero na nossa relação com a China.”

Para acompanhá-lo, Genoino escalou no partido o que ele considerava uma “comitiva de alto nível”: a então senadora Fátima Cleide, de Rondônia; o então deputado federal Paulo Delgado, de Minas Gerais, que estava à frente da Secretaria de Relações Internacionais do PT; Delúbio Soares, que era secretário de Planejamento e Finanças, e Val-

ter Pomar, que era o terceiro vice-presidente do PT e estava secretário de Cultura, Esportes e Turismo da Prefeitura de Campinas (SP). Juntaram-se à comitiva oficial as companheiras de Genoino e Delúbio, respectivamente Rioco Kayano, filiada ao PT e que também militara no PCdoB, e Mônica Valente, que recém-integrava a Comissão Executiva Nacional e estava secretária de Administração e Gestão Pública da Prefeitura de São Paulo. “Eu apresentava a todos como integrantes do diretório nacional”, recorda-se o líder do grupo.

Genoino tinha se aproximado da diplomacia chinesa no Brasil após uma ocasião em que, como deputado federal, discursou na Câmara em comemoração a um aniversário da Revolução Chinesa. “Eu falei citando qual era o meu contato com a China, contato teórico, militante, e depois eles me chamaram para um almoço, e eu cheguei lá e tinha um salão com seis executivos [da embaixada e consulados], passei a tarde toda lá.”

Paulo Delgado diz que havia “dois problemas” chineses que interessavam à missão. “As pressões de fora, geopolíticas, as questões de uma China e dois sistemas, que era o problema do Tibete e de Taiwan. O Tibete resolveu. O Dalai Lama ainda estava forte naquela época, tinha ganho [em 1989] o [prêmio] Nobel [da Paz], então ele era uma pessoa que tensionava a China”. O ex-deputado complementa: “E também nos interessavam quais eram os programas governamentais de estabilização interna, eles tinham pressão externa, que os obrigava a gastar muito com exército, marinha, aeronáutica, mas eles tinham também o que eles chamavam de dificuldades internas.”

Para a delegação oficial, o PT pagou as passagens e adiantou U\$ 1,500 a cada um. Levavam na bagagem cartões de visita com a estrelinha do PT e seus nomes impressos em português e chinês. Depois de voarem pela Varig de São Paulo a Frankfurt, na Alemanha, a delegação embarcou pela companhia Lufthansa para o aeroporto de Pequim (ou Beijing), capital chinesa. Naquela manhã de 21 de abril, foram recebidos por uma equipe do Departamento de Relações Inter-

nacionais do Comitê Central do Partido Comunista da China (PCCh), chefiada por um manchu, etnia minoritária.

Para os deslocamentos de Genoio e Rioco, foi reservada uma limusine Lincoln. Os demais visitantes e um intérprete ocupavam um micro-ônibus. Dois outros veículos serviam de batedores. Todos os deslocamentos foram “cinematográficos”, escreveu Valter, informando que o trânsito era interrompido para que passassem, embora o fizessem de maneira discreta. Estas e outras observações de Valter constam de um relatório que ele fez da viagem; é deste relatório, assim como de impressos recolhidos por Valter durante a viagem e guardados desde então, que saíram várias das informações factuais citadas nesta reportagem.

A delegação foi instalada no Grand Hotel Beijing, um cinco estrelas que havia recebido, entre outras celebridades, o líder comunista vietnamita Ho Chi Minh. O mesmo padrão se manteve nas demais cidades visitadas. As hospedagens e os deslocamentos internos corriam por conta do PCCh. “Então ficamos em total conforto, porque eles nos estavam apresentando a China depois de uma relação de atrito”, reconhece Genoio.

“Até o jeito de dobrar papel higiênico, as toalhas, era padrão internacional. Você entrava naqueles hotéis e era o mesmo padrão de um hotel em qualquer lugar do mundo. Não tinha diferença”. A ex-senadora Fátima Cleide espantou-se com o fato de que em todos os banheiros dos hotéis ou dos lugares públicos que visitaram havia uma jovem chinesa vestida com roupas típicas do país e que providenciava a dobradura de uma flor nos rolos de papel higiênico após cada usuária deixar o recinto. Questionados pela delegação, os anfitriões explicaram quem havia treinado os funcionários. “Eles disseram que haviam estado na Europa e descobriram um francês amigo da China, a quem contrataram, por cinco ou seis anos, para dar curso para os trabalhadores em turismo”, conta Genoio.

O programa de nove dias estava todo organizado e foi entregue impresso em português aos integrantes da delegação na chegada. O

roteiro estava grampeado a uma capa e contracapa na cor branca com impressos em dourado: na frente, acima, centralizado, vê-se o símbolo com a foice e o martelo; no rodapé, em idiomas chinês e inglês, estava escrito: Departamento Internacional Comitê Central do Partido Comunista da China (PCCh).

A primeira atividade após almoçarem na Cafeteria do Sol, no hotel, foi na comarca de Si Ji Qing, onde visitaram o que os chineses traduziram como “jardim infantil” e uma “casa de velhice”, locais que Fátima Cleide considerou “muito organizados e limpos”. “Tínhamos a responsabilidade de levantar a situação da China, naquele momento de reabertura, e as minhas impressões são sempre muito voltadas para o social. Eles estavam modificando algumas regras no mundo do trabalho, como o direito a férias. Fazia parte do pacote de abertura. Então, o turismo interno estava sendo muito incentivado e acelerado. Aonde chegávamos, eram filas quilométricas para visitar os pontos turísticos. Eu pensava: ‘não volto aqui como gente normal é nunca, porque eu via as filas e me desestimulava’”.

Segundo Paulo Delgado, em vários hotéis, “só hotéis de luxo, internacionais”, jovens brasileiros trabalhavam como maitre, garçom etc. “Estavam lá por causa da facilidade de adaptação do brasileiro, trabalhadores levados pelas grandes redes hoteleiras internacionais”. Foi numa área turística também que a delegação conheceu a uma estudante brasileira que estudava na Europa e estagiava na China, aproveitando aquele momento de “segunda abertura econômica do país”, segundo Genoino. “E ela ficou com a gente, à noite, lá nesse hotel, e, no dia seguinte, nós queríamos que ela fosse conosco e o partido disse ‘não’”.

O rigor dos anfitriões chineses incluía pontualidade. “Às 6 horas da manhã batiam na nossa porta”, recorda Fátima Cleide. Para a então senadora, o componente emocional da viagem estava relacionado à 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, promovida pela ONU em 1995, e que reuniu 189 delegações governamentais e mais de cinco mil representantes de cerca de duas mil ONGs em Pequim. “Batalhei

muito na organização do movimento [no Brasil] e participei até a etapa nacional, que foi no Rio de Janeiro. Fiquei deslumbrada por esse aspecto”.

Justamente por estar atenta também à temática de gênero, Fátima deu-se conta de que os espaços de poder ainda eram muito pouco ocupados por mulheres. “Embora estivessem nas reuniões, notava-se que não estavam em papel de mando. Se estavam no poder, era mais para baixo na escadinha”. Estar ali remetia Fátima ainda às lembranças do que a mãe dizia durante sua infância: “Vá para a baixa da égua, vá para onde Judas perdeu as botas, vá para a China”, diverte-se.

Dentre os integrantes da comitiva, Paulo Delgado era o único que já havia visitado o país. Integrara um grupo que acompanhou Lula durante a pré-campanha presidencial em 2002 numa viagem organizada com o setor empresarial. Em missão parlamentar ou por outros interesses, voltaria várias vezes ao país, inclusive tem um filho, Henrique Delgado, que se formou em Economia numa universidade local. Também tinha relação com os chineses desde a Constituinte. “Fomos das primeiras bancadas que a embaixada [da China] convidou para conhecer”.

Paulo disse que percebia a admiração pelo Brasil em vários aspectos. “Pela dependência muito grande que eles tinham da agricultura brasileira. Eles queriam conhecer a Embrapa; na sequência da viagem do Lula, em 2002, e depois a nossa [em 2004], a Embraer foi para a China ensinar os chineses a fazer aviões e hoje eles também fazem aviões.”

Mas uma quase-viagem à China ficaria também muito marcada para Paulo Delgado pelas circunstâncias que envolveu. Em junho de 1989, ele, então secretário de organização, Francisco Weffort, que era secretário-geral, e o economista Jorge Mattoso integravam a representação escolhida pelo PT em atenção a um convite do Partido Comunista Chinês. Os três partiram com o seguinte plano de voo: São Paulo-Nova Iorque-Xangai-Pequim. Quando os convidados chegaram a Nova Iorque, foram avisados pelos chineses que a viagem

estava suspensa e já não embarcariam para a China. “Mas não explicavam o que havia acontecido. E muito engraçado que, para mostrar fidalguia com o PT, e mesmo sabendo que estávamos em Nova Iorque, eles nos ofereceram: ‘você podem voltar por Paris’”. Foi no hotel que a delegação descobriu o motivo: havia ocorrido o “massacre da Praça da Paz Celestial”, que os comunistas chineses e seus apoiadores chamam de “Incidentes da Praça Tiananmen”.

O PT rompeu politicamente com a China logo após o episódio. Na ocasião, Genoino era deputado federal e se somou aos que defenderam, no [VI] encontro do partido, a ruptura com a China. Na avaliação de Paulo Delgado, mesmo com essa decisão, houve sempre algum contato entre as partes. “A Embaixada [da China no Brasil] nunca deixou de nos receber”. (*Ver nos boxes as resoluções aprovadas em 1989, respectivamente, pelo encontro nacional do PT e pelo comitê central do PCdoB*).

Mas, na opinião de Genoino, mesmo após 15 anos, ainda havia um “estremecimento” na relação dos dois partidos. “Era o que eu tinha mais curiosidade; aquilo estava martelando na minha cabeça”. Mesmo em se tratando de uma visita diplomática, a comitiva tinha um pacto. “A gente tomou essa decisão: perguntar sobre tudo. Nada ficou sem perguntar”. O interesse de Genoino a respeito remontava à sua militância na luta armada. “Muitos companheiros morreram no Araguaia entendendo que a China era o farol do mundo, e o que foi aquela repressão? Aquilo me impactou muito”.

“E o Genoino, com sabedoria, tratou o tema”, lembra-se Paulo Delgado. Foi logo na primeira reunião com os anfitriões, em Pequim. “E eles foram muito francos comigo: primeiro falaram que o que estava em risco ali era a desintegração da China com a rebelião das províncias. E o que estava em jogo era o que eles chamam de o estado de ditadura do proletariado. E eles disseram: ‘nós chamamos a velha guarda para estabelecer o controle de Pequim, porque era a partir de Pequim que a coisa ia desabar’. A direção do partido e do governo da China estavam, na linguagem deles, vacilando. E eles trouxeram uma

direção política, uma direção militar, de fora de Pequim, para colocar ordem no pedaço, e aí a coisa de desenvolveu.”

“Aproveitaram-se da confusão das línguas na China. As tropas chinesas de Pequim ouviam as reclamações dos jovens lá e não reprimiam. Daí eles trouxeram gente da Mongólia, do Tibete, que fala outra língua, e aí o pau comeu”, conta Paulo Delgado sobre explicações que havia escutado durante aqueles anos que haviam transcorrido desde o “Incidente”.

Genoino conta que os chineses trataram de defender a decisão comparando seus métodos aos dos soviéticos. “Eles falaram que estavam, naquela época, ainda muito influenciados com o que tinha acontecido na ex-URSS. E disseram: ‘olhe, a diferença nossa com a ex-URSS é que, lá, eles abriram na economia e na política. Aqui, nós abrimos na economia, mas, na política, não. Porque, se abrisse na política, aí desintegrava as províncias, havia uma confrontação entre as províncias e o projeto da Grande China, o projeto de uma só China, o projeto que a China representava iria por água abaixo’. Eles foram muito francos. Eu nunca esqueci dessa afirmação: ‘a gente abre na economia, mas segura na política’. Porque a tese deles, que eles expuseram para nós, é que o poder político não podia ser negociado, o monopólio do poder político era indiscutível, você podia abrir na economia, você podia abrir empresa, abrir agências, mas o poder político para eles era o partido, o estado e o exército.”

O assunto controverso não azedou a relação com os chineses. “Eles estavam muito receptivos porque o Lula tinha ganhado a eleição, eles tinham interesse de retomar a relação com o partido”, considera Genoino. Naquela primeira noite, tiveram um jantar de boas-vindas no hotel Diao Yu Tai, com o mesmo dirigente que os recebera em reunião nesse local: Zhang Zhijun, então vice-ministro do Departamento Internacional do CC do PCCh.

Segundo Paulo Delgado, o princípio que orientava a China naquele período era o da tríplice representatividade. Ele enumera: “1- desenvolver as forças econômicas, 2 – desenvolver a cultura democrática e

3 – ser fiel aos interesses do povo. Que era o mote da gestão do Hu Jintao [presidente em 2003-13]. E um dos elementos centrais era a democracia, estava escrito lá.”

“O que nos interessava era ver o funcionamento interno do partido. Eles eram o segundo partido do mundo, sempre perderam dos indianos. O que nos colocava em sobreaviso, uma certa ressalva, é que o Estado só podia ser ocupado com gente do partido, e isso não servia ao Brasil, pois a democracia no Brasil tinha um conceito muito mais amplo. Não era nem a questão do socialismo, porque aquele mantra do Deng Xiaoping, o Hu Jintao desenvolveu mais que o próprio Jiang Zemin [presidente em 1993-2003], a ideia do enriquecer virtuoso. O problema é que o Hu Jintao deu um apoio muito forte à economia, abriu muito a China para o exterior e começaram a ter muitos problemas sociais. E agora está essa situação da China, de entreposto mundial virar um shopping nacional. A grande mudança de Hu Jintao, e a nossa delegação percebeu isso, eles estavam cuidando muito de exportação, cuidando muito do exterior, eles estavam indo muito para a África, eles estavam tentando entrar na América Latina e a gente via que aquilo ia produzir o que acabou produzindo. A única forma de riqueza para uma família chinesa é imóvel, o único bem que um chinês diz que é dele é um imóvel, naquela época estava começando a poder ter uma segunda casa, na praia, mas a classe média chinesa já era maior que a população dos Estados Unidos, já tinham 300 milhões na classe média, mas ainda tinha 500 milhões de pobres”, diz Paulo.

Em Pequim, além da visita aos pontos turísticos, a delegação teve mais reuniões, uma das quais com o embaixador brasileiro Affonso Celso de Ouro-Preto. “O embaixador do Brasil em Pequim era um cara muito preparado e nos orientou muito, nos acompanhou muito”, recorda Genoino. Os representantes do PT também estiveram com o vice-ministro do Ministério das Relações Exteriores da China.

Os chineses fizeram uma exposição sobre o projeto de uma só China. Genoino lembra-se do comentário de um dos dirigentes do

PCCh durante a reunião: “vocês vão visitar a China e não vão encontrar nenhuma prenda de nenhum país, aqui tudo é nosso. Nós não temos prenda roubada, saqueada, de nenhum país”.

Na ocasião, Valter anotou que os contatos mantidos com a cúpula do partido (e do governo) foram protocolares, “embora tenha ficado claro para nós que os chineses dão muita importância às relações com o PT e com o governo brasileiro”.

Genoino avalia que a relação entre PT e PCCh se estreitou, “porque eles tinham todo um interesse pelo Brasil”. “Veja bem, a vitória de Lula, o que estava se abrindo para a China na América do Sul, o que estava se abrindo para a China na África, o papel protagonista de Lula ao recusar a Alca, o papel protagonista de Lula em reunir os países árabes aqui na América do Sul e o papel do Lula ao ter se colocado contra a guerra no Iraque, frontalmente e diante do Bush, então eles tinham uma expectativa muito grande em relação ao Lula e ao governo Lula. Por outro lado, eles também queriam conhecer muita coisa sobre o PT, porque o PT fugia do padrão PCCh. No PT, essa história de tendência, de massa, isso era uma novidade, eles queriam saber como era, como dirigia, como fazia, como era a formação, então a gente dizia: ‘aqui [na delegação] tem gente de várias tendências’. Eles perguntavam sobre isso, mas eles sabiam que o PT era um partido de trabalhadores, da classe trabalhadora, com liderança do Lula. Eles tinham muito interesse nessa relação e nesse conhecimento.”

Na opinião de Fátima Cleide, “para eles [os chineses], o partido é mais importante que o governo, mas é claro que estar no governo aqui [no Brasil] facilitou essa relação. E ficou marcada a intenção de ampliar a aliança Sul-Sul”.

No Palácio do Povo, encontraram-se com Jia Qinglin, membro permanente do Birô Político do CC do PCCh e presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês. “O congresso deles é gigantesco, tem milhares de membros e a gente não entendia por que não avançavam para a democracia parlamentar, eletiva, e eles diziam desse problema das nacionalidades: ‘porque, ao invés de ser federais,

nós teríamos que ser um concerto de nações internas, e a grande luta do Mao era a unificação, a grande China’, mas a maneira como eles tratavam as nacionalidades nos interessava, embora a clivagem brasileira não seja tão clara quanto a deles”, observa Paulo Delgado, atualmente diretor da Fecomércio, em São Paulo.

No Hotel de Gui Bin Lou, a reunião foi com Wang Jiarui, ministro do Departamento Internacional do CC do PCCh. Foi nessa ocasião que os dois partidos assinaram um Protocolo de Cooperação Política². Valter Pomar, que em 2005 assumiria o comando da Secretaria de Relações Internacionais do PT, explica que a relação entre os dois partidos se manteve ao longo de todos estes anos sem interrupção. “Além das trocas de delegação, tivemos várias edições dos seminários entre os dois partidos. Mas a reflexão sobre a China, dentro do PT, não avançou de forma organizada”, avalia.

Em 2004, a população do país era de 1,2 bilhão de habitantes e vigorava a política do filho único. “Eu fiquei espantado de como tudo é grande. A praça é grande; a multidão é grande; os hotéis são grandes. A gente ficava no principal hotel de Pequim, em frente à praça da principal estação de metrô, quando abria, parecia uma passeata dos 100 mil”, compara Genoino, intrigado também de como a multidão rapidamente se dissipava. “Só Pequim e Xangai já era um mundo.”

Valter Pomar concorda que a escala é impressionante e destaca outro aspecto que chamou sua atenção: a ausência de armas. “A única arma que vi na visita inteira foi no coldre do policial chinês que estava o tempo todo com o Genoino”.

Embora o combinado fosse perguntar a respeito de qualquer tema que lhes interessasse, não foi bem assim: “Uma coisa que senti falta, porque certas coisas a gente nem pedia para ver, eles não mostraram nada no terreno da defesa militar. Nada! Nem a gente pediu, nem eles se ofereceram. Eu tinha o maior interesse do mundo, até pela minha experiência. Mas nós sentimos que era um assunto que não estava na

2. <https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/download/protocolo-de-cooperacao-politica-entre-o-pt-e-o-pcchina-2004/?swcfpc=1>

pauta; porque eles mandam recado; eles falam muito por símbolos e imagens, e a gente não visitou nenhum quartel, nenhum centro tecnológico, nada. Aí a gente já sacou que aquilo era algo inexpugnável.”

O único comentário sobre defesa foi durante a visita à Muralha da China. “Eles me explicaram o seguinte: a parede da muralha, para dentro, é mais baixa; para fora, a muralha é mais alta, porque o nosso problema sempre foi a defesa da grande China, de uma só China.” Outros pontos turísticos visitados em Pequim foram a Cidade Proibida e a praça Tiananmen (ou praça da Paz Celestial).

Os chineses eram cuidadosos, mas o grupo de brasileiros tinha também suas reservas. Embora tivessem intérpretes, a delegação desconfiou que todos que os recepcionavam ou acompanhavam falavam português, ainda que não revelassem. “Então a gente se continha”, explica Fátima Cleide. “Tipo onze horas, meia noite, a gente se juntava num quarto para trocar impressões [sobre as agendas]”.

Banquetes

Ao final do terceiro dia de visita, a delegação partiu em voo para Xian, onde jantaram num restaurante “chiquérrimo, cheio de turistas estrangeiros”, observou Valter. “A gente era tão bem tratado, muita deferência, muita recepção que a gente ficava muito regozijado”, diz Genoino.

“Comemos muito bem, eram só banquetes, a gente não aguentava mais comer”, resume Fátima Cleide sobre a experiência gastronômica durante a missão. Mas ela conta que pouco viram carne bovina e, mesmo quando esse prato foi servido, não a apeteceu, devido ao aspecto. “A carne vinha da Mongólia e era mais escura”.

Fátima conta que havia muita formalidade. Brasileiros e chineses se sentavam alternadamente em volta das mesas sempre redondas de refeição. Além de cerimônia, tinha também muita atenção em tudo que se passava com os convidados. “Toda comemoração, almoço, janta, toma-se o campei, uma cachaça chinesa, ou para fazer brindes: ‘viva a relação Brasil e China’; ‘viva o presidente Lula’. Só que como

eu tenho pressão alta, eu não posso beber muito álcool e eu comentei com o Paulo Delgado”. No evento seguinte, todos os comensais receberam o campei, menos Genoino. “Porque possivelmente o intérprete já tivesse avisado. Era uma coisa muito precisa, muito controlada”.

Quem acabou tendo problema com a pressão, foi Paulo Delgado. “Na hora ele foi atendido, questão relâmpago. Ele foi levado para uma unidade de saúde rapidamente. Eles mostravam uma eficiência muito grande”, lembra-se Genoino.

A prática chinesa de bem servir à mesa seus convidados tinha causado constrangimentos durante o jantar oferecido pela Embaixada da China à bancada petista na Constituinte. “Vinha aquele monte de prato, como se fosse o Bolero de Ravel, e a gente comia tudo”, conta Paulo Delgado. Segundo ele, antes que o pessoal estourasse de comer, foi preciso que o embaixador chamasse Plínio Arruda e dissesse: “líder, avisa eles [os demais deputados], que isso é um banquete do nível mais alto, esse banquete tem 16 pratos.”

Sem apagamentos

No sábado, 24 de abril, os integrantes da delegação almoçaram com o líder local do PCCh; também visitaram o Museu da Província de Shanxi, um balneário histórico e os Guerreiros de Terracota, dos quais Genoino trouxe um pequeno quadro de lembrança. “Eles tentavam mostrar para a gente a vinculação e respeito pela história, inclusive da época das dinastias, principalmente através da cultura”, avalia Fátima Cleide.

“Eu defendo a China no Jornal Nacional, se quiserem. Eles não derrubaram um templo, não derrubaram um [monumento a] Buda. A cadeira do Dalai Lama está lá no Tibete, não a derrubaram. Só não admitem que ele seja um militar. Ser monge, sim, mas monge com metralhadora, não. Mas não tem apagamentos. Não fez como a União Soviética, que apagou o Trotsky”, diz Paulo.

Para Genoino, eles têm “até devoção” pela própria história. “Eles têm um grau de autoestima impressionante com o que é da China,

por exemplo, a gente perguntava sobre as figuras da história da China. Então, qual era a tese dele? Que figuras como Mao [Tsé Tung], Deng Xiaoping, mesmo [o general] Lin Biao, mesmo o Bando dos Quatro, estão incorporados à história da China. Eles não têm aquela visão de negacionista, que foi uma das características do stalinismo, *né?* Apagar, apagar. Eles [os chineses] não apagam. Então, o Mao é uma entidade. Deng Xiaoping é uma entidade. Os dirigentes que participaram da condução do partido são instituições que eles prezam, porque aquilo faz parte de uma história que eles cultuam, preservam”. Geinoino acrescenta: “Ao lado de livros de Mao, havia títulos do Bando dos Quatro. Eles entregaram esses livros para a gente.”

Em Xian, como em Pequim, havia forte presença da história e da cultura chinesas. “Misturam-se a arquitetura chinesa e ocidental”, escreveu Valter em seu caderno, onde destaca também o alto nível de organização urbana das duas cidades. Esse aspecto chamou a atenção de Fátima Cleide também. “Havia umas floreiras muito grandes nas avenidas e viadutos de Pequim, e não havia uma pétala de flor que estivesse murchando, havia troca ou manutenção todos os dias. Também era um sinal de empregabilidade, nas pequenas coisas você notava a presença do emprego”. Também havia iluminação noturna para as árvores e os prédios históricos.

Evidentemente que a visita não foi organizada para que a delegação visse a pobreza que estava presente em Pequim, e mais ainda em Xian, pondera Valter, mas, segundo ele, todos os interlocutores chineses faziam questão de citar a existência de pobreza na China. “Muita pobreza contrastando com uma ‘classe média’ e – suponho – com um empresariado e com a alta burocracia governamental”, escreveu.

Fátima Cleide lembra-se da arquitetura das moradias populares, que ela considerou “bem quadradinha”. “É que sou da Amazônia, estou acostumada com espaço. Então tinham uns prédios maravilhosos, com calcinhas penduradas na janela. Não tinha uma área de serviço reservada, não tinha varanda, não tinha área de sol, que seria

um mínimo de dignidade. Um olhar mais humanizado para esse empoleiramento de pessoas.”

Genoino recorda-se que discutiram a questão dos direitos sociais e que os chineses afirmavam que garantiam o essencial para as pessoas viverem bem. “Eles disseram: ‘aqui é o seguinte: transporte, moradia, educação e saúde é público’; então, a gente via os conjuntos habitacionais, escola, centro de lazer e esportivo. Vimos várias comunidades urbanas em franca expansão, com construção de prédio e conjuntos, torres enormes, muita construção. Estavam iniciando um movimento que agora cresceu bem, que era diminuir a pobreza na China. E o que ficava na cara, para a gente, era a direção política, ou na forma de controle, ou na forma de direção, era algo visível.”

Na noite do sábado, a delegação tomou outro voo para Guangzhou (Cantão), na província de Guangdong. Receberam o roteiro local num pequeno livreto de capa azul, com o desenho do mapa mundi. Em caracteres brancos, está escrito no topo da capa em chinês e inglês: Itinerário VIP. E, no rodapé, Gabinete dos Negócios Estrangeiros do Governo Provincial de Guangdong. No verso da capa, a evolução de dados populacionais e econômicos locais e, na página 1, em espanhol, os votos de boas-vindas à delegação do PT.

O pequeno livreto trazia também os nomes e cargos dos nove dirigentes (seis do PCCh, três de governo) que estiveram com a delegação naquela província. Dentre os quais, Zhang Dejiang, membro do Birô Político do CC do PCCh. “Foi muito interessante porque ele era um dos quadros em ascensão no partido, a gente sabia, eles falavam isso. E foi uma discussão muito interessante sobre os dilemas que começavam a ser discutidos na China, por exemplo, o dilema de abrir na economia e não abrir na política, a discussão do socialismo de características chinesas, a discussão da hegemonia na economia via partido. Eles diziam: ‘nós disputamos a hegemonia na economia, podemos conviver com empresas, mas não abrimos mão do comando’. Como a gente já tinha tirado o fantasma da praça [da Paz Celestial],

facilitava toda essa discussão com eles.” Também tiveram mais duas reuniões políticas com o alto escalão do partido na região.

Nessa província, estiveram em feiras de artigos chineses para exportação, no Museu de Artes Folclóricas (Templo de Clan Chen); num mercado de produtos de indústria leve e têxteis de Xiqiao; no Museu Comemorativo de Kongfu. Genoino conta como ficou impressionado numa das feiras: “Na entrada, você escolhe a estampa do tecido e no final da visita está lá o tecido estampado. Lógico que eles aceleraram tudo para nós”.

Genoino também destaca a simpatia e receptividade dos chineses com os quais teve contato. “Eles tratavam a gente muito bem e era um pessoal muito alegre, muito feliz, impressionava muito, o pessoal estava sempre rindo, não tinha nada de arrogante ou cara fechada, era um povo muito alegre. Os vendedores de comida exótica, de presentes, de roupas nas ruas, um pessoal brincalhão; eles chegavam com a maquinazinha [de calcular] e apontavam o preço, a gente fazia sinal para baixar e eles baixavam, a gente negociava com a maquinazinha, achei uma coisa muito atraente, não sei se era orientação do partido, porque não dava para orientar aquilo de maneira dirigida pelo partido. Mas eles te cativam muito, eles te adotam, o turista é adotado, você não é maltratado, eles estão te abraçando, não negam nada, informavam.”

Como a viagem, segundo Paulo Delgado, foi organizada para que a delegação conhecesse as grandes experiências urbanas chinesas, o grupo não visitou comunidades rurais ou agrícolas. “Nós visitamos uma cidade que foi construída e era pouco habitada, era para 500 mil pessoas, nos arredores de Xangai, a mais rica da China, e eles desenvolviam árvores para evitar mosquitos na cidade. Eles tinham um Burle Marx deles, um botânico, e eu lembro muito bem que eles nos disseram que aquela experiência urbana era para ver se a forma de arborizar uma cidade é ambientalmente sustentável e eles transportaram para lá árvores que não eram naturais daquela região, e muitas eram de citronela, e o cheiro evitava insetos, mas houve um desequi-

líbrio porque diminuíram os insetos, mas aumentaram os ratos, e eles estavam estudando esse desequilíbrio.”

Também impressionou Paulo um porto que os chineses estavam fazendo. “Um chinês do partido até disse que ‘nós vamos roubar do ocidente a expressão transatlântico para chamar transpacífico, trans-índico’ e os grandes navios realmente passaram a ir para a China, estava começando esse investimento forte em economia”.

Fátima se lembra de outros desafios ambientais mencionados durante a visita. “Por causa do desenvolvimento muito acelerado, já começavam a sofrer, naquele momento, problemas com relação à contaminação da água com metais pesados e estava com reflexos na agricultura. Já era um problema ambiental. E também com relação ao ar, por conta da falta de barreiras para o vento, eles estavam tentando fazer contenção para as tempestades de areia. Nós enfrentamos tempestade de areia. A lógica era produzir muito e não havia regras.” Paulo diz que “eles [os chineses] estavam iniciando o reflorestamento de Pequim para que o vento do deserto não passasse para dentro da cidade” e lembra-se que a população tentava se proteger. “Foi a primeira vez, 20 anos antes da pandemia, que vimos as pessoas com máscara, e esse pó que vem da região da Mongólia adoecia as pessoas”. Paulo observou que as bicicletas já estavam sumindo. “As cidades estavam ficando mais poluídas e Pequim ainda era poluída. Não chegamos a ver o céu um dia em Pequim, era aquela coisa branca. Na olimpíada [2008], eles limparam o céu, tomaram essa decisão.”

Xangai

Na tarde de terça, 27 de abril, a delegação fez outro voo interno, desta vez para Xangai. E foi ali o destino mais impactante para os integrantes da delegação petista em termos de percepção da pujança tecnológica da China. Viajaram num comboio, uma espécie de trem de levitação magnética, o Maglev, que havia sido inaugurado três meses antes. Atualmente, a velocidade máxima atingida por esse transporte que sai do aeroporto de Xangai é de 431 km/h. “Marcou-

-me muito observar o emprego da tecnologia a serviço de melhorar a vida das pessoas, começando pelo emprego”, afirma Fátima Cleide.

“Eu já havia lido a respeito, visto filmes, conversado com pessoas que tinham viajado para a China. Mas, óbvio, é totalmente diferente estar fisicamente. O que mais me impactou foi, em Xangai, ver a bandeira vermelha tremulando num ambiente totalmente high tech, futurista. Para mim, que vinculo o comunismo com futuro, foi uma epifania”, afirma Valter Pomar.

Em Xangai, segundo Genoio, a centralidade foi econômica. “Aquela monstruosidade impactante. Visitamos empresa de celular, empresa de relógio. Nessa cidade, estiveram com o chefe do partido, “que era uma pessoa muito importante”.

Genoio conta que visitaram polos econômicos e industriais. “Cada polo industrial tinha um centro tecnológico e uma universidade. Polo de computação, polo de celular, era tudo integrado. E uma população trabalhadora muito jovem. Eles explicavam: ‘o pessoal sai da universidade até fisicamente está no mesmo ambiente [quando começa a trabalhar]’”. Numa construtora que visitaram em Xangai, possivelmente a Andrade Gutierrez, os executivos disseram o seguinte, segundo Genoio: “olhe, aqui eles conhecem tudo, esse negócio de transferência de tecnologia, tudo que a gente faz aqui eles aprendem a fazer, eles sabem fazer, na construtora, quando estavam fazendo a grande barragem que estava sendo construída na China.”

Fátima se surpreendeu com o grande número de construções em andamento. “Fiquei impressionada com a quantidade de guindastes, eram muitas obras, de todo tipo. Muitas obras de infraestrutura. Visitamos empresas de telecomunicações, e, naquela época, já estavam 100 anos luz na nossa frente em termos de tecnologia”. Mesmo assim, foi em Xangai que Fátima considera que teve mais contato com a população. “Porque Rioco queria visitar um mercado popular, sentir cheiro de povo, e eu a acompanhei enquanto a delegação visitou uma siderúrgica.”

Reflexões

Genoino diz que ficava claro que a economia estava sob controle. “Não é a livre iniciativa e a propriedade privada em absoluto, você tem algo que direciona, isso eles deixaram claro e outra, eles diziam: ‘aqui, banco, energia, exportação é [propriedade do] estado’. Eles não abriam mão da questão política porque a gente discutia a relação de partido e tal, a questão dos caminhos do socialismo, discutíamos numa boa, na época era o socialismo de mercado, depois é que passaram a chamar de socialismo de características chinesas”.

Paulo compara com o Brasil: “Os chineses tinham muita consciência de que a estabilidade social era importante, enfrentar as tais instabilidade internas com sabedoria, porque eles sabiam que o desafio deles, os dirigentes diziam, na hora que chegasse no que caracteriza um país de classe média, ‘a possibilidade de a gente parar é muito grande, nós vamos ter ricos, mas a menos que a gente tenha 2 bilhões de habitantes’, aí eles estavam começando a ter dúvida se a política do filho único era boa, a Índia estava começando a crescer. O Brasil e a China são muito parecidos, porque a política de renda média brasileira, para você virar e ficar rico, é preciso ter um pouco mais de gente, precisava ter 300 milhões, para ter comércio, ter mercado, emprego. E os chineses percebem que, pela extensão, pela falta de produtividade da terra — a China não é um Brasil em termos de fertilidade da terra —, eles tinham que combinar crescimento da população para poder sustentar um mercado. Tanto que agora que a China voltou para dentro”.

Genoino considera que há um desafio de entendimento. “Acho que tem um debate que está aberto na esquerda que é entender o que é a China. Olha, isso aqui a gente tem que entender, não dá para simplificar, não dá para bater palma pura e simplesmente, nem dá para condenar pura e simplesmente. Tem que entender o que é isso aqui, entender essa grandiosidade, esses enigmas, esses mistérios, como é que chegou a isso, tem que entender, essa foi a principal impressão

que ficou para mim. Tem que abrir a cabeça para entender melhor o que é isso, para onde isso caminha”, reflete Genoio.

E o que Lula teria assimilado da experiência chinesa? “Eu acho que a ideia que a China passa de projeto de país, o projeto de grande país, de uma só China, isso eu acho que eles martelam muito e isso toca muito ao Lula”.

Na avaliação de Genoio, uma visita protocolar, diplomática, formalizada, não tem condições de captar tudo. “Pelo tamanho, pelos mistérios que aquilo envolve, acho que ali é questão de ficar no mínimo por alguns meses, morar um pouquinho, ver o dia a dia. Como é a vida na comunidade, como é o poder local”.

Genoio destaca o que para ele é um ponto-chave para esse entendimento. “A grande questão é que você sai de uma formação ocidentalizada para uma formação orientalizada, e as referências, os parâmetros são diferentes. Eu acho que é o dilema que estamos vivendo hoje, o mundo foi dominado por uma hegemonia ocidental judaico-cristã; esse mundo cristão, imperialista, judaico, com os valores e tudo, está em crise, porque não incorporou o que eu chamo de pluralidade civilizatória, tem que incorporar outras civilizações, outro modo de ver a humanidade, outros modos de existir.”

Nota do editor: reportagem publicada originalmente no site oficial da Fundação Perseu Abramo em 11 de março de 2024. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/uma-missao-de-parar-o-transito/>

Link para o documento aprovado no VI Encontro Nacional do PT sobre os incidentes na China em 1989 <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/04-mocao-VI-encontro.pdf>

Incidentes da Praça da Paz Celestial, a posição do PCdoB em 1989:

<https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/download/incidentes-da-praca-da-paz-celestial-a-posicao-do-pcdob-em-1989/>

PT e PCCh: 40 anos de relações

.....
RITA CAMACHO

Jornalista e filiada ao PT.

“Desde o estabelecimento das relações entre o PCCh e o PT em 1984, os nossos dois partidos têm compartilhado entendimento mútuo, confiança mútua e apoio mútuo, e têm realizado ativamente intercâmbios e cooperações em diversos níveis, promovendo profundamente o desenvolvimento das relações entre a China e o Brasil”. O texto, assinado pelo Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista da China, compõe o breve prefácio do *Álbum de Imagens dos Intercâmbios de 40 anos entre o Partido Comunista da China e o Partido dos Trabalhadores do Brasil (1984-2024)*, editado em abril de 2024.

O livro foi entregue formalmente por Liu Jianchao, ministro do Departamento Internacional do Comitê Central do PCCh, à presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, logo no primeiro dia de atividades da delegação petista que esteve em missão oficial à China de 9 a 20 de abril. Durante solenidade num hotel de propriedade do PCCh, em Pequim, todos os outros 26 integrantes do grupo receberam um exemplar da sofisticada publicação, que traz em sua capa o nome do livro, em chinês e português, escrito em letras douradas, além das imagens das bandeiras dos dois partidos.

É com base nas imagens e respectivas legendas dessa coletânea organizada pelos chineses que contamos um pouco a respeito da histórica relação, que se estabeleceu oficialmente em outubro de 1984. Foi nessa ocasião que o então vice-presidente do PT, Jacó Bittar, chefiou a primeira missão do PT à China. Bittar e os demais companheiros da delegação – Luiz Gushiken, Wladimir Pomar e Rachel Pomar – reuniram-se, entre outros, com Liao Hansheng, vice-presidente da Comissão Permanente da Assembleia Popular Nacional da China, e visitaram a casa onde se realizou o Primeiro Congresso do PCCh em Xangai. Para saber mais sobre essa viagem, leia reportagem na página 9.

Ao menos no que diz respeito aos registros dos comunistas chineses, nota-se uma grande lacuna desde essa estreia, em 1984, até quase o final dos anos 90. Localiza-se, nesse intervalo, o episódio que estremeria as relações entre o PT e o governo chinês e o PCCh. Trata-se do Massacre da Praça da Paz Celestial ou, na versão dos comunistas chineses e apoiadores, os Incidentes da Praça Tiananmen, ocorridos em 1989. Naquele mesmo ano, o PT condenava o ocorrido e seus desdobramentos numa Moção de seu VI Encontro Nacional. O texto começava assim: “O governo chinês acaba de condenar à morte três trabalhadores de Xangai, acusados de liderar manifestações de protesto ocorridas na cidade. São as primeiras condenações formais à pena capital na onda de repressão às mobilizações que exigiam a democratização do país O governo chinês decretou guerra ao seu próprio povo. O autodenominado Exército Popular fez no final de semana de 2 a 4 de junho um banho de sangue que poucas vezes se viu na história.”

Por isso, data de 1997 o intercâmbio oficial seguinte. Em 12 de setembro daquele ano, José Dirceu, então presidente do PT, e Marco Aurélio Garcia, que era o titular da Secretaria de Relações Internacionais, assinaram a saudação enviada aos delegados e delegadas do 15º Congresso Nacional do PCCh. Um trecho da mensagem dizia: “Reafirmamos nossa vontade de estreitar as relações entre os nossos

partidos, de aprofundar o conhecimento da realidade de voos país e de vosso povo para encontramos vias de cooperação na construção de uma ordem mundial mais justa e solidária”. No mesmo mês, o Departamento Internacional do Comitê Central do PCCh parabenizou José Dirceu por sua reeleição a presidente do PT.

Dois anos depois, em novembro de 1999, o intercâmbio seguia protocolar. Os chineses parabenizavam o PT pela realização do 2º Congresso Nacional e, em dezembro, o mesmo departamento saudava a eleição de Dirceu como presidente do PT pela terceira vez.

Mas as relações PT-PCCh se intensificariam a partir de 2001. No mês de maio, Luiz Inácio Lula da Silva, que se preparava para sua quarta campanha à Presidência da República, chefiou a comitiva do PT que visitou a China. O grupo foi recebido por Wei Jianxing, membro permanente do Birô Político do CC do PCCh e secretário do Secretariado do CC. O Álbum traz imagem de Lula e acompanhantes também junto a crianças chinesas nas dependências do zoológico de Xangai. Em 28 de outubro do ano seguinte, o PCCh parabenizava oficialmente Lula por sua eleição como presidente do Brasil.

Em 2003, primeiro ano do governo Lula, o PCCh fez duas viagens oficiais ao Brasil. Em agosto, a delegação chefiada por Liu Hongcai, então vice-ministro do Departamento Internacional do CC, teve encontros com dirigentes petistas e com o governo. Em novembro, o próprio presidente Lula recebeu a comitiva liderada por Zhang Dejiang, membro do Birô Político do CC e secretário provincial de Guangdong. Por parte do PT, o anfitrião foi o então presidente José Genoino.

Seria Genoino, também, a chefiar a missão seguinte do PT na China, em abril de 2004. Sobre essa viagem, há mais informações em reportagem específica na página xX. Mas para darmos sequência a essa história, é importante que se mencione: foi durante essa visita que os dois partidos assinaram o seguinte protocolo de cooperação:

PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO POLÍTICA ENTRE O PARTIDO DOS TRABALHADORES DO BRASIL E O PARTIDO COMUNISTA DA CHINA

Considerando que: o Brasil e a China são países importantes respectivamente na América Latina e na Ásia, que desempenham papéis de extrema importância os assuntos regionais e mundiais. O Partido dos Trabalhadores do Brasil e o Partido Comunista da China (doravante designados como os dois partidos) assumem, em seus respectivos países, as mesmas tarefas no sentido de defender a independência e soberania nacional, desenvolver a economia nacional, melhorar a vida do povo, assegurar a paz tanto regional como mundial e lograr o desenvolvimento em conjunto. Com nos princípios de independência e autodeterminação, plena igualdade, respeito mútuo e não interferência nos respectivos assuntos internos, os dois partidos estão dispostos a continuar a consolidar e desenvolver o relacionamento amistoso de cooperação entre si, a fim de promover o desenvolvimento profundo de cooperação entre o Brasil e a China nas áreas política, econômica, diplomática, cultural, entre outras.

Os dois partidos chegam a acordar o seguinte:

Artigo I

Manter a troca de visitas entre os dois partidos, sobretudo dos altos dirigentes partidários. Realizar consulta política anual entre os dirigentes dos dois partidos, através da qual se trocam as experiências na administração de país e gestão política, visando estimular o desenvolvimento econômico e social dos dois países.

Artigo II

Comunicar-se, de forma não periódica, as posições dos dois partidos sobre as principais questões regionais e internacionais, de tal forma a reforçar o entendimento mútuo e coordenação entre as duas partes nas questões que interessem aos dois países e povos, defendendo, assim, os interesses e direitos de amplos países em desenvolvimento.

Artigo III

Trocar os documentos, materiais e publicações dos dois partidos, para favorecer um melhor conhecimento mútuo.

Artigo IV

Continuar a incentivar e promover o intercâmbio amistoso ente as organizações de massa e as comunidades sociais dos dois países, como os sindicatos, organizações de jovens, mulheres etc.

Artigo V

O presente protocolo é elaborado em dois exemplares originais, cada um nas línguas portuguesa e chinesa, sendo ambos os textos igualmente válidos.

23 de abril de 2004, Beijing.

Logo no ano seguinte, representantes do PCCh aterrissam no Brasil e são recebidos por Genoio. Em 2006, a carta do Partido chinês congratulando o PT pela reeleição de Lula já tem uma página e meia, diferente das demais, que eram sucintas. Segue a troca de correspondência por ocasião de congressos. Em 2007, os chineses recebem o então senador Eduardo Suplicy.

Era julho de 2008, sob o segundo governo de Lula, que veio ao Brasil uma comitiva do PCCh chefiada por He Guoqiang, membro permanente do BP do CC. O grupo se encontrou com Ricardo Berzoni, então presidente do PT, e com Arlindo Chinaglia (PT-SP), que presidia a Câmara dos Deputados

O PT retribuiu a visita em maio de 2009. José Eduardo Cardozo, que era secretário-geral, chefiou a comitiva que participou do 2º Seminário Teórico do PCCh-PT. Após essa visita, a Fundação Perseu Abramo publicou um livro editado em português e em chinês. Em 2010, o PT enviava dois representantes para a Comitiva de Partidos da América Latina e Caribe a visitar a China.

Em junho de 2011, já sob o governo Dilma Rousseff, o presidente do PT à época, Rui Falcão, recebeu comitiva do PCCh chefiada por Wang Lequan, membro do BP do CC e vice-secretário da Comissão de Políticas e Leis do CC. Um mês depois, fez-se o intercâmbio. Jorge

Coelho, que estava vice-presidente do PT, e outros dirigentes petistas participaram da comitiva do governo brasileiro que visitou a China. Em setembro do mesmo ano, Rui Falcão liderou a delegação que participou do 4º Seminário Teórico do PCCh-PT.

Monica Valente, então secretária de Relações Internacionais do PT, foi a primeira mulher a chefiar uma missão do Partido na China, em 2014. No ano seguinte, 2015, os chineses enviaram uma delegação ao Brasil e o PT enviou à China representantes na Comitiva de Jovens Políticos do Brasil. Em dezembro, Jorge Coelho participou e discursou na 1ª Conferência de Fórum de Partidos Políticos China-CELAC

Nos anos seguintes, o PT seguiu com representação nos eventos partidários que o PCCh promoveu ou recebeu. Em 2016, Juliana Cardozo, do Diretório Nacional, integrou a Comitiva de Partidos Políticos de Esquerda e Think-tanks da América Latina e Caribe que foi à China. Em 2017, Jacques Wagner, como dirigente do PT, esteve no Fórum de Partidos Políticos, Think-tanks e Organizações Cívicas do BRICS em Fuzhou. Em setembro daquele ano, Edinho Silva, prefeito de Araraquara-SP, participou da Comitiva de Partidos Políticos de Esquerda do Brasil que esteve na China. Em dezembro, Gleisi Hoffmann e Monica Valente representaram o PT no Diálogo de Alto Nível entre PCCh e Partidos Políticos do Mundo em Pequim.

Em maio de 2018, foi Romênio Pereira quem participou da segunda edição do China-CELAC. Em 2019, Romênio e Monica Valente, esta pelo Foro de São Paulo, integraram a Comitiva de Partidos Políticos de Esquerda da América Latina e Caribe que foi à China. Os chineses publicaram no Álbum fotos de ambos em visita à Região Autônoma da Etnia Uygur de Xinjiang.

Quando o PCCh completou 100 anos de fundação, em junho de 2021, Gleisi e Romênio assinaram a carta de parabenização. “Saibam que sempre poderão contar conosco para acompanhá-los nessa jornada pelo bem da humanidade e de nosso planeta”, diz um trecho da mensagem.

Em julho daquele ano, com o mundo ainda sob a ameaça da pandemia do COVID-19, Lula reuniu-se de forma online com Song Tao, ministro do Departamento Internacional do CC do PCCh. Ocasão em que o PT participou, também de forma virtual, da Cúpula do PCCh e Partidos Políticos do Mundo. No mesmo mês, Monica Valente representou o PT no 3º China-CELAC, em reunião também online. Foi virtual ainda a participação de Romênio no Fórum de Partidos Políticos, Think-tanks e Organizações Cívicas do BRICS em maio de 2022.

Na reeleição de Xi Jinping como secretário-geral do CC do PCCh, não foi apenas Gleisi e Romênio que enviaram mensagem oficial de congratulações. Lula e Dilma também o fizeram. Na carta com data de 23 de outubro de 2022, uma semana antes de ser eleito em segundo turno para presidente do Brasil, Lula escreveu: “Durante o período em que governei o Brasil vi com satisfação nossa Parceria Estratégica global consolidar-se e expandir-se, cujos reflexos nos mais diversos campos.”

No primeiro ano do governo Lula 3, Monica e Romênio voltaram à China no mês de fevereiro em viagem oficial do PT. Visitaram por exemplo, na Escola Central do PCCh e no Museu da História do PCCh. Em maio, Saulo Dias, secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento, participou da Comitativa de Juventude da América Latina e Caribe que visitou a China.

Foi em junho de 2023 que uma comitativa formada por 20 petistas e chefiada por Henrique Fontana, secretário-geral, chegou à China para uma agenda de dez dias intensos de reuniões e visitas. Os detalhes dessa viagem estão em diversos relatos publicados no presente livro.

Wang Yulin, diretor do Birô 5 do Departamento Internacional do CC do PCCh foi o representante do Partido, com observador, do 26º Encontro Anual do Foro de São Paulo, em junho de 2023.

Também em 2023, Li Xi, membro permanente do BP do CC do PCCh e secretário da Comissão de Disciplina e Inspeção do CC do PCCh, chefiou a comitativa do Partido que visitou o Brasil no mês

de setembro. Li usava gravata vermelha quando se encontrou com o presidente Lula. Em outra agenda, desta vez no PT, o dirigente comunista testemunhou com a presidenta Gleisi a assinatura de um novo protocolo entre os dois partidos, cuja íntegra é a seguinte:

Acordo de Entendimento sobre o Intercâmbio e a Cooperação entre o Partido Comunista da China e o Partido dos Trabalhadores do Brasil

A China e o Brasil são os maiores países em desenvolvimento respectivamente nos hemisférios oriental e ocidental com protagonismo econômico emergente, e parceiros estratégicos globais um ao outro. Tendo como objetivo aprofundar constantemente as relações amistosas, e aprimorar as relações renovadas caracterizadas pelos princípios de busca de visões comuns e reserva de diferenças, respeito mútuo e aprendizagem recíproca, o Partido Comunista da China e o Partido dos Trabalhadores do Brasil (doravante denominados como “ambas as partes”) acordam em seguinte:

Artigo 1º Ambas as partes estão dispostas a fortalecer as relações bilaterais, aprofundar a comunicação estratégica e confiança política mútua, assim como promover o desenvolvimento sustentável e saudável das relações entre a China e o Brasil, na base dos princípios de independência e autodeterminação, igualdade completa, respeito mútuo e não intervenção nos assuntos internos.

Artigo 2º Ambas as partes estão dispostas a intensificar a troca de visitas de alto nível, de se atualizarem mutuamente sobre as agendas importantes da cada parte, e fortalecer a comunicação estratégica permanente em torno de questões regionais e internacionais de destaque.

Artigo 3º Ambas as partes buscam estabelecer intercâmbios complexos, de múltiplos níveis e institucionalizados, com troca de delegações de diversos níveis para fortalecer o estudo mútuo de experiências de governança. O intercâmbio e a cooperação entre as escolas, departamentos de comunicação, *think-tanks* e as demais es-

truturas dos dois partidos também serão reforçados, assim como os contatos amistosos entre as organizações de massa alinhadas aos dois partidos tais como os sindicais, juvenis, e das mulheres, etc.

Artigo 4º Realizar-se-á uma edição da série “Seminário Teórico” anualmente e alternativamente organizado pelos dois partidos, em que se debates em torno das questões tanto de teoria quanto de prática, nos âmbitos da construção do partido e da governança sócio-econômica, etc, com vista a aperfeiçoamento e capacitação dos próprios dois partidos.

Artigo 5º Ambas as partes estão dispostas a reforçar a coordenação diante das questões regionais e internacionais, mantendo em comunicação e consultas estreitas particularmente no tratamento de questões que implicam à soberania, à integridade territorial, à independência e à autodeterminação dos dois países, assim como prestar apoio mutuamente às iniciativas interpartidárias internacionais da outra parte.

Artigo 6º Cabem ao Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista da China e à Secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores do Brasil elaborar os planos anuais de intercâmbio e cooperação entre os dois partidos, e coordenar a implementação dos mesmos.

O atual acordo, assinado em Brasília, em 20 de setembro de 2023, em duplicado respectivamente em chinês e em português, com a igual competência, é válido por 5 anos a partir da data de assinatura.

Partido dos Trabalhadores do Brasil
Secretário de Relações Internacionais
Partido Comunista da China

Ministro do Departamento Internacional Comitê Central

O *Álbum de Imagens dos Intercâmbios de 40 anos entre o Partido Comunista da China e o Partido dos Trabalhadores do Brasil (1984-2024)* finaliza fazendo menção à última visita oficial do PT, em abril de 2024.

A julgar pelo ritmo e intensidade das relações nos últimos anos, logo haverá uma segunda edição.

Delegações do PT que viajaram à China e suas respectivas funções no Partido na ocasião das missões: 2023 e 2024

Em junho de 2023:

1. **Alfredo Ramos**, membro da Executiva Estadual de MG;
2. **Camila Moreno**, membra da Executiva Nacional;
3. **Henrique Donin**, membro da Executiva Nacional;
4. **Henrique Fontana Júnior**, secretário-geral e chefe da delegação;
5. **Humberto Sérgio Costa Lima**, senador (PE);
6. **João Daniel**, deputado federal (SE)
7. **Joaquim Soriano**, secretário nacional de Assuntos Institucionais;
8. **José Geraldo Torres da Silva**, membro da Executiva Nacional;
9. **Keila Gomes Cordeiro**, funcionária da Tesouraria e militante;
10. **Luciano Cartaxo Pires de Sá**, deputado estadual (PB);
11. **Marcelo Vieira Scarpatti**, militante;
12. **Mariana Janeiro**, secretária nacional de Mobilização;
13. **Maria do Rosário Nunes**, deputada federal (RS); secretária nacional de Formação Política;
14. **Markus Sokol**, membro da Executiva Nacional;
15. **Misiara Oliveira**, membra da Executiva Nacional;
16. **Natália de Sena Alves**, membra da Executiva Nacional;
17. **Nilton Tatto**, deputado federal (SP);
18. **Sonia Souza do Nascimento Braga**, secretária nacional de Organização;
19. **Vera Lúcia Barbosa** (Lucinha); secretária nacional de Movimentos Populares e Políticas Setoriais;
20. **Virgílio Guimarães** – diretor da Fundação Perseu de Abramo.

Em abril de 2024:

1. **Anne Karolyne Moura de Souza**, secretária nacional de Mulheres;
2. **Carlos Alberto Rolim Zarattini**, deputado federal (SP);
3. **Cícero Villamil Balestro**, membro do Diretório Nacional;
4. **Danilo Wagner Veloso**, prefeito em São João da Ponte (MG);
5. **Debora Francisco Pereira**, chefe de gabinete no mandato da vereadora Paolla Miguel (Campinas-SP);
6. **Dimas de Paiva Gadelha Junior**, deputado federal (RJ);
7. **Gleisi Helena Hoffmann**, presidenta nacional, deputada federal (PR) e chefe da delegação;
8. **Helder Ignacio Salomão**, deputado federal (ES);
9. **Jean Mark Freire Silva**, deputado estadual (MG);
10. **João Maurício de Freitas**, presidente do Diretório Estadual RJ;
11. **José Airton Félix Cirilo da Silva**, deputado federal (CE);
12. **José Carlos Veras dos Santos**, deputado federal (PE);
13. **José Ronaldo Medeiros**, deputado estadual (AL);
14. **José Zunga Alves de Lima**, chefe de gabinete da Presidência;
15. **Laura Soares Sito Silveira**, deputada estadual (RS), presidenta do Diretório Municipal em Porto Alegre (RS);
16. **Liliam Faria Porto Borges**, vereadora em Cascavel (PR);
17. **Macaé Maria Evaristo dos Santos**, deputada estadual (MG);
18. **Maria Isabel Nogueira de Sousa**, vice-prefeita em Santana (AP), membra do Diretório Nacional;
19. **Maria Isolda Dantas de Moura**, deputada estadual (RN);
20. **Miguel Ângelo Monteiro Andrade**, deputado federal (MG);
21. **Mônica Valente**, membra da Executiva Nacional e secretária executiva do Foro de São Paulo;
22. **Ricardo Augusto da Costa Campos**, deputado estadual (MG);
23. **Romênio Pereira**, secretário nacional de Relações Internacionais;
24. **Saulo Antônio Santos Dias**, secretário nacional do Meio Ambiente e Desenvolvimento;
25. **Rosângela de Oliveira Zeidan**, deputada estadual (RJ);

26. **Valter Ventura da Rocha Pomar**, membro do Diretório Nacional e diretor da Fundação Perseu Abramo;
27. **Vitor Schmitt Silveira**, vice-presidente do Diretório Estadual de SC.

Relatório de viagem da delegação do PT à China - Junho/2023

A delegação autodenominada Wladimir Pomar, em homenagem ao militante e intelectual que faleceu em junho de 2023 e profundo conhecedor da China, foi composta por 20 pessoas, sendo 12 homens e oito mulheres, em sua maioria dirigentes e parlamentares do PT (a lista de participantes está na página 47).

Integrantes desse grupo organizaram um resumo da agenda que foi cumprida durante a missão e fizeram apontamentos políticos sobre o que viram e debateram nessa oportunidade. Essas informações estão a seguir:

A agenda

10/06 – Saída Guarulhos/Dubai

12/06 – Chegada Dubai/Pequim (ou Beijing)

A recepção à delegação no aeroporto foi feita pela vice-ministra do Departamento Internacional do Partido Comunista da China (PCCh). Durante reunião na sala VIP do aeroporto, fizemos uma rodada de apresentação de todos os integrantes da delegação e, em seguida, os anfitriões explicaram a programação em Pequim. Na ocasião, um representante da embaixada brasileira estava presente.

13/06 – Pequim

Participamos de duas reuniões no Departamento Internacional do PCCh, a primeira com a equipe do departamento, durante a qual foram apresentadas pautas e interesses em comum no diálogo com o PT e o Brasil. Depois, nos reunimos com o ministro do Departamento, ocasião em que foram debatidas a conjuntura internacional e a potencialidade da relação entre o PCCh e o PT.

Visitamos a Muralha da China e participamos de uma reunião na empresa Tencent – empresa de tecnologia responsável pela maior rede

social da China, o We Chat, que apresentou a vontade de expandir seus produtos para o acesso no Brasil.

14/06 – Pequim

Reunião de trabalho na Escola Central do PCCh, de governança e formação de quadros do partido, oportunidade em que pudemos conhecer os pilares teóricos, políticos e práticos que guiam a formação da base e dos dirigentes partidários do partido. A política de formação do PCCh se orienta a partir do pensamento de Marx, Lênin, Mao Tsé-Tung e Xi Jinping.

Visita ao Museu da história do PCCh, imponente espaço que conta a história do partido desde sua criação até os dias atuais.

Reunião de trabalho com a ex-presidenta Dilma Rousseff, atualmente presidenta do banco dos BRICS. Ela nos relatou sua leitura sobre a China, o BRICS e o papel do Sul Global na conjuntura econômica atual.

15/06 - Pequim

Reunião de trabalho com Li Hongzhong, membro do Birô Político do Comitê Central do PCCh e vice-presidente da Assembleia Nacional Popular do Povo Chinês, que também apontou a importância da relação da China com o Brasil e do PCCh com o PT, apontando semelhanças nas visões de um mundo solidário, justo e igual.

Visita à Cidade Proibida - Palácio Imperial.

Jantar com o embaixador do Brasil na China em sua residência oficial.

16/06 – Pequim/Qinghai

Reunião com a Brigada do MST durante café da manhã em Pequim. Eles nos relataram a relação com o PCCh e o processo de reforma agrária construído pelos chineses.

Em Qinghai, fomos recebidos pelo dirigente do PCCh em nível provincial, que nos contou sobre questões geográficas, econômicas e culturais da província.

Reunião com o governador da província e vice-secretário do Comitê Provincial, que nos expôs os desafios de governança local. Trata-se de uma das províncias menos desenvolvidas da China, ficando atrás apenas do Tibete. Buscam o desenvolvimento com valores ecológicos, têm recursos naturais abundantes, uma grande diversidade étnica, cultural e religiosa e aplicam políticas de redução da pobreza e desigualdade.

17/06 - Qinghai

Visitas no condado de Zunhua, que fica a 165km da capital e 2.300m de altitude, para conhecer experiências de desenvolvimento sustentável, turismo ecológico e redução das desigualdades.

18/06 - Qinghai

Visita a um parque industrial fotovoltaico na maior usina de energia solar do mundo. A política de mudança de matriz energética é uma prioridade na China.

Conhecemos o Lago Qinghai, o maior lago salgado do mundo, em um parque ecológico. Também uma experiência de turismo ecológico.

19/06 - Cantão

Chegada em Guangzhou – cidade Cantão, capital de Guangdong. Fomos recebidos pelo secretário provincial de Relações Internacionais.

Visitamos uma experiência de trabalho de base do PCCh em um bairro. Conhecemos a sede do partido, o centro de segurança alimentar para idosos, o centro de saúde, de lazer e de convivência, a biblioteca e o processo de eleições de representantes na base. Estivemos com uma deputada eleita naquele bairro.

20/06 – Shenzhen

Viajamos de trem-bala a Shenzhen para conhecer as experiências tecnológicas das empresas Huawei e BYD.

Conhecemos o Jardim Botânico, também uma experiência de turismo ecológico.

21/06 - Retorno Cantão/Dubai/Guarulhos

Apontamentos políticos sobre o que vimos e debatemos nesses dias na China

Em 2024, completaremos 40 anos de relações entre o PT e o PCCh. Em 2004, foi assinado um protocolo de cooperação entre os partidos (a íntegra do protocolo está na página 44).

A visita da delegação petista que foi à China no ano de 2023 foi parte das atividades previstas no Artigo I do referido protocolo: “manter a troca de visitas entre os dois partidos, sobretudo dos altos dirigentes partidários”.

A delegação esteve em três diferentes províncias, conforme roteiro de viagem descrito acima. A delegação teve a oportunidade de conhecer, através da observação e de muitos debates, como é o funcionamento do sistema político e partidário chinês, além de importantes políticas governamentais que estão sendo implementadas pelo PCCh no país. Pudemos debater sobre questões estratégicas, socioeconômicas, culturais e geopolíticas, como, por exemplo, os temas do BRICS, G20, Rússia x Ucrânia, Cinturão e Rota, situação política da América Latina, socialismo com características chinesas, mudanças climáticas, comunicação via redes sociais, entre outros.

A visita ocorreu justamente no momento em que o PT retoma o governo federal no Brasil, o que marca o início de um novo período histórico, de uma nova oportunidade para que um governo atento aos interesses da classe trabalhadora brasileira possa ter êxito. Também por isso, a troca de experiências e de opiniões entre os dois partidos foi de grande relevância e utilidade.

Sabemos que as diferenças entre os dois partidos e entre os dois países são imensas. Temos conjunturas diferentes, experiências de construção partidária diferentes, culturas políticas diferentes, os nossos países têm formações sociais muito distintas. No entanto, também temos semelhanças e objetivos comuns. Somos socialistas; nossos partidos são instrumentos da esquerda mundial, que atuam em países de dimensão continental do Sul Global; defendemos e colocamos no centro da nossa atuação a defesa intransigente dos interesses da maio-

ria do povo dos nossos respectivos países; de formas muito distintas, temos importantes experiências no comando dos governos centrais dos nossos países.

Destacamos algumas agendas que foram interessantes para compreender a dinâmica do PCCh e o seu papel central no comando do processo político em curso na China nas últimas décadas:

1 - As reuniões no Departamento Internacional do PCCh, especialmente a reunião com o ministro da área internacional Liu Jianchao, onde tivemos a explanação sobre o processo histórico da revolução e das medidas políticas implementadas no sentido de sustentar o desenvolvimento e o socialismo;

2 - A reunião na Escola Central de Formação Política do PCCh, em que pudemos compreender bastante sobre o processo metodológico, teórico e as concepções, temas e prática de formação política para a base, a direção partidária e quadros do governo;

3 - Visita ao Museu da História do PCCh, em que ficou muito explícita a importância do papel do Partido no processo histórico em curso na China;

4 - Reunião com o Sr. Li Hongzhong, membro do Birô Político do Comitê Central do PCCh e vice-presidente da Assembleia Nacional Popular do Povo Chinês, em que pudemos ouvir sobre a linha política geral do PCCh para o desenvolvimento do socialismo na China, sua visão em relação à geopolítica e em relação ao Brasil.

5 - Observação in loco da construção do PCCh na base, onde pudemos conhecer de perto e na prática como se organiza e como atua o partido no trabalho cotidiano junto ao povo.

Destacamos ainda a reunião com o governador da província de Qinghai, Sr. Wu Xiaojun, e as visitas que foram feitas na província. Consideramos que foi possível ter uma boa ideia acerca do que o governo chinês e o PCCh estão implementando para desenvolver os territórios menos desenvolvidos da China, o que faz parte da política exitosa de erradicação da pobreza extrema em todo o país. A abundância de recursos naturais, a diversidade étnica e o potencial turístico

da região nos remetem a características similares de algumas regiões brasileiras e conhecer o trabalho realizado no local e as possibilidades de parcerias governamentais foi muito importante.

Também consideramos que foi bastante interessante que a agenda tenha incluído a visita da delegação em três importantes empresas de tecnologia (Tencent, Hawái, BYD), onde pudemos acessar exposições sobre as tecnologias desenvolvidas por essas empresas e aprofundar os debates sobre a importância desse setor no desenvolvimento chinês e nas disputas mais amplas em curso no mundo.

Por fim, destacamos que a maior parte da visita foi composta por agendas em que recebemos informações e opiniões acerca do processo em curso na China; também levamos algumas informações e análises sobre o PT e o Brasil. Uma observação a ser feita, no sentido de tornar mais produtivas as futuras viagens, é que a troca poderia ser ainda melhor caso realizássemos uma preparação prévia mais consistente da delegação. Além disso, o rigor no cumprimento dos horários e a utilização de quase todo o tempo disponível para atividades de trabalho é uma característica dos nossos anfitriões que ficou nítida.

Conclusão

A agenda foi muito importante e útil para aprofundar o conhecimento dos dirigentes petistas acerca da situação da China. Consideramos que é importante manter esse tipo de intercâmbio, sempre com foco em aprimorar o trabalho político e governamental que ambos os partidos desenvolvem nos respectivos países. Além disso, é fundamental que seja dado encaminhamento aos desdobramentos dos debates realizados e outros intercâmbios possam ser desenvolvidos e retomados, a exemplo dos seminários teóricos e realização de cursos de formação e reuniões periódicas para troca de informações e análises sobre a situação política local, regional e mundial.

Reflexões pontuais sobre o sino-socialismo na perspectiva petista

(à guisa de relatório de viagem)

“O ‘modelo chinês’ é, portanto, indissociável de sua ‘espinha dorsal’, um PCCh unido, unificador e único.”

.....
VIRGÍLIO GUIMARÃES

Diretor da Fundação Perseu Abramo.

I – Sobre as relações bilaterais

I.1 – O “berço esplêndido” no mundo polarizado, onde o Brasil possa se localizar de forma relevante, indiscutivelmente, é formado pelo BRICS e sua área de influência, cabendo agora aos governos Lula e Jinping, muito mais que aos demais, impulsionar o seu potencial.

I.2 – A força do Brasil decorre de suas dimensões (territorial, econômica e populacional), mas também de sua capacidade em conseguir consolidar um bloco relevante na América Latina, reconquistar seu papel na África e prosseguir com seu diálogo unificador com a esquerda democrática no mundo.

I.3 – O bloco BRICS como polo mundial se vincula também à complementariedade de papéis existente entre Brasil e China e a inexistência neles das fortes restrições inerentes a outras potências.

I.4 – Em ação conjunta, Brasil e China podem perfazer uma fortíssima liderança saudável, boa para ambos e melhor para a construção da paz e do equilíbrio global. Mostra-se, portanto, estratégico o aprofundamento das nossas relações políticas com a China, através dos instrumentos de estado, das ações dos governos e, não menos relevante, do entendimento entre os respectivos partidos hegemônicos.

I.5 – Dentro das relações do Partido dos Trabalhadores – PT – com o Partido Comunista Chinês – PCCh – se insere o papel de motor no desenvolvimento da ação prática entre as nações e, de modo particular a nós, o de esclarecer à opinião pública, e até a militantes da esquerda, a realidade e as metas chinesas da construção do socialismo, o caminho por eles escolhido e a etapa onde se encontram. Necessário, também, é desfazer estereótipos negativos a eles atribuídos pela propaganda da direita mundial, fazendo tudo isso, o PT, sem abdicar de nossas próprias posições sobre qual tema for.

II – A construção partidária na China e a democracia possível em ambiente de partido único.

II.1 – Uma decoração onipresente em salões e murais do mundo oficial chinês é o de uma visão panorâmica elevada mostrando a “grande muralha” se sobrepondo ao longo do território nacional. Mais que uma bela paisagem, o que explicitamente está ali retratado é uma espinha dorsal, uma extensa corrente unificadora, com seus volteios, assegurando a existência de um todo em bloco, definição visual inabalável do papel do PCCh na construção da China moderna, sobretudo frente a um modelo nacional calcado em objetivos e planejamento de longo prazo.

O “modelo chinês” é, portanto, indissociável de sua “espinha dorsal”, um PCCh unido, unificador e único. Ele foi, e continua sendo, a opção feita pela China enquanto Nação como um todo, caminho este escolhido pelo povo chinês à sua própria maneira: a revolução e suas diferentes reiteraões ao longo do tempo.

II.2 – Para desempenhar o papel histórico a que se propõe, o PCCh é um partido que tem que se construir e se reconstruir sempre,

e o faz com afincamento em torno do princípio do “centralismo democrático”, à sua maneira aplicado. A educação de quadros, inclusive de seus quadros dirigentes até o mais jovem dos simpatizantes/aderentes, é tarefa tão obrigatória quanto o desempenho externo. E a educação inclui, além da formação político ideológica geral, a compreensão e internalização dos princípios condutores das ações de governo neste preciso momento histórico, ou seja, para ser dirigente do PCCh, precisa, mais que outros, ter claramente definidos seus rumos e seus quadros no aparelho, mas também fora dele, saber reconhecê-los e aplicá-los. Esta é a base da formação.

II.3 – A questão da democracia está no centro das críticas ao modelo chinês, oriundas “de destra a sinistra” no espectro ideológico no Ocidente. Cabe aqui um olhar atento e particularizado sobre o tema na China, pois, como se lembra Lula, toda democracia é relativa. As práticas internas do PCCh, o lado “democrático” de seu “centralismo”, não fazem parte, evidentemente, do escopo das reflexões aqui abordadas, mas salta à vista que, nos últimos 45 anos, as mudanças e ajustes de rumos para a condução do país, bem como a renovação de quadros e o giro de lideranças vêm ocorrendo, até com certa profundidade, sem abalos ou, muitos menos, cismas partidárias, denotando que mecanismos internos, mais ou menos democráticos, certamente funcionam. O que importa verificar, isto sim, é o poder do povo, sua influência e comando nos rumos da sociedade em geral. Certamente, o modelo não é o de real ou teórica alternância partidária, como se isso expressasse sempre a primazia da vontade popular autônoma.

Na China, pelo menos em tese, o que vale é a vontade direta do povo, sendo o partido um mecanismo de audiência e de expressão dessa vontade. O partido, o PCCh, em sua própria definição, “vive mergulhado no povo”, sendo, portanto, “parte do povo”, reflexo de seus sentimentos e aspirações. Ou seja, a democracia seria algo mais avançado, uma “democracia direta” operando através de um partido no poder. Observações diretas e indiretas mostram que em parte tal é exatamente a realidade, mas, vale perguntar, em que parcela essa

é a realidade? Não seria mais real se a democracia direta fosse mais formalizada por mecanismos de consulta, inclusive se aproveitando do vasto instrumental tecnológico disponível? Seja como for, mesmo com as naturais diferenças entre poder local e nacional, entre maior ou menor nível de satisfação e de afinidade com as massas populares, cabe a nós do PT avançar nos conceitos e práticas de democracia e rejeitar com firmeza os conceitos da direita sobre uma imputada, porém falsa, ditadura partidária sobre o povo chinês, defendendo ao mesmo tempo, para o Brasil e para todo o mundo, a democracia popular e, dentro disso, a autodeterminação de todos os países.

II.4 – Dentre as armações da direita para desacreditar o “comunismo chinês” diante do resto do mundo, uma das maiores é assacar à China uma pretensa perseguição religiosa. Nada mais falso, as religiões – todas elas – são livremente praticadas e seus templos são protegidos e restaurados, inclusive se assegurando, em regiões onde assim dispõem as tradições, suas representações no poder político local. Lideranças religiosas no exterior podem retornar à vontade, dentro do princípio de integração do país.

III – A continuidade inovadora da era Jinping

III.1 – A narrativa ocidental primeiro-mundista, fazendo tábula rasa de seu passado ecodevastador (base da afluência presente), sempre foi milimetricamente impiedosa com o vertiginoso crescimento econômico chinês, lhe atribuindo todo tipo de vilania ambiental. A nova etapa do desenvolvimento chinês, a era Jinping, agora lhes impôs respeito, senão humilhação. A China é, de forma incontestada, o país que mais investe em meio ambiente em todo o planeta, fazendo do “desenvolvimento sustentável” mais que um *slogan* surrado, tornou-se uma imposição cotidiana. Lá, para ser sustentável, tem que haver desenvolvimento, (nunca paralisia), sequer postergações ou exigências meramente obstrutivas. O lema, repetido “ad nauseam” em diferentes frases, pode ser expresso algo como “impor concepção ambiental às atividades econômicas, conferir resultado econômico aos bens e ações ambientais”.

A imagem símbolo dessa está na conhecida frase de Xi Jinping: “uma montanha verde vale uma montanha de ouro”. O recado dado: destruição da mata traz prejuízo econômico, tal como a degradação de um rio causa danos irreparáveis ao crescimento econômico. Portanto, a natureza já proporcionou recursos que valem muitos bilhões em termos econômicos, daí a proteção ambiental, em per si, já vale muito, mas é possível dela se extrair também importantes resultados econômicos adicionais. De igual maneira, a montanha verde, que vale tanto quanto a de ouro, mas não tem um verde para se impedir a extração do ouro, do ferro, do lítio ou qualquer outro mineral, mas para ser levado em conta, de maneira conjugada e respeitosa na mineração e em qualquer outra atividade econômica. A linha férrea que atravessa um parque deve respeitá-lo sem ser suprimida, mesmo que custe a construção de caros túneis e dutos discretos e fechados (exemplo real). A primazia conferida à energia fotovoltaica deve conviver e se complementar com a hidráulica e a nuclear, quase lado a lado, mesmo em região exposta e frágil (outro exemplo real) onde se observa uma forte ação de proteção e recuperação ambiental. O patrimônio histórico segue o mesmo padrão de abordagem.

III.2 – O combate à pobreza absoluta, etapa de uma “guerra” já vencida como nenhuma outra, em termos numéricos, na História, pressupõe rede de proteção social, mas, muito além e acima dela, decorre das políticas calcadas em investimentos e desenvolvimento direcionadas de forma contundente para tal objetivo, com geração de empregos e ocupações amparadas pelo estado, mas com leito natural de continuidade própria.

III.3 – O parque industrial próprio que se transmudou de um sistema de cópias piratas e de quinquilharias baratas para evoluída tecnologia de ponta, indo muito além das empresas estrangeiras aí também instaladas e gerando um fortíssimo mercado interno, hoje motor do desenvolvimento do país, é demonstração clara de esforço concentrado feito a fortes custos e renúncias em passado recente. A aposta na construção de um futuro já agora alcançado, em realidade,

foi fruto de uma espécie atualizada de “acumulação primitiva” que deu certo. Foi o resultado de investimentos beirando a 50% do PIB, árduos esforços para formação em massa de técnicos e pesquisadores, de formação bruta de tecnologias próprias sem resultados imediatos, de inversões coletivas custosas, mas essenciais para a soberania, como internet em sistema próprio (atenção, Brasil), da mesma forma que a trilhada quanto aos insumos da saúde e ao aparato de defesa nacional.

III.4 – Para nossa reflexão e aproveitamento dos vistos exemplos, pouco ajuda extasiar-se frente ao ponto da chegada que alcançaram, mas lembrar-se, como na filosofia rosiana, que “o real mesmo se dispõe é no meio da travessia”. Travessia, vamos a ela!

6 de julho de 2023.

Viagem à China, um relato comentado

“Na abordagem, os chineses são educados e, geralmente, gentis. Mas, à distância, nas ruas, nem todos parecem felizes e sorridentes, a vida de trabalho é dura”

.....

MARKUS SOKOL

Membro do Diretório Nacional do PT, eleito pelo Diálogo e Ação Petista.

Já sabia algumas coisas da República Popular da China (RPC): Taiwan é parte inseparável da China; 800 milhões de pessoas saíram da pobreza em 40 anos; sou contra a “guerra comercial” movida pelos EUA e a União Europeia; e já tivera acesso a informações e análises históricas, críticas e elogiosas.

Sou grato ao Partido Comunista da China (PCCh) pelo convite a uma ampla delegação do PT em junho de 2023 que me deu esta oportunidade.

Foi uma visita de dez dias, a leste, oeste e sul. Estivemos na capital, Pequim (ou Beijing), e nas províncias Qinghai (ao pé do Tibete) e Guangdong (Cantão). Fomos recebidos por dirigentes do Birô Político (BP), do Comitê Central (CC) e da Escola de Quadros do PCCh, além de governadores e prefeitos. Estivemos em diretorias de cinco grandes empresas gigantes, Tencent, a 4ª *big tech* do mundo – privada; Huawei, *big tech*, líder no 5G, clouds etc. – privada; BYD, maior pro-

dutora de carros elétricos – privada; a estatal de energia e sua fazenda fotovoltaica; e uma grande estufa agrícola estatal, entre outros locais.

Éramos 20 dirigentes e parlamentares do PT encabeçados pelo secretário-geral, ex-deputado federal Henrique Fontana, e o senador Humberto Costa, acompanhados por diplomatas (quadros do PCCh) que eram nossos tradutores. Estavam disponíveis todo o dia para resolver os mais diferentes problemas. Tudo organizado, uma agência turística não seria capaz nessa escala.

Vimos algumas das belezas da China. A quase 4 mil metros de altitude, o cenário do lago salgado de Qinghai, cercado de montanhas, talvez seja a 8ª maravilha do mundo. A visita à segunda província mais pobre era para nos mostrar a redução da pobreza extrema em dez anos, o respeito às minorias étnicas locais e o desenvolvimento eco sustentável. Também estivemos na Grande Muralha, na Praça da Paz Celestial e na Cidade Proibida, em Pequim, e no Jardim Botânico de Cantão.

Visitamos museus de província, onde há 4 mil anos criaram o “macarrão esticado” (tipo massa de talharim fresca). Não foi possível, apesar do pedido, acessar um museu contemporâneo, uma pena, pois a arte ajuda a refletir sobre um país e seu povo. Mas na volta, em SP, pude ver a exposição de Cao Fei, uma importante artista no circuito mundial de arte.

Vimos um trabalho de florestamento — a China é 50% desértica — e de reflorestamento nas grandes cidades, onde houve uma grande degradação. A matriz energética ainda é baseada 60% no carvão. A recente preocupação ambiental levou até à proibição de nado e banho nos três grandes rios nacionais, que descem do lago de Qinghai. Num longo de estrada que serpenteia as montanhas, à exceção de um homem visto remando, dava sensação de “trem-fantasma”.

A estação de trens e os aeroportos eram cheios como nos governos do PT. A frota de carros elétricos faz as ruas silenciosas, exceto pelo burburinho em certos pontos. A publicidade privada é desse-

xualizada e discreta, e nos espaços públicos contrasta bem com a propaganda oficial.

Chineses olham celulares muito mais do que aqui, afinal, com eles, pagam o metrô, compras etc., a ponto de alguns pequenos comércios não aceitarem papel-moeda chinês.

Nas cidades, o ambiente público é seguro e respeitoso, não se vê miséria, nem prostituição ou adictos que existem em outros ambientes. Tínhamos liberdade para circular à noite, apesar de nos sobrarem poucas horas.

A bebida habitual nas visitas era o chá, dez dias de chá, à exceção, que me lembre, do excelente vinho Cabernet chinês no banquete de dez pratos (!) do dirigente do Birô Político. O bar do *lobby* do hotel do Comitê Central, em Pequim, não vendia as bebidas alcoólicas expostas (?). Mas, no anexo terceirizado do hotel, além de cerveja, experimentei a tradicional aguardente à base de sorgo, num copinho de um dedo polegar de diâmetro. Lembro de falarem de ter um teor alcoólico que podia chegar a bem mais de 50%. Eu não sei, porque não tive coragem de tomar uma segunda dose!

Vimos poucos policiais. Segundo brasileiros residentes, é produto da eficácia das câmeras de leitura facial por toda parte nas grandes cidades. Havendo um problema, em minutos chega um carro da polícia. Outra coisa, bem diferente, é a capacidade repressiva que a polícia mostrou em várias oportunidades.

A maioria dos dirigentes homens pinta o cabelo de preto, tal como as mulheres, e, às vezes, é difícil acertar a sua geração. Mas, nas ruas, há jovens que usam cores “contemporâneas”: loiras, vermelhas ou lilás.

“Pensamento de Xi Jinping”

As visitas e reuniões políticas tinham um protocolo: recepção seguida de banquete, inclusive nas empresas, todos excelentes.

Nas recepções, os anfitriões faziam a sua apresentação, algumas vezes longa e monocórdica, mesmo descontado o fator tradução.

Não devem ter sido líderes de movimentos de massa. Todos se referenciavam no “pensamento do presidente Xi Jinping”: o “socialismo com características chinesas para a nova era”, nos explicaram. Não é o anterior “socialismo de mercado” de Deng Xiaoping, nem o mais antigo “pensamento do presidente Mao”, o Grande Timoneiro da Revolução Cultural.

O atual presidente da República Popular da China, Xi Jinping, 70 anos, está no terceiro mandato de presidente desde 2013. De fato, no poder desde 2012, quando se tornou o poderoso secretário-geral do PCCh (cargo máximo) e secretário da Comissão Militar Central.

A meu critério, das apresentações ouvidas sobre esse “socialismo”, anotei:

– “É prosperidade para todos, não é ‘todos iguais’, nem é ‘roubar dos ricos para dar aos pobres’”.

– “Vimos vantagens na filosofia social sobre o marxismo (Marx era revolucionário - NdA), o que nos ajudou na abertura e na reforma que trouxemos do Ocidente. Mas, olhando para trás, alguns aspectos prejudicaram. O presidente Xi Jinping propôs, então, retomar a liderança do marxismo sobre a filosofia social, o ‘socialismo com características chinesas’”.

– “Na Escola Central de Quadros do PCCh, já temos quadros enviados de dez países estudando esse socialismo”. “Disputamos a hegemonia econômica, cultural e política no mundo”.

– “Trabalhamos para perpetuar o partido” (se a tradução foi correta, nega-se a perspectiva comunista de abolição da propriedade, do Estado, logo, dos partidos).

– “Queremos integrar todos os países dispostos no *Belt and Road Initiative* (Iniciativa Cinturão e Rota, também conhecida por Nova Rota da Seda – NdA)”.

– “Brasil e China são os dois maiores países em desenvolvimento; nos dois, convivem sistemas ideológicos diferentes; são, respectivamente, dois maiores parceiros comerciais, logo, são dois complementares”.

O próprio Xi, cujos livros em espanhol estavam disponíveis no quarto do hotel, publicou dois volumes sobre “a governança da China”, com textos escolhidos dentre 178 pronunciamentos. O sumário oficial diz:

“Volume I: O socialismo com características chinesas; O sonho chinês; Aprofundamento da reforma; Desenvolvimento econômico; Construção do Estado de Direito; Por uma China culturalmente avançada; Empreendimentos sociais; Progresso ecológico; Defesa nacional; Um país, dois sistemas; Desenvolvimento pacífico; Novo modelo de relações entre os grandes países; Diplomacia com países vizinhos; Cooperação com países em desenvolvimento; Assuntos multilaterais; Estreitar laços com o povo; Combate à corrupção; A liderança do PCCh.

Volume II: Sociedade moderadamente próspera; Aprofundar a reforma; Construir um país socialista fundamentado na lei; Administrar o partido com disciplina rigorosa; Novos conceitos de desenvolvimento; Nova normalidade do desenvolvimento econômico; Democracia socialista; Confiança cultural; Promover o bem-estar do povo; Construir uma bela China; Desenvolvimento das Forças Armadas; Um país, dois sistemas; Diplomacia de grande país; Desenvolvimento pacífico e cooperação ganha-ganha; Iniciativa ‘cinturão e rota’; Construir uma comunidade de futuro compartilhado para a humanidade.”

O prestigiado presidente da RPC recobre aí uma enorme gama de questões. Se podem reconhecer fórmulas marxistas e fórmulas confucionistas. Tal como no discurso na reunião do BRICS, em agosto, onde conclui: “Sua Excelência, como diz um ditado chinês, *‘a vitória é garantida quando as pessoas reúnem suas forças; o sucesso é assegurado quando as pessoas juntam suas sabedorias’*”.

Bem, do que li, vi e ouvi, com todo o respeito, na minha opinião, a dialética não é muito apreciada na China de hoje, a lógica formal é muito mais. Uma abordagem fraca na tradição do materialismo dialético (marxismo). Por outro lado, aquele vasto programa acima se

concentra na definição da “liderança do PCCh” na sociedade como um todo, o que qualifico mais à frente.

Agora, voltando às recepções: em política como em diplomacia, conta o dito e o não dito. Em dez dias, ouvimos muito os dirigentes chineses, mas não falaram da Eurásia ou do Sul Global, que entusiasmam alguns por aqui. Também não falaram de Cuba. Reconhecem a liderança de Lula, e o PT como “o grande partido de esquerda da América Latina”.

Ao longo da visita, além da correta recepção na Embaixada do Brasil, recebemos fora da agenda o núcleo do PT local e um grupo do MST, que tem um escritório em Pequim. Uma conversa animada e mais longa ocorreu no encontro com a ex-presidente Dilma Rousseff que, havia seis, morava em Xangai, onde preside o “banco do BRICS”, Novo Banco de Desenvolvimento (capital autorizado de US\$ 100 bilhões, modesto em escala global).

Explicando, o BRICS é uma associação política informal de Estados, com um banco regimentado (o NDB). O BRICS tem também um Acordo de Reserva Contingente cujo objetivo é dar proteção contra as pressões de liquidez no mercado mundial (só tem limitados US\$ 100 bilhões, mas podem crescer com a sua ampliação).

Já a Iniciativa do Cinturão e Rota (a Nova Rota da Seda), é um complexo de financiamentos e investimentos formais chineses através de rotas terrestres e marítimas. Ele contava nos quatro continentes com 146 países, tão diferentes quanto Filipinas e Malásia; Irã e Argélia; Egito e Etiópia; Chile, Equador, Argentina e Peru; Itália, Portugal e Suécia.

Parece haver um interesse por países pequenos, por exemplo, existe a Comunidade de Desenvolvimento China-Caribe (CDCC). É verdade que as dívidas desses países são mais manejáveis, mas há razões políticas: isolar Taiwan, com quem vários tinham relações, levando-os à ruptura e a esperar os seus votos nos órgãos do sistema ONU. Lembremos, a ONU só descredenciou em 1971 a pretensa

“República da China”, Taiwan, que a China (República Popular da China) tem razões para reivindicar como sua 23ª província.

No nosso continente, o único país que reconhece Taiwan, e não a China, é o Paraguai. Na Europa, é o Estado do Vaticano.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, BRICS em inglês, nasceu como a referência no mercado financeiro internacional para investimentos em um grupo de “países emergentes”.

O interesse atual no BRICS, em primeiro lugar, vem da busca dos povos para encontrar uma saída para a situação mundial de crise mundial insuportável. A expectativa no BRICS, nesse sentido, vem da falência do sistema ONU. Mas, concretamente, o BRICS NÃO legisla, NÃO tem políticas internas ou externas comuns como a União Europeia, por exemplo. A sua projeção como alternativa à “pax americana” é irreal. Infelizmente, NÃO se pode mencionar uma única medida anti-imperialista concreta tomada pelo BRICS. Assim, o BRICS também NÃO toma posição sobre a guerra da Ucrânia há mais de dois anos, nem mesmo sobre o Genocídio em Gaza há sete meses!

A ampliação do BRICS, em agosto, em Johannesburgo, África do Sul, era a proposta de Xi Jinping, que amplia a influência simbólica da RPC num sentido “diplomático”, em termos, pois aí tampouco se firmam tratados diplomáticos, nem declarações sobre questões agudas, como citado acima.

O Itamaraty não era entusiasta da ampliação. Lula disse que queria “critérios” para isso. Brasil e Índia, inicialmente, não tinham consenso com China e Rússia, mas prevaleceu o projeto de Xi. Afinal, o peso da China hoje é bem maior do que no começo do BRICS, em 2006. Então, entraram “emergentes” como Irã, Arábia Saudita, Emirados Árabes, Argentina, e Egito e Etiópia (emergentes?).

Em setembro passado, Lula, previsto para assumir a presidência temporária do G20, trazia a proposta de também entrarem “emergentes”. Mas só entrou a União Africana em nome do continente. Esperava-se que aquelas entradas no G20 fizessem um contraponto às potências. É o mesmo raciocínio que alguns fazem para o Conse-

lho de Segurança da ONU. Mas a China, que entrou no CS quando substituiu Taiwan, em 1971, está lá confortável com o poder de veto, com Rússia, EUA, França e Grã-Bretanha, os vitoriosos da 2ª Guerra Mundial há 80 anos. Há sempre promessas de ampliação irrealizadas.

A RPC até ausentou-se da última reunião do G20, na Índia, o seu segundo maior “sócio” no BRICS. A China mostra a “vocação” para uma liderana indisputável. Podia-se sentir isso no substrato de várias conversas da delegao em diferentes ambientes.

As recepoes

As recepoes comeavam pela introduo formal do anfitrião. Depois, vinha a saudao da nossa delegao, em geral pelo nosso líder, e se abria para “d vidas e perguntas”, não era um debate. Alguns companheiros e companheiras faziam perguntas. Preferi não falar aí. Terminava com a resposta do anfitrião. Seguia o banquete ao final, com uma “foto de família”. E assim foi por dez dias. Mas, entre os brasileiros da delegao,   parte, discutíamos livremente. Pessoalmente, têm também busquei interlocuo com os funcionários mais disponíveis.

Na maior *big tech*, a Tencent, a quarta do mundo, os números da diretoria impressionavam, os planos eram ambiciosos. Mas questionamos a publicidade de um App turístico, onde se via uma imagem estereotipada do Brasil: carnaval, futebol e assim por diante. Os executivos anotaram.

A delegao foi impressionada pelo método explicado de planejamento de longo prazo. Alguns falaram: “Temos que fazer isso no Brasil”. Pessoalmente, concordo com o companheiro que ressaltou que não   tão simples, “no Brasil, temos eleioes a cada quatro anos”. Eu acrescentaria que, com esse Congresso e esse Judiciário, não haverá planejamento de longo prazo. Antes, é preciso mudar a regra do jogo, “tomar o poder”, para vir a planificar. A forma de chegar nessa transformao seria uma ruptura que, pela democracia, se faria numa Assembleia Constituinte Soberana originária. Mas não é o tema aqui.

Ucrânia

Nossas lideranças falaram da aproximação Lula-Xi na questão da Ucrânia, com o “não à guerra, paz”.

Na sua visita de Estado à China, em abril, Lula disse que “é preciso que os EUA parem de incentivar a guerra e comecem a falar em paz, para a gente convencer o Putin e o Zelensky de que a paz interessa a todo mundo e a guerra só está interessando, por enquanto, aos dois” (*Folha de S.Paulo*, 15/4/2023).

Liu Jianchao, alto dirigente, ministro do Departamento Internacional do CC, foi bem específico. Elogiou o papel de Lula na guerra da Ucrânia, que “ameaça a humanidade”, e que, nesta guerra, “as partes têm que assumir as suas responsabilidades”, ou seja, tomou distância para que “as partes” façam a paz.

É bom lembrar que a região vem de séculos de disputa de influência entre os czares e os imperadores, a leste, oeste, norte e sul. Por enquanto, a China não fornece armas ou empréstimos à Rússia, ela intensificou um comércio de interesse recíproco.

Trabalho de base

Na abordagem, os chineses são educados e, geralmente, gentis. Mas, à distância, nas ruas, nem todos parecem felizes e sorridentes, a vida de trabalho é dura.

Na rua, talvez não queiram falar inglês com um estrangeiro, ou tenham um conhecimento muito rudimentar do idioma para a conversação. Pouca gente fala inglês, mesmo para pagar uma compra, no andar inteiro do shopping de uma metrópole. Mas não fomos levados a universidades, infelizmente, onde se falaria bem mais o inglês. O contato com o povo mesmo é difícil.

No roteiro, escolheram nos mostrar o “trabalho de base de uma célula do partido em Guangzhou”, capital de Guangdong (Cantão). Guangzhou é a capital da modernidade *high tech*, com torres residenciais modernas na periferia, mas que sugerem apartamentos pequenos.

Fomos ao Centro Comunitário do distrito Liwan, na região central, com 3.500 residentes, 700 deles idosos, com habitações humildes, algumas precárias. A deputada do PCCh do distrito reivindicou a iniciativa do projeto dos elevadores externos para prédios de vários andares. A líder comunitária se disse satisfeita após anos de luta.

Foi o mais perto que chegamos da vida do povo. Em dez dias, não fomos a uma casa, no campo ou na cidade, nem ao chão de fábrica, só a diretorias.

Um episódio: duas garotas, tipo ensino médio, a uma certa distância, assistiam curiosas ao nosso incomum grupo de visitantes. Aproximei-me, vi que entendiam o meu inglês. *Do you know Lula? Cara de não-sei-o-que-é-isso. Brazil? Definitivamente, não. South America? Oh, yes. Devem aprender na escola. So, we are from South America. E bye-bye.* Entrar com o assunto do *Workers Party*, aí, já seria querer muito.

Na enfermaria do Centro Comunitário, havia na parede na entrada uma enorme foice-e-martelo, o símbolo do partido, enquanto o símbolo do Estado, a RPC, é um colar de estrelas. No acesso ao segundo andar, cartazes do PCCh.

Na recepção, nos explicaram que oferecem assistência social, ambulatorial, jurídica e refeições na casa dos idosos necessitados. Todavia, na lanchonete, só há 17 assentos. A refeição em yuans é o equivalente a cerca de R\$ 2 (em geral, as coisas são de 20% a 30% mais baratas do que aqui). Retive que as famílias se ocupam dos velhos a maior parte do tempo, exceto se não têm filhos.

Também havia ensaios de dança na rua, jogos infantis e de adultos, o que dava um clima relaxado a trecho do distrito.

No interior do Centro Comunitário, a boa parte dos militantes de base locais do PCCh “milita” em várias tarefas de assistência, como funcionários públicos. Houve dirigentes do PT que se espantaram, enquanto outros encontraram inspiração.

A meu ver, aí é bem visível a fusão Estado-partido. Ou, dito de outro modo, a fusão da máquina burocrática estatal (todo Estado tem

uma burocracia) com a máquina partidária montada sobre essa burocracia (a partidária “líder” a estatal, como se verá adiante).

Chen Duxiu, primeiro secretário-geral do PCCh

Visitamos o Museu Nacional da História do PCCh, em Pequim, inaugurado no centenário do partido, fundado em 1921. Um das altas paredes era o momento histórico de sua fundação. Em cima, uma pintura a óleo dos “dois fundadores do PCCh”. Perguntei aos diplomatas qual deles era Chen Duxiu. A resposta: “É aquele da direita, ele era do Sul, junto está Li Dazhao, que era do Norte. Eles simbolizavam a unidade da China”.

No outro dia de manhã, no transporte, os diplomatas vieram argumentar, não sei por que, e de chofre disseram: “Chen Duxiu era muito teórico, não tinha senso prático, não vivia com o povo e, por isso, não compreendia o espírito chinês. Já Mao Tsé-Tung, Mao-Mao-Mao...”. E que “ele repetia tudo o que os soviéticos diziam”.

Achei uma distorção. Primeiro, Mao não teve papel de destaque na fundação do PCCh. E estranhei, pois, pelo que sabia, Chen Duxiu, então o secretário-geral, após a morte de Lênin (1924), tentou se opor a algumas das diretivas de Stálin.

Ainda perguntei qual avaliação têm da contribuição de Chen, um dos introdutores do marxismo no país, secretário-geral do partido (1921-1927), decano da Universidade de Pequim, e importante intelectual. Inflexível, veio a mesma resposta depreciativa: “Repetia tudo o que os soviéticos faziam”. Parei aí, afinal, não fui lá para polemizar.

Mas o fato é que foi Mao quem passou a repetir, a partir de uma época, muitas coisas que os soviéticos diziam. A “inversão” nesta narrativa é uma técnica polêmica conhecida para desarmar uma acusação, fica zero a zero, e o autor nem precisa se defender.

Eu poderia argumentar que os emissários de Stálin, em nome da Internacional Comunista (IC) já stalinizada, romperam o “entrismo” no Kuomintang (KMT) do general Chiang Kaishek que preconizavam até a véspera (o famoso “bloco das quatro classes”). A IC decidira gi-

rar e impor o levante do Cantão em 1927, massacrado pelo KMT. Na época, a IC centralizava os seus partidos e o PCCh, que era membro da IC, tinha educado centenas dos seus quadros em Moscou.

O museu histórico qualifica o desastre de 1927 como a “Comuna do Oriente” (alusão à Comuna de Paris). Mas não há como comparar o levante de menos de 72 horas — que acabou com milhares de operários e comunistas heroicos mortos nas ruas — com a Comuna de Paris, de 1871, a primeira experiência de governo operário que, em 70 dias, criou políticas públicas pioneiras como o ensino público e gratuito, a jornada de trabalho de oito horas etc.

Li Dazhao, o segundo fundador, já tinha sido enforcado em abril, em Pequim, pelos generais de Chiang. Pouco depois do massacre de 1927, se formou, no campo, o Exército Vermelho. O PCCh, acossado pelas tropas do KMT, se retirou progressivamente para as áreas do campo sob controle “vermelho”, onde a guerra civil continuou.

Observei, em todo o percurso dos salões do museu histórico que vai até a década atual, que não havia mulheres com protagonismo. Só me lembro de ter visto uma. Não é crível que, numa revolução de oprimidos no século 20, a mulher não tenha tido um papel de maior destaque.

Chen Duxiu foi culpabilizado pelo fiasco e destituído da secretaria-geral do PCCh pouco antes do desastre final no Cantão, em dezembro de 1927. Era a véspera da generalização pela IC da linha aventureira do “Terceiro Período”, em abril de 1928. Nesse “período” de putschismo, a IC esvaziou a luta democrática e anti-imperialista, era a hora mundial da “tomada do poder”.

Uma orientação aparentada chegou ao Brasil. Foi a quartelada de Luiz Carlos Prestes, em 1935, um líder popular então clandestino, foi dirigida diretamente de Moscou (com emissários da IC e até um radioamador). O surto que arrastou parte da coalizão civil e militar Aliança Nacional Libertadora (ANL) pegou desprevenida a própria base, o movimento operário, socialista, trotskista e anarquista e seus próprios colegas do PCB.

A pretexto do “Levante Vermelho”, Getúlio Vargas, em rota autoritária, castigou a esquerda e os sindicatos, com os seus interventores estaduais, no começo em aliança com os fascistas “integralistas” de Plínio Salgado. Depois, Vargas rompeu com Plínio e instalou a ditadura do “Estado Novo” semifascista. O movimento operário recuou por quase dez anos, até superar a defensiva criada.

No caso da China, a renomada liderança de Chen Duxiu, contrário a essa orientação, não aceitou um “compromisso” proposto – ganhar a editora do partido em troca de uma carta contra Trotsky. Foi expulso do PCCh em 1929. Prosseguindo na sua reflexão, Chen lançou em 1930 uma impactante *Carta ao Partido*, fazendo o balanço da derrota – ao contrário do eterno “moscovita” Prestes - e da defensiva que os stalinistas não queriam reconhecer, tentando novos levantes. Na *Carta*, ele explica a sua adesão à Oposição de Esquerda Internacional. Em 1931, uma conferência de unificação dos grupos da Oposição nomeou Chen o secretário-geral da seção local da Oposição de Esquerda, futura seção chinesa da 4ª Internacional.

Preso em 1932 pelo KMT, Chen foi solto e novamente aprisionado, para ser libertado doente em 1937. Na escuridão da guerra mundial, em 1942, Chen morreu enfermo, aos 63 anos. Embora trotskistas continuassem em atividade, foram presos e mortos, inclusive em combate contra o exército do KMT, até que, depois da Revolução de 1949, uma redada da polícia política do novo Estado, em 1952, descabeçou e dispersou os trotskistas.

Narrativa

Durante a visita, com horas de narrativas históricas, os dirigentes chineses não comentaram conosco a “Grande Revolução Cultural Proletária” (1966-1976), liderada por Mao e cultuada pelos maoístas no mundo todo que, na verdade, trouxe grande dano, com perseguições e execuções sumárias.

O símbolo da época, o livrinho vermelho dos “pensamentos de Mao”, dos jovens Guardas Vermelhos, tinha a forma de um misto

de *Mandamentos*, *Bíblia* e *Corão*, com alguma relação formal com os clássicos do marxismo. Mas no processo afloraram demandas democráticas e contra a corrupção, logo abafadas, que ajudaram Mao a se livrar de quadros incômodos e a centralizar mais o poder.

Mas, a seu modo, o museu registra o problema. Há uma bela foto aérea (deve ser da Aeronáutica, pois não havia helicópteros particulares nem drones) da enorme manifestação de protesto na Praça Tiananmen (Paz Celestial) contra a repressão da Revolução Cultural, em abril 1976, pouco antes da morte de Mao.

A manifestação derrubou o “Bando dos Quatro” que havia comandado o país cruelmente nos últimos anos da decadência física de Mao (quatro sentenciados, dois condenados à pena de morte, comutados para prisão perpétua; a senhora Jiang Qing, ex-atriz, mulher de Mao, se suicidou em 1991).

Acabou aí a Revolução Cultural. A China não voltaria ao ativismo político internacional anterior. Detalhei aqui, porque, em certos meios no Brasil, o episódio virou um não assunto.

É conhecido o aforisma político que “a verdade de um ano é a mentira do ano seguinte” (George Orwell). Como com Stálin, sucedido por Krushev, que três anos após a morte do “genial guia dos povos” denunciou os “crimes de Stálin” (dos quais participou na alta cúpula do Partido). Na situação de Mao depois da queda do “Bando dos quatro”, o seu “pensamento” foi apeado do panteão pelo poderoso Deng Xiaoping com menos escândalo (embora com mortes, prisões e desteros, além de greves e manifestações).

A narrativa oficial durante a visita foi a de um período entre 1949 e 1976 (a morte de Mao), e depois vem 1978, quando Deng Xiaoping assumiu o timão e levou à abertura ao mercado.

Deng foi gradual, primeiro na área de serviços, depois com multinacionais, em geral associadas a chineses ou a estatais. É preciso distinguir o chamado “socialismo de mercado” de Deng da conhecida Nova Política Econômica (NEP) de Lênin em 1921. A NEP foi um recurso de abertura restrita dos bolcheviques, no refluxo da revolu-

ção na Europa, para ganhar tempo no comando do Estado operário isolado, até a volta da revolução. Mas a abertura chinesa há 45 anos visou a outra coisa, visou ao acesso ao mercado mundial. Sua política internacional não tem nada de revolucionária.

Sobre o oficialmente chamado de “incidente” na Praça Tiananmen de 1989 (da foto de um jovem em frente a um tanque pesado), nos explicaram que Deng respondeu com “ainda mais abertura”. Mas foram semanas de grandes manifestações na enorme praça, no começo, de estudantes, mas que rapidamente chegaram a 1 milhão de pessoas, já com boa parte de trabalhadores, e ainda com mobilizações em mais 25 grandes cidades.

A cúpula do partido hesitou, pesquisadores relataram divisões no BP. O movimento social refletiu o descontentamento latente com a abertura (“abaixo a corrupção”, “abaixo a burocracia”, “controle da inflação” etc.) e, ao final, foi violentamente reprimido. Os mortos nunca foram contabilizados (10 mil, segundo a Cruz Vermelha).

À época, o Partido dos Trabalhadores rompeu as suas relações com o Partido Comunista da China, um outro fato que virou um não assunto e, no interior do PT, é quase um tabu. O reatamento de relações foi só em 2001, seguido de um Protocolo em 2004 (ver *post-scriptum*).

Nova Rota da Seda

No Brasil, uma proposta da Rota era a Ferrovia Transoceânica (US\$ 60 bilhões) de Porto Açu (RJ) a Ilo, no Peru, através dos Andes, projeto paralisado. Havia a Rodovia Bioceânica em construção por ligações entre Santos e as costas do Chile e do Peru, bancada por agências multilaterais com o agronegócio. Mas, há alguns dias, a ministra Tebet anunciou um pacote de Rotas em um “PAC com os Vizinhos”, mas sem incluir investimento chineses. Como se vê, é mais complexo do que sugerem certos arroubos políticos, públicos e privados.

A realidade está mudando com a construção pela China do megaporto de Chancay, no Peru, dentro da Rota da Seda. Ele deve ser inaugurado na reunião de novembro de 2024 da Apec, o Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (21 países, inclusive China, EUA, México, Peru e Chile), com a presença anunciada de Xi Jinping e Biden. Chancay deverá ter um acesso à Amazônia brasileira, via uma ligação do PAC com portos peruanos desde Porto Velho, em Rondônia. Daí, para o Brasil e região, deve acelerar o movimento comercial do Atlântico para o eixo dos grandes compradores e vendedores do Pacífico.

De toda forma, na minha opinião, a Rota como prioridade do Estado brasileiro não fecha bem. Afinal, Lula quer reindustrializar o país (a *neoindustrialização*), enquanto os chineses querem *commodities*: soja, milho, minérios, minerais críticos e terras raras etc. Daí as ferrovias ou rodovias para o Pacífico que barateiam os seus custos e animam os setores conservadores do Brasil, agronegócio e multimineradoras, que não têm compromisso com a industrialização.

Em face destas propostas, não é menos importante zelar pela soberania nacional expressa na biodiversidade, na defesa dos pequenos produtores locais, das comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, o que o grande agronegócio exportador e as mineradoras não fazem, pelo contrário.

A Nova Rota da Seda é um plano de financiamento e investimentos, principalmente em energia (petróleo e gás, elétricas), infraestruturas, com corredores para grãos e minérios na África, Ásia, Europa e América Latina.

A ideia que ouvi de apresentarmos à China nossas “exigências industriais” (chips, biotecnologia, estaleiros, satélites etc.) não é realista, nem pelo lado da soberania do Estado chinês, nem pelo lado objetivo de lucro do seu setor privado.

Outra coisa é que quem entra na Rota pode ter dificuldade de sair.

O caso da Argentina, que entrou na Rota, merece reflexão. O grande projeto dos *bermanos*, o gasoduto do megacampo de Vaca Muerta,

da província de Neuquén para Buenos Aires, e depois para Porto Alegre, se arrastou na questão do financiamento. Seria feito e pago em yuan, mas com compras já para os insistentes chineses, ou, caso o BNDES o financiasse, um plano baseado no real, com as compras em reais no Brasil. Mas o tempo passou, não foi feita uma coisa nem outra, e Milei o paralisou.

É sabido o efeito da Rota da Seda em países da África e da Ásia, onde está sendo fator de um novo endividamento pós-dólar. A rica Angola, por exemplo, depois de anos de investimentos e empréstimos desde antes da Rota, devia o ano passado US\$ 20 bilhões à China. Na sombra desta dívida “impagável”, são as agências e bancos dos EUA que estão vindo ocupar espaço. Soberania que é bom, nada.

Por fim, as grandes empresas chinesas agem em nosso continente tal como multinacionais na mineração do Peru e da Colômbia, com duros choques na luta de classes, manifestações e protestos ambientais.

Na visita, os chineses propuseram amizade e, francamente, abrir terreno para as suas empresas, mais convênios entre cidades-irmãs, colaboração entre programas sociais e científicos, e entre o Congresso Nacional e a Assembleia do Povo.

Sou muito a favor do intercâmbio e da cooperação entre os povos. Buscar um determinado grau de isolamento da China é a política atual do imperialismo, associada à “guerra comercial” contra o país. Pessoalmente, bem que tentei ajudar a saírem vistos para professores de medicina chineses, com a finalidade de um intercâmbio científico na área da saúde.

Por outro lado, na delegação, alguns advogaram o envio de dirigentes do PT para formação na Escola Central de Quadros, o que, na minha opinião, não é compatível com a tradição do PT, que não é a do partido único. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

Mas vejo, sem surpresa, que a questão insinuada em 2023 voltou a se colocar em 2024.

“Volta à normalidade”

Após o 50º aniversário da Revolução, o PCCh fixou para 2050 um conjunto de metas para a “volta à normalidade”: na liderança.

Na tradição chinesa, desde o começo da hegemonia dos han, a noção do antigo “Império do *Meio*”, em mandarim, se assimila ao “Império do *Centro*”, o centro do mundo mesmo, em que o imperador era filho do céu. Os de fora da Muralha de China (7 mil quilômetros) eram chamados de bárbaros (Coreia e Japão também fizeram discriminação desse tipo, como na Europa medieval e depois).

Se estima que, em 1840 a China era o 2º Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, atrás apenas da Grã-Bretanha. Mas aí o “Império do Meio” foi invadido justamente pelo exército do 1º PIB, Sua Majestade britânica, na chamada “guerra do Ópio”. Os libre-cambistas hipócritas estavam introduzindo massivamente o ópio vindo da Índia para quebrar o espírito popular e corromper as elites. A Grã-Bretanha derrotou as forças do imperador de um país rico, mas cujas forças produtivas eram atrasadas industrialmente, e, também, a ordem social e a cultura.

O “Império do Centro” veio a transformar-se numa semicolônia dos imperialismos ocidentais, e a sua nascente burguesia concentrada nas áreas das “concessões” na costa dadas pelo imperador aos portugueses, e depois aos ingleses, franceses e alemães, estruturou uma “burguesia compradora” (termo português no original alemão de Karl Marx), descomprometida da nação.

A noção vem do capitalismo mercantil, mas a burguesia “compradora” continuou no capitalismo industrial e, depois, servil ao capital financeiro, já na sua fase imperialista, tal como formulada por Lênin (1916): uma burguesia débil, desenraizada, corrupta e vende-pátria.

Na virada do século 20, o revolucionário, depois marxista, Chen Duxiu simbolizava uma geração de intelectuais e militantes que tentaram tirar a China do buraco do atraso, superando o passadismo e a influência conformista de Confúcio, numa China virada sobre si mesma.

Os marxistas, na luta pela emancipação nacional – por meio da revolução social –, procuraram ligar a grande nação, então em formação, à educação, à ciência e à literatura modernas, buscando apoio nos trabalhadores e camponeses para repartir a terra, industrializar e modernizar o país.

Ideologia e patriotismo

Na entrada da Escola Central de Quadros do PCCh, vimos uma alta escultura de Marx e Engels, gigantes tipo “realismo socialista”, e há retratos deles em vários locais. É mais raro ver fotos de Lênin. No grande Museu da História do PCCh, a delegação, salvo distração, viu duas imagens de Lênin e três de Stálin, em meio a uma previsível série de heróis da guerra civil, e uma grande quantidade de registros dos secretários-gerais do partido, com destaque para Mao, Deng e Xi Jinping.

O patriotismo é um fato notável. Foi a revolução que, pela primeira vez, unificou o território chinês, o qual teve uma geografia variável por séculos.

A etnia oriental han é hoje 90% da população. É necessário um tipo de passe interno para visitar certas províncias. No Oeste, algumas etnias de pele morena parecem ter um outro temperamento, arriscaria dizer, quase latino. Disseram-nos que o caso da minoria dos uígures muçulmanos foi pacificado, “diferente de há dez anos”. Na província do Tibete, o Dalai-lama perdeu autoridade (provável, após o escândalo da sua pedofilia doentia).

A “ocidentalização” está rapidamente em curso na indumentária, no entretenimento e nos hábitos – não poderia ser só na indústria e nos bancos.

Há 97 milhões de filiados ao PCCh – 10 milhões são militantes e 4 milhões teriam formação marxista, além dos 74 milhões de filiados à Liga da Juventude Comunista (parte com dupla filiação). A instrução aos aspirantes convidados a entrar no PCCh solicita que não tenham

crenças ou práticas religiosas, assim como aos integrantes das Forças Armadas. Lembrando que o confucionismo não é uma religião.

Xi Jinping ganhou prestígio, confirmam brasileiros residentes, com as detenções por corrupção de cerca de 1 milhão de comunistas filiados, até de um membro do Birô Político. Um fator de “contágio” da corrupção teriam sido os grandes capitalistas, membros inclusive do Comitê Central, onde parece que diminuiu o número. O problema da corrupção chegou a tal ponto, segundo um relato de viagem de João Pedro Stédile, do MST, que a política agrária teve que sair do Ministério da Agricultura para ser coordenada diretamente pelo partido em nível nacional.

Mas também é fato que Xi se desgastou com a prolongada política de *lockdown* durante a pandemia, que terminou impopular. Não comentaram conosco as grandes greves que começaram na gigantes de componentes Foxcomm, seguidas de manifestações dos estudantes de grandes universidades, que obrigaram o governo a recuar do *lockdown*, apenas sete meses antes da nossa visita.

Condições de trabalho

A hora do *rush* das grandes cidades é parecida à do Rio ou de São Paulo. Durante os transportes, papeávamos entre nós e com os diplomatas sobre vários temas. Um dia, ouvi como são os feriados: para cada dia feriado, há uma ponte, sempre de quinta-feira a sábado, retornando-se ao trabalho no domingo – não há exatamente um descanso semanal remunerado regular.

As férias? “São conforme o tempo de trabalho: de 1 a 10 anos, se goza de 5 dias de férias ao ano; de 10 a 20 anos de trabalho, são 10 dias, e assim vai”.

As aposentadorias são recentes e foram modeladas pela consultoria do J.P. Morgan estadunidense, com contribuições diferenciadas. Mas, pelo menos, incluíram os 100 milhões de trabalhadores migrantes oficiais (atenção, não são “imigrantes”), que outras fontes calculam que chegaram a 200 milhões. Em geral, jovens que vieram do campo

que não tinham nada à época, mas que ficavam satisfeitos por arrumar trabalho regular pago em moeda que podiam reenviar às famílias. Não anula a brutalidade das condições de trabalho.

Hoje, a jornada de trabalho média é de 48 horas por semana, não há uma norma. Muitos trabalham 56 ou 60 horas por semana. Por isso, cautela com as comparações afoitas entre o nível salarial chinês e o do Brasil, que encobrem a jornada e outros direitos e conquistas indisponíveis.

Pode-se imaginar o valor, a mais-valia no sentido marxista, que foi produzida por essas relações de produção, e acumulado dentro e fora da RPC.

O desemprego urbano era baixo, 5,3% em dezembro, o dos adultos, ainda mais baixo, de 4,1%, isso porque o desemprego dos jovens (16 a 24 anos) era alto, e vem subindo desde o começo de 2023. É uma questão grave, pois chegou a 20,8% em maio, foi para 21,3% em junho, segundo dados oficiais. Outras fontes dobram o cálculo. Acontece que, a partir de julho, o governo suprimiu a publicação dessa estatística específica. Mas o trabalho assalariado é estruturante, ninguém nos falou de Bolsa-Família.

Lembremos que, na China, a educação é estatal, pública e gratuita, mas só até o fim do ensino médio. Depois, segue estatal, mas os pais ou os jovens têm que pagar. Moderadamente, mas quem não for bolsista tem que pagar.

Não nos falaram da vida nos sindicatos (200 milhões de membros oficialmente) nas empresas, nem a nível do partido.

Sintomático: vistas as regras trabalhistas, perguntamos aos diplomatas se a China era membro da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A primeira resposta confundia, teimosamente, a OIT com “as duas centrais sindicais mundiais, a China é membro de uma delas”. Insistimos que falávamos da OIT, que vem do Tratado de Versalhes (1919) e é quadripartite – representantes das organizações patronais, dos governos e das centrais sindicais, e dos técnicos

da OIT – até que, consultando o androide, se concordou. Estranho “mundo do trabalho” esse...

A concentração de renda é muito grande. Segundo o J.P. Morgan, em 2022, só era menor que nos EUA, onde os 10% mais ricos detêm 79% da riqueza. Na RPC, os 10% mais ricos detêm 62% da riqueza nacional, acima da Alemanha, onde eles detêm 55% da riqueza. Repetindo: 79%, 62% e 55%. O número de milionários chineses subiu de 3,14 milhões em 2015 para mais de 4,16 milhões em 2022 (*Statista*, 11 de maio de 2023).

Um fato que vimos na sede da Huawei, a entrada é de mais de cem metros de ostentação do luxo ocidental, enfileirado em linhas paralelas junto à altas paredes iluminadas por grandes lustres de cristal no teto. Vai desde Grécia-Roma-Bizâncio até Luís XV, com o Renascimento e os impressionistas, sobre pisos vitrificados, parte à moda das pastilhas das cidades romanas do norte da África, até terminar num saguão, onde soava um piano de cauda. Dali, se sobe ao topo, onde culmina a diretoria. Definitivamente, gosto não se discute.

Esse ambiente duvidosamente “contemporâneo” contrasta com a fina arte milenar chinesa, que se vê em ambientes mais tradicionais, inclusive oficiais. O luxo da Huawei indica a desigualdade na China, que também é vista nas ruas com as brilhantes limusines, nesse caso, Mercedes-Benz.

Uma preliminar para concluir

Não sou repórter, diplomata ou literato. Com formação de economista, pretendo ser um militante marxista da luta internacional pelo socialismo, uma democracia com partidos socialistas e populares, com planejamento controlado em conselhos, uma república democrática socialista como já se conheceu, com liberdade sindical e liberdade de expressão.

Agora, na RPC, o partido está acima dos governos, em cada nível. É ele que abre e fecha as portas do Estado.

É diferente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), onde a revolução proletária de 1917 gerou o Congresso dos Sovietes de delegados operários, soldados e camponeses. Ele designou o Soviete Supremo com todos os poderes, inclusive o de formar o governo. Depois, veio um período de três anos de guerra civil. Anos mais tarde, já sob a direção de Stálin, que sucedeu a Lênin (morto há 100 anos, em 1924), o Partido Comunista da União Soviética (PCUS), sendo partido único, foi degenerando, fundindo-se com o Estado. O processo arrastou toda a Internacional Comunista, que foi stalinizada.

Já na China, houve a guerra civil, antes da tomada do poder, por mais de 20 anos, para que a revolução fosse, então, realizada pelo bem-enquadrado Exército Vermelho de base camponesa, dirigido pelo PCCh, renomeado Exército Popular de Libertação (EPL). Não houve a degradação do partido no poder, como o PCUS. O PCCh era membro da IC, com essa particularidade de apoiar-se num exército bem disciplinado por 20 anos de guerra, e a outra particularidade de ter tomado o poder contra Stálin.

Stálin assinara um “pacto de não-agressão” com Hitler em 1939 (que desmoralizou comunistas no mundo). A partilha da Polônia, nele prevista, facilitou a incursão direta da Alemanha na URSS em 1941, rompendo o pacto. Mas Stálin também estava em guerra não declarada com o Japão “por cima” da China na região da Manchúria, território ocupado pelo Império do Sol Nascente. Mas, após a invasão nazista, em 1941, Stálin assinou um “pacto de não agressão” com o Mikado, o imperador do Japão. O pacto durou até 1945.

Stálin regateou a ajuda militar a Mao, mas deu um crédito de 10 milhões de rublos (cerca de US\$ 30 milhões de dólares hoje) para as tropas do general Chiang Kaishek lutarem contra o Mikado, recursos que não foram para Mao.

Continuando, ao final da 2ª Guerra Mundial, nas conferências de Yalta e Potsdam, os “três grandes”, Roosevelt, Churchill e Stálin, dividiram o mundo em esferas de influência. A China foi destinada a Chiang Kaishek, títere dos imperialismos. A Península da Coreia,

após a expulsão dos japoneses, foi dividida: o Norte para a esfera soviética e o Sul para a esfera estadunidense.

Mao tivera interesse durante a guerra civil em se fazer fotografar lendo obras de Stálin, como discípulo, e em 1949 a RPC assinou um Tratado de Amizade com a URSS. Nos anos 1950, a industrialização chinesa foi com maquinário, construção, engenharia, arquitetura etc. soviéticos. E a cultura foi enquadrada pelo “realismo socialista” oficial.

Mas a China nunca foi membro pleno do Conselho para Assistência Econômica Mútua (Comecon), formado por Stálin atrás da “cortina de ferro” em 1949, e não entrou no Pacto de Varsóvia, bloco militar da URSS formado em 1955.

Os dois “modos”, o modo russo e o modo chinês, marcam traços políticos distintos, apesar do elemento comum de não serem realmente sociedades socialistas, isto é, baseadas na propriedade coletiva dos grandes meios de produção, com o exercício do poder político pelos trabalhadores, explorados e oprimidos do campo e da cidade.

Se China e URSS fossem socialistas, em tese, deveriam se associar para a luta pelo socialismo no mundo. Mas, ao contrário, depois da rápida degradação das relações China-URSS no final dos anos 1950, romperam, de fato, em 1960, e, formalmente, em 1963. Os técnicos, engenheiros e conselheiros do bloco soviético foram retirados abruptamente, causando grande transtorno.

A China patrocinou a narrativa de “líder do Terceiro Mundo”, onde o bloco soviético seria o “Segundo Mundo”, e os países imperialistas, o “Primeiro Mundo”. De conjunto, foi o período do chamado “cisma sino-soviético”.

No contexto da chamada “guerra fria” entre os EUA e a URSS, após a derrota da colonização francesa na Indochina, em 1954, uma Conferência em Genebra – com a RPC – dispôs do futuro daquela região e decidiu a partilha do Vietnã, num acordo que não foi cumprido. A Guerra do Vietnã vem daí, e se seguiu de 1955 a 1975 pela reunificação da nação, e contra a intervenção militar dos EUA (1961/1973).

A China desdenhou do apoio ao Vietnã – República Democrática do Vietnã, no Norte, e a guerrilha da Frente de Libertação Nacional (Vietcong), no Sul, mas ambos foram armados por Moscou, que tinha interesse.

China e URSS só retomaram relações normais décadas depois do “cisma” que também dividiu a maioria dos partidos stalinistas no mundo. No Brasil, dividiu o PCB de Prestes com a cisão do PCdoB de João Amazonas.

Passado, presente e futuro

Voltemos ainda ao passado para chegar ao presente e perscrutar o futuro.

O Estado chinês atual não é igual ao Estado operário degenerado dos anos 1930, a velha URSS. Mas a hipótese de o PCCh, em 1949, ter dirigido uma revolução proletária por procuração do proletariado, sem a participação direta da classe organizada ou semi-espontânea, mais de 20 anos depois dos massacres em Xangai e Cantão, em 1927, que esmagaram o proletariado dos principais centros urbanos, não é razoável. Depoimentos relatam que o movimento operário ficou deprimido na maior parte do período da guerra sino-japonesa (1937-1945), e é lógico.

Na verdade, o PCCh dirigiu por um longo período o Exército Vermelho de base social camponesa e nas suas áreas havia reforma agrária. Até houve, um momento, soviets em Jiangxi, mas não se formou um novo Estado sobre essa base.

O Exército Vermelho de Mao se juntou ao exército do KMT contra os japoneses que dominavam desde 1931 a Manchúria, zona industrializada da China, e se lançaram, em 1937, à conquista do país. Eles expulsaram os japoneses em 1945.

Em 1947, o Exército Popular de Libertação (EPL) foi constituído pela fusão dos corpos armados dirigidos pelos comunistas. Logo mais, em 1949, ao lado de importantes levantes camponeses e urbanos, o EPL derrotou militarmente o KMT e tomou o poder nas

grandes cidades. O KMT do “generalíssimo” Chiang Kaishek se refugiou na ilha que os portugueses batizaram de Formosa, Taiwan.

A partir de 1949, o PCCh queria uma “Nova Democracia”, semelhante a uma etapa democrática, e deu ajuda estatal ao setor privado. Mas, nas cidades e no campo, as demandas populares haviam aflorado numa vaga de agitação social. De 1949 a 1950, uma reforma agrária radical destruiu a classe proprietária no campo, semifeudal ou burguesa. A terra foi distribuída aos camponeses, mas, nas cidades, não houve uma ocupação e gestão de fábricas expropriadas por trabalhadores organizados em conselhos, tal como na Rússia de 1917.

Mas aí se começou a combater a extrema desigualdade social. Não era uma manobra de Mao. O conjunto se entende a partir da “lei do desenvolvimento desigual e combinado” do capitalismo.

A lei histórica foi formulada por Trotsky para países como a própria Rússia. Ele a fez na época da Revolução, em 1905, e a reformulou em 1932, em oposição à teoria stalinista da “etapa democrático-burguesa” nas revoluções. Mas essa “etapa democrático-burguesa” era impossível na era imperialista, quando houve a partilha do planeta entre as potências, sem espaço para uma etapa de desenvolvimento soberano, sem a concomitante ruptura com a dominação imperialista, portanto, com as classes dominantes locais a ela ligadas, o que só os trabalhadores poderiam ligar, dando, ao fim, um caráter socialista à luta emancipatória. Essa era uma das bases da teoria da “revolução permanente”, que vem da ideia emprestada de Karl Marx no processo revolucionário alemão de meados do século 19: as fases da revolução não se separam estanques, senão que a revolução democrática ou nacional transcende numa revolução proletária.

A determinação de avançar ou não nessa transcendência, ou trânsito, atravessou o novo governo chinês, que decidiu avançar para manter o poder.

Apesar desta decisão de Mao na questão agrária ser ainda uma medida limitada no conjunto no sistema de produção, sobreveio uma grande pressão imperialista contra as medidas do novo governo, den-

tro e fora do país. Sobretudo da parte dos EUA que, no pós-guerra, se apresentava para hegemonizar a região com o Japão esmagado (e a Europa em ruínas).

Na situação descrita, Mao Tsé-Tung resolveu, em 1951, cavalgar as demandas sociais e lançar uma campanha contra “os inimigos do Estado”, e que foi um choque com os capitalistas.

Mas apenas em 1953 Mao nacionalizou o comércio exterior e começou a expropriar a burguesia industrial, comercial, bancária e a agiotagem no campo.

Brevemente, havia uma indústria da Manchúria, têxteis e outras nas cidades da costa, e uma economia mais diversa em Hong Kong. A isso correspondia um proletariado concentrado nessas áreas. Mas a classe proprietária era débil, já nasceu ligada ao capital internacional, desenraizada e pró-imperialista, uma burguesia “compradora”, como explicamos.

Foi neste ano de 1953 que se lançou o primeiro Plano Quinquenal. Começa aí um salto nas forças produtivas no campo e na cidade, expresso na rápida queda da mortalidade infantil e do analfabetismo, com o aumento da expectativa de vida.

Mas, falando claro, o novo Estado chinês se formou sob enquadramento militar de cima, dirigido pelo partido. É verdade que, após a ruptura com a grande burguesia, foram lançadas, em meados dos anos 1950, as “Comunas Populares” no campo – uma forma de coletivização agrária – como um apoio à política geral do “Grande Salto Adiante”. Mas as comunas não eram centralizadas no plano nacional, mas descentralizadas, inclusive com bizarras, acho eu, minissiderúrgicas. Com os camponeses desmotivados, tudo isso resultou numa “Grande Fome”, conforme numerosos testemunhos.

O processo histórico chinês foi muito tumultuado. Depois do fiasco desse “Grande Salto Adiante”, Mao abriu um período conhecido como das “Cem Flores” (“que desabrochem cem flores”), a título de debater e corrigir erros no regime. A realidade foi que, entre 1956 e 1958, houve debate e crítica entre estudantes, intelectuais e, também,

trabalhadores. Todavia, frustrando ilusões, Mao terminou essa fase prendendo as novas lideranças por até 20 anos, inclusive quadros do partido sensíveis às demandas socialistas e de democracia.

O partido passou, depois, pela Revolução Cultural país afora, com os conflitos com os Guardas Vermelhos, para só vir a recuperar a autoridade abalada com Deng Xiaoping nos anos 90 e, enfim, chegar à situação atual, com Xi Jinping.

A “liderança do partido”

Hoje, a discussão dos rumos e das medidas é feita na alta esfera do partido, o BP, com repercussão fora depois. Na nossa visita, não nos apresentaram um planejamento democrático embaixo, na sociedade, nas empresas ou no partido. Surpresa?

A Constituição da RPC de 2018 deixou bem claro que o partido está abertamente acima de todas as outras instituições e órgãos, em cada nível, nos sindicatos, no parlamento – a Assembleia do Povo e a Conferência Consultiva do Povo (“Senado”) –, na universidade, nas províncias e municipalidades. Não se controla por detrás como nos soviets burocratizados. Na China, se proclama a legitimidade da autoridade para controlar de frente.

República Popular da China: “A liderança do Partido Comunista da China é a característica definidora do socialismo com características chinesas. A sabotagem do sistema socialista por qualquer organização ou indivíduo é proibida” (Artigo 1º da Constituição, revisada em 2018. O lugar do PCC é, tal como disse Xi, “leste e oeste, norte, sul e centro, é o partido que lidera tudo”).

URSS: “Artigo 2º – A base da organização política da URSS consiste em soviets de deputados das classes trabalhadoras, que cresceram e se tornaram fortes devido à supressão do poder das mãos dos proprietários e capitalistas e à conquista do poder pelo proletariado” (Constituição de 1936, “a mais democrática do mundo”, Stálin).

É claro o papel do partido único chinês. No mesmo parágrafo acima, após a “liderança definidora”, a “sabotagem” é proibida na frase seguinte, o que supõe um conjunto de medidas de coerção. Não é sério, como fazem certos propagandistas do regime, falar de oito partidos que, oficialmente, têm 379 deputados na Assembleia do Povo, contra 2.095 do PCCh. Mas não é uma questão aritmética, é essencialmente política, pois esses oito partidos reconhecem a “liderança” do PCCh! Não existe oposição, portanto, e alguns deles costumam ganhar um ministério para figurar no governo.

Imperialismo?

A China está no mercado mundial, “não abre a conta capital para não perder o controle” (Dilma), isto é, não há a chantagem da fuga de capitais, como aqui. O Estado controla o sistema financeiro, os bancos e o movimento de capitais.

Há dez anos, a relação de Xi com os gigantes privados se mantém, apesar das tensões. Em 2020, houve um problema com o bilionário Jack Ma, dono do grupo Ali Baba, homem mais rico da China e membro do PCCh. Um atrito se repetiu em 2023 e ele foi levado a dividir seu grupo em seis empresas. Após meses fora de circulação, Jack Ma reapareceu justo quando estávamos lá, de branco e humilde, como quem aceitou.

A “volta do Estado sobre o privado” que aparece na imprensa, ouvi de residentes, “é contraditória, conforme o setor, o certo é o reforço da centralização da autoridade do partido”.

O país enfrenta uma situação crítica em alguns aspectos. Houve diminuição do ritmo de crescimento (não é uma recessão). A não realização da meta oficial de crescimento demográfico traz vários problemas. Para os não familiarizados, a antiga política de controle da natalidade na China deu lugar ao seu contrário, frente ao envelhecimento da população – numa aposta para um crescimento econômico acelerado duradouro –, é preciso bem mais do que 1,4 bilhão de chineses para pagar a aposta.

Por outro lado, há a ameaça da crise do setor imobiliário privado, aparecida na forma atual em 2021, com a desestabilização da maior incorporadora chinesa a gigante Evergrande, cuja falência, apesar da mãozinha estatal, foi decretada este ano.

As incorporadoras que produziram muitos milionários anteciparam a compra de milhares de lotes estatais em províncias e municipalidades, as quais precisavam de recursos (houve denúncias de corrupção e muitas prisões). Elas ficaram “alavancadas” ao tomar empréstimos demais, e começam a não entregar as unidades, ou não encontrar quem queira comprar. A construção civil, um dos motores do “milagre chinês”, arrisca se mostrar uma “bolha” especulativa.

A história não se repetirá, mas uma “bolha” desse tipo precipitou a grande crise do sistema bancário de 2008 salvo pela injeção maciça de recursos dos Estados nos bancos *too big to fail*, exponenciando o endividamento público.

A dívida é um problema. O relatório de julho de 2022 da Universidade de Fudan, em Xangai, avaliava que os investimentos na Rota da Seda, após dez anos, chegavam a quase US\$ 1 trilhão. A estimativa foi confirmada pelo governo no final do ano, inclusive que os calotes beiravam US\$ 300 bilhões, em boa parte foram refinanciados pela China.

Há uma pressão “de mercado”, maior sobre os países menores endividados em yuans, alguns africanos que chegam a comer 1/3 dos seus orçamentos para arcar com o refinanciamento, penalizando os serviços públicos.

De fato, segundo Lênin em *O Imperialismo – Fase Superior do Capitalismo* (1916), a exportação de capital é um dos cinco traços do imperialismo, mas não é o único. Outro traço é a fusão do capital industrial com o capital bancário, que resulta no capital financeiro, o qual controla os governos. Ora, na China há uma tutela do PCCh sobre o conjunto, o governo, o setor privado, as estatais, os bancos etc. e, também, as Forças Armadas. Outro traço claramente ausente é a guerra imperialista por mercados. A China, nesse sentido, não é um país imperialista.

Mas tem razão quem vê na relação da China na Nova Rota da Seda um novo tipo de “troca desigual”, isto é, desigualdade contínua no quadro do mercado mundial (comércio, bancos e investimento) em detrimento das nações mais atrasadas.

Historiadores não marxistas, como Peter Frankopan, de Oxford, descreveram a Rota da Seda original – iniciada na dinastia han, desde 135 a.C., como uma forma de o “Império do Meio” se apropriar (ele não utiliza este termo), por meio das trocas comerciais e não por meios militares, da riqueza produzida na Ásia Central, Ásia Menor e adiante em direção ao Oriente Médio, Norte da África e Europa. A Nova Rota da Seda não é uma ideia que caiu do céu.

Por outro lado, a comparação atualmente feita entre o PIB da China e o PIB dos EUA, pelo critério da “paridade de poder de compra”, coloca a China na frente, mas é unilateral. Despreza o fato de que ela tem 1/4 do PIB per capita dos EUA.

O PIB nem é um indicador de desenvolvimento ou de valor: há pouco mais de um século, a Argentina tinha o 6º PIB do mundo; um pouco antes, chegara a ser o maior PIB per capita; há 30 anos, se apostava que o PIB do Japão iria ultrapassar o dos EUA, mas sobreveio o marasmo. Na verdade, é no poder aquisitivo da classe trabalhadora e no controle da ciência e tecnologia que se pode “medir” melhor.

A China, é certo, lidera em diversos nichos de mercado (carros elétricos, fotovoltaico, setores da internet e outros), mas, de conjunto, é superada pelos EUA, que ainda detêm a maior parte da ciência e da tecnologia de ponta. Em vários setores-chave, a RPC, na verdade, é um país dependente de tecnologia. E, somando-se os EUA aos países da UE, Japão e Coreia do Sul, a balança desce. Um exemplo: estávamos na China quando se lançou o primeiro grande jato comercial de longa distância, uma produção doméstica com metade dos componentes importados.

Num indesejável confronto militar, a RPC teria dificuldade frente a um bloco EUA-UE-Coreia do Sul-Japão, a menos de uma forte reação popular interna nesses países.

Bloco Eurásia?

Um bloco “ocidental” começou a se desenhar militarmente durante a guerra da Ucrânia – especialmente alinhando aos EUA a Alemanha que tem presença na China –, enquanto o seu suposto rival, o suposto bloco Eurásia (China-Rússia-Irã e outros), invocado em certos fóruns, pode ser o sonho de consumo de alguns, mas é uma ideologia no sentido marxista (ideias que escondem a realidade). E o BRICS não é um ente com corpo militar próprio, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), dirigida pelos EUA.

Senão, vejamos que Xi Jinping tira fotos com Putin, não condena a Rússia na ONU, tal como a Índia, virou grande comprador (energia etc.), vendedor *high tech*, que pode ter utilidade militar. Mas o NBD do BRICS não fez nenhum novo financiamento à Rússia, “em respeito às sanções do mercado” (Dilma). Apesar da histeria ocidental contra a China, esta evitou sanções mais duras dos EUA, do tipo das aplicadas sobre a Rússia. Embora, desde antes da guerra, existam cotas e retaliações que viraram interdição de certos produtos *made in China* nos EUA.

Um bloqueio completo da China – tipo Cuba ou Irã – traria um grande tumulto nas cadeias produtivas no mundo todo. Mas a quebra do dólar também seria um problema para a China, que sofreria com uma instabilidade perigosa para quem depende tanto do mercado mundial e detém muitos títulos do Tesouro dos EUA. Assim, o equilíbrio conflitivo segue, ilustrando a crise atual da ordem mundial do pós-guerra (Bretton Woods, FMI, Banco Mundial, ONU etc.).

A China e alguns emergentes querem desdolarizar e reequilibrar o comércio mundial. Muito justo. Enfraqueceria a “diplomacia do dólar” imperialista, assentada na decisão unilateral do presidente Richard Nixon, em 1971, de acabar com o lastro em ouro do dólar. O FED (o Banco Central dos EUA) passou a emitir dólares ao seu bel-prazer, independentemente do lastro, daí que a taxa de juros estadunidense virou um regulador mundial. A decisão constrangeu quase todos os bancos centrais do mundo a assentarem as suas reservas em

dólar. E o mercado passou a usar o dólar como virtualmente única moeda de troca.

A desdolarização poderia ser feita por várias moedas separadamente, trocando uma por outra, como trocar compra em real por venda em yuan – Brasil e China o fizeram. Mas é muito difícil fazer globalmente pela moeda yuan, e ainda menos por uma moeda global “do BRICS”, que não seja apenas uma unidade de conta (como já se fez na Asean – Indonésia, Malásia, Tailândia etc.). Isso porque essa nova “moeda do BRICS” teria que buscar um lastro global gigantesco. Na hipótese de ser o yuan, a RPC teria de abrir o seu mercado de capitais, o que não parece nada próximo.

Concluindo, sobre a natureza do Estado e do regime

A China não é um Estado capitalista normal, uma república burguesa. Pelas relações de produção, de fora, é complexo avaliar. A dinâmica parece ser privada, o setor estatal não chega a 50% do PIB. Investigadores cravam que o privado já representa 60%. Mas ainda há dominância estatal, considerando:

a) a propriedade da terra, onde o Estado distribuiu lotes rurais e pode dispor deles ou das cooperativas, e tem a propriedade urbana do solo; mais de um terço da população vive no campo;

b) o fato maior de que o Estado controla o comércio exterior (*trading companies*), os bancos (98% das ações bancárias), além dos vários monopólios estatais (mineração, transporte, energia etc.).

Por fim, a forma do regime, claramente, não é a de uma república democrática burguesa. Então, o que pode ser um regime de partido único, onde não há liberdade partidária, nem liberdade de organização sindical, nem liberdade de manifestação, como classificar isso, se não como um tipo, afinal, de ditadura? Não é uma ditadura de generais ou unipessoal, mas uma ditadura de partido.

Por outro lado, antes do desmantelamento da URSS (1991), à sombra de Deng Xiaoping, desde 1978, começou a se formar na China uma burguesia proprietária ligada ao mercado mundial, ao lado de

uma pequena burguesia camponesa, comercial e funcionária, com um enorme proletariado jovem, mas sem organização independente.

Ocorreram, nos últimos anos, antes e depois da pandemia, diversas greves e manifestações locais, várias delas vitoriosas, e houve mesmo tentativas de sindicatos independentes. O direito de greve foi retirado da Constituição em 1982, mas não há nenhuma lei proibindo os trabalhadores de fazerem greve. Fica a discricionariedade para os patrões e a polícia.

Seria, então, um capitalismo de Estado?

Lênin utilizou esta noção em um outro contexto. É necessário aprofundar. Há elementos de capitalismo de Estado, claro, mas não vejo isso institucionalizado na RPC. Esse conceito que aparece entre marxistas e não marxistas, no caso da China, dissolveria numa coleção de situações históricas díspares, sociedades com sistemas produtivos diferentes – desde Cuba até um regime de tipo fascista. Na China, há o Estado e há o capitalismo, mas é sob a tutela do PCCh sobre a burguesia, a qual tampouco tem representação política autônoma. A burguesia está no partido, em que uma parte é filiada, como também em estruturas do Estado e em relações em 22 províncias, mas ela não consegue agir de forma coesa ou ainda menos aberta.

Na universidade, segundo trabalhos acadêmicos, se encontra entre filiados ao PCCh membros de correntes de pensamento econômico tão diversas quanto a de Hayek, o papa do “ultraneoliberalismo”, até um tipo de “reformismo” social de mercado, e, por fim, há o “centro” pragmático, que majoritário. Várias cabeças-chave dessas correntes foram incentivadas a estudar em Yale e Harvard, não são dissidentes para nada.

A “modernização”, a “ocidentalização” em grande velocidade, não está só no maquinário e nos equipamentos urbanos, shoppings, conveniências (que são lojas), prédios e congestionamentos.

É um processo histórico e cultural tão forte que se pode pensar que, não muito longe, o traço “ocidental” se sobreporá a uma parte das raízes culturais chinesas, que certamente não desaparecerão.

Um exemplo: numa longa rua de comércio de roupas femininas, **não é** que os tênis fossem ocidentais, afinal, boa parte é produzida lá mesmo, mas foi muito difícil encontrar uma peça de roupa com motivos da cultura chinesa. Será este o sonho chinês?

De todo modo, além dos efeitos sociais, os efeitos culturais também estão em curso, rapidamente. Parece-me que mais na forma de uma contradição, no sentido hegeliano, do que da “harmonia celestial” (das origens milenares da civilização chinesa).

Desenlace

Resultará de tudo isso uma simbiose nova de sistemas sociais e econômicos?

Muito hipoteticamente, talvez, quem sabe num futuro a longo prazo, mas isso é uma especulação. Acredito que, muito antes disso se realizar, pela luta de classes, a situação levará ao desenlace das contradições existentes entre as partes, visíveis nas tensões entre PC-Ch-Estado, patronato e trabalhadores, tanto em cima, nas cúpulas, quanto por baixo, entre as amplas massas.

Visto o lugar atual da China, esse desenlace terá um impacto revolucionário no plano mundial.

Hoje, há uma grande pressão do imperialismo pelo lado da “guerra comercial” e pelo lado da segurança. A OTAN está estacionada, por assim dizer, detrás da Rússia e, do lado oposto, até mais próximos, os EUA estão por detrás de Taiwan e ao redor no sul do Mar da China. Biden formou uma aliança militar com a Coreia do Sul e o Japão, e acaba de liberar inéditos créditos militares para armar Taiwan. Isso, certamente, obriga a China a aumentar a parte da Defesa no Orçamento, em prejuízo de investimentos sociais e produtivos.

No plano internacional, a direção política chinesa egressa da fusão partido-Estado busca, até o ponto de não romper com o mercado mundial, proteger a nação da qual depende, e assim se proteger também. Mas a tensão interna pode crescer em relação à pressão externa.

O seu intento se completará ou empurrará o país num rumo de crises?

Quando os estudantes da prestigiosa Universidade de Pequim aderiram às greves e manifestações fabris contra o *lockdown* em novembro de 2022, o governo recuou, e, diferentemente da Praça da Tiananmen, em 1989, não houve mortes nem prisões em massa. E, depois do fim oficial da pandemia, as greves e reivindicativas e protestos voltaram na indústria.

Em fevereiro de 2023, houve uma chamada de “revolução dos cabelos brancos”, com manifestações de aposentados no mesmo dia em Wuhan e Dalian, cidades que distam 2 mil quilômetros uma da outra. Eram contra a anunciada mudança no plano de saúde, numa transição de três anos para atingir os 350 milhões de assalariados segurados. Os aposentados, que inicialmente tinham 260 yuans mensalmente depositados na sua conta pessoal para essas despesas, passariam a receber 80 yuans mensais.

Os correspondentes dos principais órgãos da mídia internacional, a leste e a oeste, registraram uma tensão crescente com os sucessivos “sumiços” de altos dirigentes do Exército, da Aeronáutica, do ministro da Defesa, do ministro das Relações Exteriores, às vezes por semanas, às vezes por meses, a maior parte reaparecidos em novas funções ou aposentados.

Finalizando

Nos anos 1930, era polêmico e trabalhoso estudar e caracterizar a URSS recém-stalinizada. Havia militantes, estudiosos e intelectuais de esquerda que negavam o fato stalinista, ou porque não podiam acreditar nisso ou porque dependiam direta ou indiretamente da então poderosa URSS.

Havia também os políticos e capitalistas que esfregavam as mãos, esperando retomar o grande mercado, depois que Hitler invadissem e liquidassem a fatura, vários que apoiaram o nazismo. Mas não foi o que aconteceu. Depois da vitoriosa batalha de Stalingrado,

em 1942/43, sustentada pelo Exército Vermelho e pelo povo armado, o nazismo e o fascismo começaram a ser derrotados pelos trabalhadores e pelos povos no mundo.

Mas após a 2ª Guerra Mundial, as conferências dos “três grandes” (Yalta e Potsdan) indicaram uma “coexistência pacífica”. Apesar do período de “guerra fria”, a tal “coexistência” ocultou a relação, de maneira geral, dominante, de colaboração do Estado soviético burocratizado com o imperialismo na manutenção da ordem mundial, e isso foi aos trancos e barrancos até o desabamento da URSS e de seus satélites.

Já vimos a forma particular com que a China atravessou esse período desde os anos 1930. A discussão sobre a China atual deve ser feita sem modelitos pré-concebidos, “análise concreta da situação concreta” (Lênin, no livro *Que fazer?*).

O processo histórico não terminou. As massas populares ainda darão a sua última palavra.

Post-scriptum

Depois de terminada a primeira versão deste texto, ainda em 2023, foi assinado no dia 20 de setembro, em Brasília, o *Acordo de Entendimento sobre o Intercâmbio e a Cooperação entre o Partido Comunista da China e o Partido dos Trabalhadores do Brasil* (www.pt.org.br).

O acordo foi assinado por Liu Jianchao, ministro do Departamento Internacional do Comitê Central do PCCh, representado no evento por Li Xi, membro da Comissão Permanente do Birô Político e secretário de Inspeção Disciplinar. Do lado do PT, foi assinado pelo homólogo secretário de Relações Internacionais do partido, Romênio Pereira, representado, por sua vez, pela presidente do PT, Gleisi Hoffmann.

Pois bem, havia um *Protocolo de Cooperação* entre o PT e o PCCh desde 2004, assinado pelo então presidente do PT, José Genoino, cujos resultados se pode avaliar tranquilamente. No seu preâmbulo, ele trazia a cautela da “independência e autodeterminação, plena

igualdade, respeito mútuo e não interferência nos respectivos assuntos internos”.

Ora, este *Entendimento* de 2023 obliterou no preâmbulo essa cautela ao falar de “princípios de busca de visões comuns e reserva (!) de diferenças”.

O *Protocolo* de 2004, prudente, no seu artigo 1º, falava de “trocar as experiências na administração de país e gestão política”, e não indicava, como agora, em 2023, aprender “governança socioeconômica” com um regime de partido único sem participação social.

Por fim, no seu artigo 4º, em 2004, se propunha “o intercâmbio amistoso entre as organizações de massa e as comunidades sociais dos dois países, como os sindicatos, organizações de jovens, mulheres etc.”.

Mas este Acordo de 2023, no seu artigo 3º, prevê que as “*estruturas dos dois partidos também serão reforçadas, assim como os contatos amistosos entre as organizações de massa alinhadas aos dois partidos tais como os sindicais, juvenis, e das mulheres etc.*”

Esse Acordo de Entendimento não é apenas um Protocolo, embora não tenha sido discutido em nenhuma instância de direção do PT, tem um prazo quinquenal, como quase tudo na China.

Aonde vamos assim?

Se esse Entendimento fosse discutido na direção tal como está redigido, com o cuidado de não me deixar confundir com a retórica hostil à China do imperialismo, eu argumentaria contra esse conceito escandalosamente novo para o PT de “organizações de massa alinhadas ao partido”.

Novo Dicionário Aurélio – “Alinhado: adjetivo. Posto em linha reta”.

Oxford Languages – “Alinhado: Adjetivo. Que se conseguiu alinhar; colocado ou localizado em linha reta; posto em fila”.

Como concepção, o “alinhamento” é, em si mesmo, uma concepção autoritária e historicamente assumida por partidos de várias cores políticas, cada um a seu modo.

A ditadura do “Estado Novo” no primeiro governo Vargas “alinhou” a seu modo os sindicatos e outras organizações populares (de mulheres, de negros, da cultura etc.), reprimindo e suprimindo sua independência. Outros governos fascistas ou semifascistas fizeram o mesmo. Mas os PCs stalinistas, quando chegaram ao poder, fizeram também cooptação, “alinhando” ou liquidando as organizações populares que tentavam manter autonomia. Assim como faz, hoje mesmo, o governo dito de esquerda de Ortega na Nicarágua, que disciplinou ou fechou organizações não alinhadas.

No caso do Entendimento de 2023, o “alinhamento” proposto é de inspiração stalinista, que é a herança chinesa no caso.

Mas a concepção de “organizações de massa alinhadas ao partido” é contraditória com a tradição e a letra das resoluções e dos programas eleitorais do PT, que demarcam claramente a autonomia das organizações populares e dos sindicatos em relação ao Estado, aos governos e aos partidos.

Os termos do *Entendimento* são frontalmente contrários ao artigo 1º do Estatuto do PT, atualizado em 2017 (não nesse quesito):

“Art. 1º. O Partido dos Trabalhadores (PT) é uma associação voluntária de cidadãos e cidadãs que se propõem a lutar por democracia, pluralidade, solidariedade, transformações políticas, sociais, institucionais, econômicas, jurídicas e culturais, destinadas a eliminar a exploração, a dominação, a opressão, a desigualdade, a injustiça e a miséria com o objetivo de construir o socialismo democrático.” (www.pt.org.br)

A contradição é flagrante.

A reescritura de 2004 em 2023, com a introdução cirúrgica do termo “alinhadas”, não é acidental. E isso não é só um jogo de palavras, pois, se aplicado, seria uma reorientação dos fundamentos constitutivos do PT.

Certo, não se pode no Brasil, com a atual estrutura institucional, degenerar o PT em “partido único” de Estado. Mas se pode voltar as costas à participação social autônoma substituída pelo “alinhamento”, e esvaziar o controle da base sobre a direção do partido com debate e decisões apenas na cúpula. Isso, como um projeto de futuro, teria sérias consequências práticas, e não precisaríamos esperar terminar o quinquênio do *Entendimento* para verificar.

O que fazer sobre o “alinhamento” introduzido?

Se seguirmos, vamos tentar alinhar as organizações de massas ao partido no Brasil, contrariando a nossa história? E, na base, quando um militante, num sindicato da CUT, para ser concreto, ou em outra organização dirigida por petistas, resolver se “alinhar” e aplaudir uma medida importante apoiada pelo partido, mesmo se ele estiver fora do governo, e esse militante não se sentir confortável com o alinhamento, faz o quê, troca de organização ou troca de partido?

O assunto é sério, não é tudo-bem, esse não pode ser um acordo “para chinês ver”, o PCCh merece mais consideração.

Então, como foi possível esse *Entendimento*? Ou ninguém se deu conta, ou o mundo mudou, como ouvimos, repetidamente, na grande mídia e no PT. Mas aí ficaria a dúvida do que mudou mais em 20 anos (2004-2023): o mundo, a China ou a direção do PT.

Convenhamos, esse *Entendimento* é um ponto fora da curva aberta na fundação do PT em 1980, e reafirmada, neste particular, em todos os encontros nacionais e congressos.

Não posso terminar sem registrar que, em 11 de abril de 2024 o assunto voltou à pauta na nova delegação do PT à China, agora, com a presidenta Gleisi. Uma nota do site do PT diz que “a presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann, reafirmou o interesse do partido em manter relações de cooperação com a Escola Central do Partido Comunista da China” e, mais à frente, o site oficial do partido fala da “ideia de enviar quadros para participar de atividades na capital chinesa e receber, no Brasil, professores do instituto para que possam

repassar como desenvolveram a filosofia de formação permanente e contínua aos membros do PT”.

Ora, não creio adequado que nós, do PT, pretendamos ensinar ao PCCh a matéria, assim tampouco que aprendamos de construção partidária de um partido único, modelo que rejeitamos desde a fundação do PT.

É verdade que o partido tem tarefas mais urgentes. Mas ficou incontornável abrir o livre debate a respeito das consequências práticas implicadas no *Entendimento*. Paro por aqui, pois não conheço os termos de um acerto lá em Pequim, se houve um, e porque a presidente Gleisi nos prometeu, no dia 15 de abril, uma discussão no DN como havíamos solicitado, o que seria positivo.

Nota do editor: Este artigo é uma versão do livro *Viagem à China, um relato comentado*, publicado em novembro de 2023 pela Nova Palavra Editora.

Algumas obras consultadas

Guide to China, de J.P. Morgan Asset Management, J.P. Morgan Investment Management Inc, United States, abril de 2023.

El Sueño Chino, de Osvaldo Rosales, Cepal Naciones Unidas, Siglo XXI Editores Argentina, Buenos Aires, 2020.

Imperialism and the Development Myth: How Rich Countries Dominate in the Twenty-First Century, de Sam King, Manchester University Press, Manchester, 2021.

O Coração do Mundo, Uma Nova História Universal a partir da Rota da Seda: Encontro do Oriente com o Ocidente, de Peter Frankopan, Planeta, São Paulo, 2019.

Memoires de Peng Shuzi, L'envol du Communisme em Chine, de Claude Cadart e Cheng Yinxiang, Éditions Gallimard, Paris, 1983.

Two Revolutions, de Perry Anderson, New Left Review, janeiro-fevereiro, Londres, 2010.

The Party and its Success Story, de Wang Chaohua, New Left Review, janeiro-fevereiro, Londres, 2010.

La Marche de Wang, Memoires d'un Revolutionnaire Chinois, de Wang Fanxi, La Brèche, Paris, 1987.

Lin Xiling L'indomptable, de Marie Holzman, Bayard Éditions, Paris, 1983.

Manifestes, Thèses et Résolutions des Quatres Premiers Congrès de l'Internationale Communiste (1919-1923), Librairie du Travail, 1934; reimpressão em fac-símile, La Brèche – Selio, Paris, 1984.

La Question Chinoise dans l'Internationale Communiste (1926-1937) – Boukharine, Chen Duxiu, Joffe, Mandallian, Martynov, Préobrajensky, Sun Yatsen, Staline, Trotsky, Vuyovic, Zinoviev; Textos reunidos e apresentados por Pierre Broué, EDI, Paris, 1976.

A Colaboração Stalin-Hitler 11/03/1939–22/06/1941 e Agosto-Setembro 1944, de Jean-Jacques Marie, Éditions Tallandier, Paris, 2023.

Futuro das relações Brasil-China

“Só um governo de esquerda terá capacidade e vontade política para aproveitar plenamente as potencialidades positivas abertas na relação com a China”

.....
NATÁLIA SENA

Membra da Executiva Nacional do PT e integrou a delegação do partido que viajou à China em junho de 2023.

O futuro das relações Brasil-China a partir de uma perspectiva explicitamente política é uma dimensão essencial e sobre o qual destaco três fatores que, na minha opinião, devem influenciá-lo, sem prejuízo de outros serem colocados, claro. Refiro-me em primeiro lugar à situação dos Estados Unidos e aos impactos da conjuntura norte-americana na América Latina e, conseqüentemente, no nosso país; à situação política do Brasil e à ação da esquerda brasileira e, tão importante quanto os aspectos anteriores, ao papel desempenhado pelo Partido Comunista da China (PCCh).

A respeito do primeiro fator, entendemos que os Estados Unidos estão vendo sua hegemonia mundial declinar. E que eles não ficam assistindo a isso, especialmente em um mundo onde existe a potência — em várias dimensões, não apenas econômica — chinesa. Então, a reação dos EUA a essa situação é endurecer. Endurecer política, econômica e militarmente, com conseqüências em âmbito mundial — vide as guerras em curso — e em âmbito regional.

Portanto, no curto prazo, a decorrência do declínio dos EUA é que a América Latina fique mais pressionada do ponto de vista econômico e político, o que impacta as relações dos países da nossa região com a China. Exemplo disso é o Brasil sob Bolsonaro, quando, mesmo com a existência de grande relação econômica, as relações políticas deterioraram. E no que diz respeito aos EUA e esse conflito geopolítico com a China, é importante registrar que independente de quem vai ganhar as eleições de novembro de 2024 nos EUA, seja Joe Biden ou Donald Trump, esse conflito vai continuar. Trata-se de uma questão existencial para eles e que se aprofundou com a crise de 2008.

Por outro lado, é claro que, no médio e no longo prazo, caso aconteça de os EUA se recuperarem do declínio que está em curso e se não forem definitivamente superados pela China, obviamente, estará colocado outro o cenário em relação às possibilidades nas relações da América Latina e do Brasil com China. Portanto, o futuro dessa relação Brasil-China passa, necessariamente, pela situação dos EUA, passa por sabermos qual será o “desfecho” que vai ter a atual situação de declínio da hegemonia dos EUA.

Um segundo aspecto que impacta o futuro dessa relação entre Brasil e China é a situação do Brasil e o papel que a esquerda brasileira vai cumprir. É incontestável que a relação do Brasil com a China será influenciada, também, pelo que vier a acontecer na política interna do Brasil. Não nas relações comerciais, mas na política, no tipo de governo que tenhamos no Brasil. Um exemplo disso é o que aconteceu na Argentina, quando Javier Milei, ainda candidato à Presidência da República, disse “não ter relação com comunistas chineses”. Outro exemplo é o que vivemos recentemente no Brasil sob Bolsonaro. O que foi a relação do Brasil com a China no governo Bolsonaro e o que está sendo agora no governo Lula? Claro, nos dois governos — o anterior e o atual — se mantiveram as relações comerciais, mas é evidente que a relação Brasil-China mudou de patamar, em termos políticos e estratégicos, com a volta de Lula ao governo. Basta lembrar que a ex-presidenta da República Dilma Rousseff é a atual

presidenta do banco do BRICS. Isso é uma materialização da mudança de qualidade na relação entre os países.

Apesar disso, às vezes, alguns parecem achar possível colocar a política numa espécie de segundo plano quando se faz análise da relação com a China. E mesmo quando reconhecem a importância da política, é muito comum que alguns analistas, estudiosos, dirigentes políticos, façam sua análise e estudos a partir de um ponto de vista quase que exclusivamente econômico. Minha opinião é que se faz necessário olhar e debater mais a política, inclusive ouvir e compreender mais o que os próprios chineses explicitam sobre si mesmos. E não se trata de “lugar de fala”, mas sim de olhar para a experiência concreta.

No que diz respeito ao Brasil, entendo que só um governo de esquerda terá capacidade e vontade política para aproveitar plenamente as potencialidades positivas abertas na relação com a China. Outros tipos de governos, de direita, vão ter relação com a China? Provavelmente, sim. Havia relação com a China sob o governo Bolsonaro. Mas relação comercial e nada mais. Dizendo de outro jeito, governos que não sejam de esquerda não serão capazes de aproveitar as potencialidades positivas. Governos de direita tendem a maximizar os problemas, as negatividades.

Claro que precisa ser considerado que Brasil e China têm sistemas políticos muito distintos. Aqui no Brasil, ainda padecemos da hegemonia do neoliberalismo, temos eleições a cada dois anos, temos alternância de governos com orientações distintas, temos descentralização. Lá na China, temos uma sociedade e um Estado decorrentes de uma revolução, temos socialismo, temos centralização política.

Mas, inclusive em razão dessa diferença, é que acho que o futuro dessa relação Brasil-China depende da estratégia da esquerda brasileira, que precisa viabilizar um projeto com sustentação de longo prazo no país, com foco em desenvolvimento, capacidade de planejamento, uma política industrial, que consiga dizer explicitamente para os nossos parceiros o que queremos, que projetos queremos e podemos desenvolver juntos. Nesse sentido, penso que só um governo de es-

querda, exitoso em defender nossa soberania, o bem-estar social e as liberdades democráticas de nosso povo, comprometido com o desenvolvimento, pode aproveitar todas as potencialidades disponíveis na relação do Brasil com a China.

Por fim, mas talvez o mais importante, o papel do Partido Comunista chinês. Fala-se muito do papel do Estado no desenvolvimento da China. Mas fala-se pouco de que se trata de um Estado - mais que controlado ou dirigido pelo Partido Comunista - que foi criado pelo Partido Comunista, como vanguarda de uma revolução que conquistou o poder de Estado. Portanto, não se trata simplesmente do comando do governo, mas de Poder, com P maiúsculo. O papel do Partido Comunista é algo absolutamente estruturante da situação que existe na China e nos impactos da existência da China atual no resto do mundo.

Na minha opinião, a China é um país socialista. Com características próprias, óbvio, com contradições, óbvio também. E acho fundamental aprofundar as reflexões e debates sobre o impacto disso na prática para o desenvolvimento chinês, para o papel que a China tem hoje no mundo, e principalmente nas relações com o Brasil.

Ouvi em duas ocasiões diferentes, dito pela presidenta Dilma - sendo uma vez numa live pública e outra vez numa reunião que fizemos com ela em Beijing - que em algumas análises sobre o desenvolvimento em curso na China, o Partido Comunista é tratado como se fosse uma espécie de “sujeito oculto”. Concordo muito com esta crítica feita pela presidenta Dilma. A existência e a ação do PCCh não são um mero detalhe para compreender o que acontece na China hoje. Muito menos acho que seja possível analisar o que acontece lá como algo que acontece apesar do PCCh. Como se fosse possível analisar o que acontece ali, se relacionar com eles enquanto país, sem levar em conta que se trata de um Estado que foi criado e é dirigido pelo Partido Comunista.

Obviamente, o Partido Comunista da China tem seus erros, acertos e limitações, como todo instrumento de ação humana, como

qualquer partido. Uma dessas, digamos, limitações, é até hoje não ter garantido uma presença expressiva das mulheres na cúpula do Partido. Mas, convenhamos, a pequena presença de mulheres em posições de destaque não é um problema apenas dos comunistas chineses.

É necessário reconhecer que o fato de ter existido uma revolução, de existir uma direção política socialista, que é garantida pelo papel dirigente do PCCh sobre o Estado, tem implicações diretas na postura dos EUA em relação à China, da postura da própria China em relação ao resto do mundo, e obviamente nas relações da China com o Brasil.

Na China não há exatamente uma separação entre Partido e Estado, ou uma hierarquia nos moldes que nós conhecemos, onde, de um lado, se relaciona com o Partido, de outro, com o governo, Estado, e essa última relação seria a mais importante. A rigor, os “postos” ocupados no Partido têm mais importância do os ocupados no Estado, que seria como um executor das decisões políticas que são elaboradas pelo Partido. Para nós, pode ser difícil entender essa dinâmica. De fato, é preciso ter em conta o percurso histórico que foi traçado, a revolução, os sistemas políticos totalmente diferentes, as culturas políticas dos próprios partidos também. Então, é preciso ter bem nítido que não é possível se relacionar com eles com nenhum tipo de expectativa de “copiar” experiências.

No entanto, considero possível cooperar em muitas frentes, e há bastante coisa em que é possível se inspirar. Destaco duas: a experiência de formação e experiência de trabalho de base. A formação de quadros está na centralidade da ação política do PCCh. E isso não tem implicação apenas na existência de bons quadros com formação política no sentido que estamos acostumados aqui no Brasil e, especialmente, na esquerda brasileira. Trata-se de formação de quadros políticos para condução do Estado e da sociedade.

Há projeto e preparação para que as pessoas sejam qualificadas para elaborar e dirigir politicamente um projeto de desenvolvimento de verdade. Um espaço acadêmico que de fato se implica politicamente,

tem forte compromisso com o socialismo e com o desenvolvimento. Existem diversas universidades do Partido, com formação em todos os níveis (municipal, provincial, nacional), nas mais diversas áreas, e que alcançam desde o militante de base até os dirigentes da alta cúpula. Um exemplo que parece surreal aos olhares brasileiros, é o caso do embaixador da China no Brasil que nos contou que estava designado no México quando chegou sua vez de ir para o curso de formação, o que o obrigou a deixar a embaixada por alguns meses e retornar à China para participar do curso de formação. Lá, a formação é permanente, e a concepção é de que ninguém está formado de maneira definitiva.

O PCCh tem 97 milhões de militantes/filiados. Para o PT ser do mesmo tamanho — considerando, proporcionalmente, as populações chinesa e brasileira —, teria que ter 15 vezes o número de filiados que tem hoje. Então, não é mesmo algo que se pode desconsiderar ou minimizar. Há contato real do Partido com a vida cotidiana do povo, a dinâmica Partido/Estado viabiliza um nível de resolutividade dos problemas que é alto, e, nesse contexto, a politização média das pessoas é alta também.

Agora, na prática, não tem muito mistério em relação ao que conhecemos como “cartilha” para o trabalho político: conexão real com as pessoas e suas demandas concretas, sede física com espaço de sociabilidade, salas para formação política e biblioteca, assistência aos que precisam. Em tese, não tem mistério, mas, na prática, fazer é outra história. E, lá, eles parecem ter boas experiências de trabalho permanente. Sem perfeição, claro, mas é algo que anda raro de se ver.

Por fim, a admiração pelas nossas experiências é recíproca. Eles têm muito respeito pela experiência da esquerda brasileira e consideram que é fundamental conhecer mais sobre a nossa história, linha política e prática cotidiana. Na relação com os chineses, não há o que se romantizar, devemos sim beber de uma experiência que é impressionante, que tem seus erros, suas limitações, mas que também tem muitos acertos e feitos incríveis. Estudar, conhecer e difundir dessa

experiência é fundamental, sem idealização, mas também sem demonização, e dando o devido mérito pelo que se fez e se faz, porque não é possível entender nem explicar o que está em curso na China, hoje, sem entender a dinâmica, as contradições, a política que é formulada pelo PCCh.

O fundamental para o futuro das relações entre o Brasil em China vai caber ao Brasil construir. Há variantes fora da nossa governabilidade, mas é preciso que o Brasil seja capaz de apresentar à China um projeto de desenvolvimento, de cooperação, que seja bom para ambas as partes, e que nos coloque num patamar acima do atual, que, basicamente, é de fornecedor de matérias primas. Sinto muito para quem espera que eles nos “salvem”, ou para quem acha que a “fórmula” pode vir de lá (ou de qualquer outro lugar): a gente vai precisar definir qual o nosso plano para, com nosso plano na mão, definir qual queremos que seja a nossa relação com os chineses.

O Brasil e a China: a política no comando

“Para negociar politicamente com a China, é preciso falar com quem controla o Estado Chinês desde 1949: o Partido Comunista da China”

.....

GLEISI HOFFMANN

Presidenta nacional do PT e deputada federal pelo Paraná.

O mundo está mudando. A hegemonia americana vem diminuindo. Outros países estão ascendendo. Outro futuro está sendo construído. A questão não é saber “se”, a questão é saber como, quando e com quem vamos compartilhar esse novo futuro. O grande empresariado brasileiro já fez a sua escolha. Desde 2009, a China é o maior parceiro comercial do Brasil. O saldo de comércio acumulado nos últimos 20 anos é de cerca de 250 bilhões de dólares a favor do Brasil.

A questão é que, se deixarmos as relações entre Brasil e China serem decididas pelo livre comércio, vamos continuar sendo exportadores de primários e importadores de industrializados. Nós, do PT, não queremos perpetuar esta situação. Queremos reindustrializar o Brasil. Por isso, é preciso colocar a política no comando.

Na China, a política está no comando. Existe mercado, existem empresas e empresários privados, só que – diferentemente do Brasil – a economia privada está a serviço de objetivos que vão muito além

do lucro individual. Quem duvida, por favor, olhe os indicadores do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e de outras organizações internacionais. Ou, então, veja as estatísticas da OMS, sobre como a China conseguiu evitar que a COVID-19 causasse a mesma tragédia humana que causou nos Estados Unidos e no Brasil.

Nós, do Partido dos Trabalhadores, queremos que as relações da China com o Brasil contribuam para que o nosso país dê um salto em seu processo de industrialização e desenvolvimento tecnológico. E, para isso, é preciso colocar a política no comando, ou seja, negociar novos termos da relação. E, mesmo que isso incomode o coração de alguns, para negociar politicamente com a China, é preciso falar com quem controla o Estado Chinês desde 1949: o Partido Comunista da China.

Os chineses valorizam a relação governo-governo. Foi por isso, aliás, que estabeleceram uma relação estratégica com o Brasil na época de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Foi por isso, também, que adotaram uma parceria estratégica global, assim como incentivaram o BRICS na época de Lula e Dilma. Mas, para os chineses, a relação partido-partido é muito importante. Totalmente diferente da sanha antipolítica e antipartido da extrema-direita, os chineses vêm promovendo reuniões mundiais de partidos políticos, para as quais são convidados inclusive partidos conservadores.

Sendo assim as coisas, é indispensável – se queremos que a relação Brasil-China se mantenha e se queremos que ela deixe de ser marcada pela exportação de produtos primários – que o Partido dos Trabalhadores mantenha relações com o Partido Comunista da China. Nessas relações, buscamos conhecer e respeitar. Copiar, nunca. Sabemos que algumas pessoas, no Brasil e no mundo, tratam a China como uma aberração antidemocrática e totalitária. Sabemos, também, que algumas pessoas acham que nosso modelo político deveriam ser os dos Estados Unidos e a Europa – onde a extrema-direita vem crescendo, apesar de, no passado, ter causado duas guerras mundiais.

Nossa opinião a esse respeito é a seguinte: não é a China que ameaça a paz nem a democracia no mundo. A ameaça à paz e à democracia está mais ao Ocidente, digamos assim. Achemos, também, que cabe aos chineses decidir que modelo de governança vão adotar. Não somos a favor da ingerência, como os Estados Unidos fazem desde a Declaração Monroe, de 1823, tratando o continente americano como “quintal”. E repudiamos os golpes e invasões contra os países e governos que não concordam com o *american way of life*. Cuba, por exemplo, é vítima de um bloqueio cruel desde a década de 1960.

Sei que, para pessoas acostumadas a copiar o modelo dos Estados Unidos, nossa visita à China pode indicar que nós, do PT, queremos copiar o modelo chinês. Para quem está preocupado com isso, recomendamos relaxar. Não fomos à China copiar modelos, nem o PCCh nos proporia isso. Nossa relação sempre foi de mútuo respeito. Fomos à China conhecer a história e as experiências práticas que levaram um país semifeudal e destruído pela guerra, como era a China em 1949, a transformar-se na potência econômica, tecnológica e científica que é hoje. Uma potência não apenas em benefício de alguns, mas capaz de superar a pobreza e a desigualdade de mais de 1 bilhão e 400 milhões de pessoas.

Só indo à China é possível perceber suas potências, seus problemas e inclusive suas debilidades. Mas não precisamos ir à China para defender algo que já defendemos desde que o PT foi fundado: um país soberano, um país igualitário, um país com liberdades democráticas, um país desenvolvido. E um “socialismo com características brasileiras”.

Este é o modelo que queremos construir com nosso povo, sem copiar ninguém, mas sempre conhecendo e respeitando as experiências de partidos de tradição socialista, popular e democrática dos mais diversos países. A história recente do Brasil mostrou, mais uma vez, quem são os defensores da subalternidade em política externa, da desigualdade social e da ditadura em nossa sociedade. E o povo brasileiro sabe de que lado o PT está e sempre esteve: na linha da

reconstrução e da transformação do Brasil. É para contribuir com isso que o PT mantém e continuará mantendo ótimas relações com a China.

Nota do editor: este artigo foi publicado originalmente no site oficial do PT em 15 de abril de 2024. Disponível no seguinte link:

<https://pt.org.br/o-brasil-e-a-china-a-politica-no-comando-por-gleisi-hoffmann/>

Missão à China – relato de uma internacionalista brasileira

“Saí de lá com a forte impressão de que há um desejo muito grande por parte do governo chinês em aproximar o Brasil da Iniciativa Cinturão e Rota”

.....

MONICA VALENTE

Membra da Comissão Executiva Nacional do PT; secretária executiva do Foro de São Paulo.

O mundo vem vivendo transformações profundas e rápidas. A persistente crise econômica iniciada em 2008, a eclosão de uma pandemia jamais prevista, a queda relativa da hegemonia estadunidense que se pretendia eterna após o fim da União Soviética e as lutas dos povos por soberania, democracia e igualdade fazem desse mundo um cenário incerto, onde o velho ainda não morreu e o novo ainda não nasceu, como descrito por Antonio Gramsci.

Foi com esse pensamento, com essa preocupação na cabeça, que visitei a China numa incrível missão organizada pelo PT, por seu secretário de Relações Internacionais, Romênio Pereira, e chefiada pela presidenta Gleisi Hoffmann, sob os auspícios do Partido Comunista da China.

Iniciando pelo 7º Seminário Teórico entre o PT e o PCCh, momento importante de troca de informações sobre os dois países e os dois partidos, fomos de Pequim a Xangai em inúmeras cidades; em-

presas; centros de planejamento; universidades; escola de formação do PCCh (visita muito impactante nessa jornada); Museu do PCCh, inaugurado no centenário do Partido, em 2021; vilarejos exemplares da eliminação da pobreza extrema em todo o país no final de 2020, dentre tantos outros locais.

Sei que meus companheiros e companheiras petistas da Missão estão a fazer seus relatos e impressões que certamente comporão um panorama muito completo de nossa visita. Então, escolhi falar de um aspecto que muito me impactou ao visitar a China em 2024, relacionado à construção de um mundo multipolar, pacífico, desenvolvido e igualitário, um dos melhores sonhos da humanidade nestes tempos complexos e, talvez, sombrios.

A China, por meio da liderança do PCCh e de seu presidente Xi Jinping, vem mostrando ao mundo a possibilidade concreta e visível de construção de um país econômica e tecnologicamente desenvolvido, com uma profunda justiça social, a serviço do povo. Aliás, esse é o lema do PCCh: “servir ao povo”.

Neste sentido, muito me marcaram duas visitas: à Universidade de Xiamen, na província de Fujian, lideira ao Estreito de Taiwan, onde fica a província de Taiwan, e ao Centro de Inovação do BRICS, também na província de Fujian. Quero comentar essas duas visitas e a inspiração que promoveram.

A província de Fujian era um dos pontos da antiga rota da seda e, hoje, é um dos nós da chamada Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, por suas siglas em inglês), lançada por Xi Jinping em 2013. A BRI é uma estratégia de desenvolvimento global de infraestrutura adotada pelo governo da China, que possibilita investimentos em inúmeros países do mundo, sendo que só na América Latina já a integram 20 países, o Brasil, até o momento, não a integra. Na Universidade de Xiamen, existe um Instituto totalmente dedicado ao BRI, que tem como eixo estratégico aquilo que os chineses denominam “*a construção de uma comunidade de futuro compartilhado*”, expressão que simboliza a visão do PCCh do multilateralismo e de sua estratégia internacional.

Sai de lá com a forte impressão de que há um desejo muito grande por parte do governo chinês em aproximar o Brasil dessa Iniciativa, buscando integrar o país a essa estratégia. Considero essa uma importante oportunidade para nosso país que, liderado pelo governo do presidente Lula, tem como eixo estratégico de desenvolvimento o Novo PAC e, mais especificamente, o PAC da Integração, liderado pelo Ministério do Planejamento. No PAC da Integração, em cinco rotas apresentadas pela ministra Simone Tebet, as obras de logística (estradas, ferrovias, hidrovias etc.) do Brasil já se encontram no orçamento brasileiro, pois estão previstas no Novo PAC. Nas palavras da ministra Tebet, a integração regional “está no coração do presidente Lula”, e defende essa agenda como fundamental para o crescimento e o desenvolvimento da região e do país.

Evidentemente, a possível integração do Brasil à BRI deve ser analisada e estudada, sendo que cabe a nós a identificação precisa das nossas necessidades estratégicas e soberanas, à luz dos interesses do nosso país como nação. Um passo inicial dessa discussão pode ser um projeto de cooperação entre alguma universidade pública brasileira ou mesmo por meio da Fundação Perseu Abramo com a Universidade de Xiamen e esse Instituto que conhecemos lá.

A segunda visita a que me referi anteriormente foi ao Centro de Inovação do BRICS, em Xiamen, que se centra na implementação da Parceria BRICS sobre a Nova Revolução Industrial e na inovação e cooperação no campo industrial. Esse Centro, nas palavras deles, busca aumentar a cooperação do BRICS e a capacidade de enfrentar conjuntamente os desafios da nova revolução industrial, e promover a realização comum do progresso tecnológico, da prosperidade econômica e do desenvolvimento social. Não tenho conhecimento de quem são os representantes do governo brasileiro nesse Centro, ou mesmo se há algum. No entanto, à luz da NIB, Nova Indústria Brasil, estratégia do governo Lula coordenada pelo vice-presidente Alckmin, considero essencial uma participação de alto nível nessa iniciativa. Além da participação governamental nesse Centro, acredito que é

muito importante que o movimento sindical brasileiro, por meio das centrais sindicais, possa se assenhorar dessa iniciativa, tendo em vista a NIB, os avanços tecnológicos que a indústria brasileira necessita e os desafios da classe trabalhadora brasileira nesse processo.

4 de maio de 2024.

Aventuras do PT na China

“Socialismo, para os chineses, é, fundamentalmente, a melhoria contínua da vida material e espiritual do povo”

VALTER POMAR

*Membro do diretório nacional do PT, diretor da Fundação Perseu Abramo,
professor da UFABC.*

No dia 9 de abril de 2024, aterrissou na República Popular da China uma delegação de 28 petistas encabeçada pela presidenta nacional do PT, a companheira Gleisi Hoffmann.

A programação inclui a visita a quatro cidades: Pequim, Xiamen, Fuzhou e Xangai. As passagens, a hospedagem, os deslocamentos e a alimentação da delegação estão sendo pagos pelo Partido Comunista da China (PCCh).

A primeira parte da programação, até 11 de abril, envolveu — além do 7º Seminário Teórico PCCh-PT — reuniões e visitas em vários locais de Pequim, a saber:

1. com o chefe do departamento de relações internacionais do Partido Comunista da China;

2. com Li Xi, integrante do Comitê Permanente do Birô Político do Comitê Central do PCCh. Para simplificar: em outubro de 2022, o Congresso do PCCh elegeu um Comitê Central com 205 titulares, dentro do qual tem um Birô Político com 25 integrantes, dentro do qual tem uma comissão permanente com sete integrantes. Noutras

palavras, Li Xi é um dos sete principais dirigentes da China. Por isso, a reunião com Li Xi foi realizada no Grande Salão do Povo;

3. com Xie Chuntao, pró-reitor da Escola Central do PCCh;

4. com Hun Chunying, ministra-adjunta do Ministério das Relações Exteriores da China;

5. com Marcos Galvão, embaixador do Brasil na China;

6. à sede de um serviço público chamado 12345;

7. ao Museu da história do PCCh.

No dia 12 de abril, a delegação visitará a sede da empresa Huawei, a Cidade Proibida e a Grande Muralha.

Sobre o Seminário Teórico, mais detalhes estão na página eletrônica da Fundação Perseu Abramo, no seguinte endereço: <https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/40-anos-de-relacao-entre-pt-e-pcch-comitativa-do-pt-chega-a-pequim-em-visita-oficial/>.

No link acima, também está o discurso feito pela presidenta Gleisi Hoffmann. Além deste discurso, três integrantes da delegação fizeram exposições mais longas. A seguir, o roteiro dessas exposições (há diferenças entre o que foi falado e os roteiros abaixo).

Roteiro da exposição feita por Mônica Valente, secretária executiva do Foro de São Paulo:

Cabe a mim falar sobre “Reforçar a capacidade de governança pela administração integral e rigorosa do Partido”. Ou seja, neste painel daremos ênfase a aspectos políticos. Vale a pena começar citando alguns aspectos da história do Brasil e enfatizando algumas diferenças importantes entre a situação política brasileira e a situação política chinesa.

O Brasil viveu uma ditadura militar entre 1964 e 1985. Depois, vivemos governos conservadores entre 1985 e 2002. Estes governos adotaram, na maior parte dos casos, políticas que nós chamamos de neoliberais. Entre 2003 e 2016, o PT exerceu a Presidência da República, primeiro com o companheiro Lula, depois com a companheira Dilma.

Em 2016, sofremos um golpe de Estado. E, entre 2016 e 2022, tivemos novamente governos conservadores e neoliberais. Desde 2023, o PT voltou à Presidência da República, com Lula ocupando uma vez mais a Presidência.

Entretanto, o Brasil não é mais o mesmo. Em diversos cenários, retrocedemos. Noutra mesa deste seminário, poderemos discutir o retrocesso no plano econômico.

Aqui, quero falar do retrocesso no plano político. Forças de direita controlam importantes governos municipais e estaduais. Controlam, também, parcela importante do Congresso Nacional. Além de ocuparem inúmeras outras posições decisivas. Parte dessas forças de direita não é apenas de direita, são de extrema-direita, neofascistas. Foram estas forças que tentaram um fracassado golpe de Estado no dia 8 de janeiro de 2023.

Esta correlação de forças negativa coloca para nós, do PT, um desafio maior do que o desafio que enfrentamos entre 2003 e 2016. Naquele tempo, enfrentamos uma oposição de direita. Hoje, enfrentamos duas forças de oposição, uma delas de direita e outra de extrema-direita. A primeira é uma velha conhecida e sabemos como enfrentá-la: trata-se da direita neoliberal tradicional. A segunda apareceu nos últimos 10 anos e constitui para nós um grande desafio. Trata-se da extrema-direita neoliberal.

Essa extrema-direita tem base popular, especialmente entre os setores do povo que professam a religião cristã de confissão protestante. Para derrotar a extrema-direita, fizemos uma frente ampla, para fazer um governo de coalizão. Ganhamos as eleições, mas seguimos minoritários no Congresso Nacional.

Na opinião de nosso partido, alterar esta correlação de forças depende da conscientização e mobilização de setores da classe trabalhadora que, hoje, ainda se mantém distante das posições de nosso Partido. Para dar conta desse desafio, precisamos aprimorar nossa comunicação política e, também, fazer disputa política cotidiana.

Lembrando que esta comunicação e esta disputa política cabem ao governo federal, aos quatro governos estaduais que o PT dirige, cabe às 241 prefeituras que nós governamos, cabe aos XX deputados estaduais, aos XX deputados federais, cabe aos XX senadores do PT. Mas cabe, também, ao Partido enquanto tal e aos movimentos sociais que nós influenciemos. Cabe, ainda, a forças políticas e sociais que, mesmo não sendo petistas, são nossas aliadas.

A articulação entre estes diversos instrumentos da classe trabalhadora é essencial para que incidamos na correlação de forças em nosso país. Temos minoria nas prefeituras, governos estaduais, nos parlamentos, nos meios de comunicação. Além disso, a direita e a extrema-direita têm grande influências nas forças armadas, nas polícias e em algumas igrejas.

A possibilidade de alterar esta correlação de forças depende e muito da mobilização direta da classe trabalhadora e de nossa capacidade partidária de organização. Como disse recentemente o presidente Lula, “só a mobilização evita volta da extrema-direita”.

O PT é hoje o maior partido do Brasil e contamos com a preferência partidária de aproximadamente um terço da população brasileira. Hoje estamos engajados para participar ativamente das eleições municipais de 2024. É a partir da disputa nos municípios, da organização partidária e da auto-organização popular que poderemos contribuir, no biênio 2025-2026, para organizar e consolidar a base popular necessária para mudar o Brasil.

Ressaltamos também que, no plano político, a estratégia da integração regional latino-americana é parte essencial para o enfrentamento das contradições que surgem do desenvolvimento autônomo e soberano do país frente às políticas imperialistas que buscam tratar a região como mera exportadora de *commodities*. É importante que nossos amigos chineses tenham em conta a complexidade da situação brasileira, muito diferente da situação chinesa.

Roteiro da exposição feita por Valter Pomar, diretor da Fundação Perseu Abramo:

Cabe a mim falar sobre a “Exploração de caminho de modernização conforme às próprias realidades de país”.

Começo lembrando que a sociedade brasileira nasceu dependente das potências metropolitanas da época, especialmente Portugal e Inglaterra. Desde então e até hoje, o Brasil foi e segue sendo uma das sociedades mais desiguais do mundo. Para preservar esta desigualdade, a classe dominante brasileira sempre fez de tudo para impedir que a maioria do povo tivesse acesso à democracia.

Outra característica do Brasil é que nosso desenvolvimento é sempre inferior às nossas possibilidades. Toda vez que o Brasil começa a se desenvolver, algo acontece e a roda da

história anda para trás. Como diz um ditado popular, somos o país do futuro, mas o futuro nunca chega.

Para ser mais preciso, na maior parte da história do Brasil, nós tivemos crescimento, tivemos modernização, mas não tivemos desenvolvimento. No Brasil, costumamos falar de “modernização conservadora”, ou seja, uma modernização que conserva a riqueza dos que já são ricos e o poder dos que já têm poder.

Quando falamos de desenvolvimento, falamos não apenas de crescimento, não apenas de acumulação de riquezas materiais. Quando falamos de desenvolvimento, falamos da criação das condições para a nossa sobrevivência no longo prazo. Condições econômicas, sociais, culturais, ambientais, políticas. Falamos de criar estas condições em escala planetária, em escala de humanidade, em escala de civilização, em escala de modo de produção e reprodução da vida.

Nesta escala mais ampla, falar em desenvolvimento é falar das forças produtivas de toda a humanidade. Se nós do Brasil quisermos contribuir positivamente para o futuro da humanidade, precisaremos dar um salto de qualidade em relação a situação atual. E para isso teremos que fazer um imenso esforço produtivo e tecnológico, cultural e político, para transformar as condições materiais e espirituais de vida de nossa população. Se trata de elevar a capacidade produtiva da

sociedade como um todo e se trata, também, de elevar a capacidade produtiva individual de cada um dos brasileiros e brasileiras.

Um primeiro passo foi dado em 2022, quando reconquistamos a Presidência da República, derrotando a extrema-direita neoliberal. A vitória de Lula impediu Bolsonaro de continuar na Presidência. Mas a vitória na eleição presidencial não basta. Há inúmeras tarefas pela frente.

Hoje, a economia brasileira possui dois grandes pilares: a especulação financeira e a exportação de produtos primários (minerais, vegetais e proteína animal). Hoje, quem domina a economia brasileira é o agronegócio, a mineração, o capital financeiro e o capital transnacional. Um de nossos desafios é mudar esta situação. Mudando esta situação, mudaremos as bases estruturais nas quais repousa a distribuição de propriedade, riqueza e poder em nossa sociedade.

Uma questão central a ser resolvida, insuficiente em si mesma, mas sem a qual as demais não terão solução a contento, é a reindustrialização do Brasil. Em 1980, nosso país estava se convertendo em uma grande potência industrial. Desde então, tivemos a crise da dívida externa e vários governos neoliberais. Como resultado disto, desde 1980 o Brasil veio se desindustrializando fortemente.

Isso começou a mudar nos governos Lula e Dilma (entre janeiro de 2003 e agosto 2016), que manifestaram a disposição de colocar um freio e até de tentar reverter o processo de desindustrialização. Mas aí tivemos o ciclo golpista iniciado no impeachment de 2016 e continuado com os governos de Temer e Bolsonaro (agosto de 2016 a dezembro de 2022). Como resultado disto, o Brasil involuiu. Deixamos de ser uma quase potência industrial e viramos uma subpotência agroexportadora e minério-exportadora. Além de prosseguirmos sendo um paraíso para o capital financeiro especulativo.

A “desindustrialização” iniciada em 1980 foi uma verdadeira ponte para o passado, que nos levou a experimentar hoje, no ano de 2024, uma situação similar, mas pior, àquela situação vivida no Brasil na década de 1920, um século atrás. A desindustrialização mudou a com-

posição da classe dominante, mudou a composição e as condições de vida da classe trabalhadora, mudou o ambiente político e cultural no Brasil, mudou a relação do Brasil com o mundo.

Foi nesse ambiente de desindustrialização que os neoliberais atuaram e seguem atuando. Foi em reação a esse ambiente de desindustrialização que a esquerda encabeçada pelo PT ganhou quatro eleições presidenciais seguidas (2002, 2006, 2010 e 2014) e voltou a ganhar, novamente, em 2022. Foi também nesse ambiente de desindustrialização que os neofascistas cresceram e seguem ameaçando.

Por todos estes motivos, um dos principais desafios estratégicos do governo Lula é servir de ponto de partida para uma “transição”: sair da condição atual, de subpotência agro-minério-exportadora & rentista, e passarmos a ser uma potência industrial. Mas uma potência industrial de novo tipo. Por novo tipo, queremos falar tanto de uma capacidade científica, tecnológica e industrial padrão século 21, quanto queremos falar de uma relação totalmente diferente com a classe trabalhadora, com o meio ambiente e com o mundo.

Achamos que a atual situação mundial é, apesar de seus perigos, propícia para as mudanças e transformações que queremos fazer. A atual situação mundial é marcada pelos desdobramentos da crise de 2008, pela pandemia da COVID-19, pelo agravamento da situação ambiental, pela ascensão da República Popular da China, pela guerra da Rússia contra a aliança Ucrânia/OTAN e, destacadamente, pelas tentativas que os Estados Unidos fazem no sentido de reverter seu declínio enquanto potência hegemônica.

O declínio dos Estados Unidos abre uma janela para que o Brasil e outros países possam mudar o mundo e mudar o nosso lugar no mundo. Adotar como objetivo central a reindustrialização nacional tem implicações em nossa política externa. Por exemplo, em nossa relação com a Europa. A Europa demonstrou, na segunda onda da crise de 2008 e agora, na Guerra da Ucrânia, sua submissão aos interesses estratégicos dos Estados Unidos. Por outro lado, na relação econômica com o Brasil e com a região, parte das nações que integram a União

Europeia insistem em firmar acordos que, se fossem aceitos, acabariam reforçando a nossa condição primário-exportadora.

Quanto aos Estados Unidos, estes já demonstraram sua disposição de fazer de tudo – sabotagem, golpes, *lanfare*, guerras, cooptação, fábricas de *fakenews* – para prejudicar a integração regional latino-americana e caribenha. E nós consideramos que a integração regional da América Latina e Caribe é parte essencial de nosso projeto de reindustrialização. Portanto, fazer do Brasil um polo mundial industrial, científico e tecnológico entra em choque com as ambições e interesses dos Estados Unidos e da União Europeia. Mas entra em choque, também, com a classe dominante brasileira.

A classe dominante brasileira, o empresariado capitalista, já demonstrou inúmeras vezes que está dominado pelos rentistas da especulação financeira, pela turma do agronegócio e pelas potências estrangeiras. Se depender dos capitalistas brasileiros, nosso país continuará subalterno e subdesenvolvido.

Portanto, a reindustrialização do Brasil depende essencialmente da classe trabalhadora. Só a classe trabalhadora tem interesse em promover mudanças estruturais na sociedade brasileira. Só a classe trabalhadora está disposta a lutar para que deixemos de ser uma economia primário-exportadora e controlada pelo capital financeiro. Só a classe trabalhadora tem interesse em vincular a reindustrialização com a redução das desigualdades sociais, culturais e ambientais.

Por tudo isso é que dizemos que, do ponto de vista estratégico, programático e histórico, cabe ao governo Lula a missão de desencadear um ciclo de desenvolvimento sustentável que reindustrialize o país, que amplie o bem-estar social da maioria do povo, que amplie as liberdades democráticas, que proteja nossa soberania nacional, fazendo tudo isso de forma combinada com a integração regional.

Para dar conta destas tarefas, precisaremos entre outras coisas de mais estado e mais empresas estatais. Precisamos que o Estado brasileiro amplie substancialmente o investimento público em apoio ao desenvolvimento da indústria brasileira e em apoio ao desenvol-

vimento científico-tecnológico. Precisamos que o Estado brasileiro adote fortes políticas de ampliação do bem-estar social.

Precisamos superar a política monetária adotada, hoje, pela direção do Banco Central brasileiro. O Banco Central brasileiro mantém, há bastante tempo, a maior taxa de juros reais do planeta. Entre outros motivos, isso acontece porque o presidente e parte majoritária da diretoria do Banco Central brasileiro foi nomeada pelo presidente anterior, foi nomeada por Jair Bolsonaro. Só em 2025 o presidente Lula poderá nomear um novo presidente do Banco Central.

Cabe ao Estado, ainda, coordenar o investimento estrangeiro e nacional, o investimento privado e público, a grande e a pequena e média empresas. Apenas com o protagonismo do Estado será possível combinar desenvolvimento econômico com ampliação do bem-estar social. Em outras palavras, um desenvolvimento democrático e popular só será alcançado com protagonismo do Estado. Protagonismo de um Estado de novo tipo. Afinal, o atual Estado brasileiro não está à altura das tarefas que temos pela frente.

Nos países em que o capitalismo se desenvolveu exitosamente, ainda no século 19 (desde a Inglaterra até os Estados Unidos, passando por Alemanha e Japão), nos países chamados de “imperialistas”, o papel do Estado também foi muito importante. Mas o Estado foi e segue sendo decisivo nesses países, essencialmente para proteger as empresas privadas e os interesses dos grandes capitalistas. Já nos países que foram colônias, nos países chamados de atrasados, de dependentes ou de periferia, o papel do Estado é ainda mais indispensável, mas no sentido de proteger os interesses da maioria do povo.

Cumprem um papel importante, também, as empresas estatais. Não haverá como superar o atraso em relação aos países economicamente avançados, nem haverá como enfrentar a “concorrência” do imperialismo, sem Estado e sem empresas estatais. Os capitalistas privados brasileiros não conseguem, não podem, não querem e não vão cumprir um papel de liderança no desenvolvimento do Brasil.

Por isso, não haverá soberania nacional, bem-estar social, liberdades democráticas e desenvolvimento enquanto a classe trabalhadora brasileira não controlar as principais alavancas do poder (poder político, cultural, econômico, militar) e usar estas alavancas para mudar estruturalmente nossa sociedade.

Está aí a China para demonstrar o papel que o Estado joga no desenvolvimento acelerado, na ampliação do bem-estar social e na transformação da periferia em centro. Sabemos que os Estados Unidos não têm interesse no desenvolvimento do Brasil. Motivo pelo qual o Brasil precisa ter capacidade de defender sua soberania.

Defender a soberania depende, em primeiro lugar, das condições de vida que o Brasil oferece a seus cidadãos. Claro que as pessoas podem se mobilizar e se sacrificar por outras motivações. Mas, no longo prazo, se queremos que a população brasileira defenda a soberania, precisamos garantir o máximo possível de igualdade social. Em segundo lugar, a capacidade de defesa depende da economia. Em poucas palavras: oficinas e laboratórios, indústria e tecnologia. Em terceiro lugar, a capacidade de defesa depende da democracia, no sentido mais profundo da palavra. Precisamos de uma política estruturada de maneira a fazer valer o ponto de vista da maioria do povo. Em quarto lugar, a capacidade de defesa depende da vizinhança: quanto mais integração regional, mais soberania. Finalmente, a soberania depende de Forças Armadas que estejam a serviço do povo e não a serviço dos Estados Unidos.

Para terminar, repito que nós, do Brasil, estamos diante de uma equação política e econômica muito complexa. Esperamos ter a ajuda dos nossos amigos chineses nesse esforço, inclusive no esforço de superar nossa atual condição primário-exportadora.

Vale dizer que o exemplo chinês já nos é muito útil, pois demonstra tudo que se pode conseguir, quando se tem uma noção clara sobre o longo prazo, vontade política, persistência, capacidade de gestão, esforço coletivo e esforço individual.

Evidentemente, nada disto teria ocorrido sem a Revolução. Sem a Revolução, sem o Partido Comunista e sem a disposição de luta do povo chinês, a China não seria o que é hoje.

Roteiro da exposição feita por Romênio Pereira, secretário de Relações Internacionais do PT:

Encerramos, neste momento, nosso Seminário Teórico. Acredito que demos novos passos no sentido de esclarecer o ponto de vista de nossos partidos acerca de questões decisivas.

Uma dessas questões é o papel dos Estados Unidos na situação mundial. Hoje, a grande preocupação dos Estados Unidos é reverter seu declínio como potência hegemônica.

Para atingir este objetivo, os Estados Unidos têm promovido seguidas agressões militares. Destaco o cerco promovido pela OTAN contra a Rússia, cerco que está na origem da atual guerra na Ucrânia. Destaco, também, as provocações contra a República Popular da China no estreito de Taiwan.

Nos dois casos, os Estados Unidos querem a guerra, não querem a paz. A ação dos EUA é um dos motivos pelos quais os atuais governos progressistas e de esquerda na América Latina e Caribe enfrentam dificuldades ainda maiores do que no período 1998-2008.

O projeto de desenvolvimento do Brasil só terá êxito nos marcos da integração regional latino-americana e caribenha. Só com integração teremos desenvolvimento, industrialização, bem-estar social e ampla auto-organização democrática do povo brasileiro. Sabemos que estas preocupações não são só nossas. No mundo inteiro, outras forças políticas, partidos, movimentos sociais, intelectuais e governos manifestam as mesmas preocupações.

Não necessariamente concordamos com tudo. Aliás, em geral, discordamos em questões muito importantes. Mas nos une a luta contra o neocolonialismo, contra a versão moderna do velho colonialismo, inclusive contra aquele colonialismo que se manifesta sob a forma monetária e financeira. Nesse sentido, este seminário foi um importante espaço para a reafirmação dos compromissos de nos-

sos partidos, com o socialismo, com a democracia, com a soberania, com o desenvolvimento, com o bem-estar dos povos, pela paz e por uma nova ordem mundial, sem hegemonismos, nem colonialismo ou imperialismo.

A carta de Lula

Além das exposições acima e das contribuições feitas por vários integrantes da delegação, no seminário também foi lida a seguinte mensagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

À SUA EXCELENCIA O SENHOR

XI JINPING

PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Venho através desta carta saudar o Secretário-Geral do Partido Comunista Chinês e Presidente da China, Camarada Xi Jinping.

Este ano, em 15 de agosto, o Brasil e a China completam cinquenta anos de relações diplomáticas. São cinco décadas de cooperação, intercâmbio e amizade que apontam para um futuro compartilhado.

Ano passado, durante minha visita a Beijing [Pequim], ainda nos primeiros meses do meu terceiro mandato, alçamos nossa parceria estratégica a um novo patamar. Expandimos nossos laços comerciais, de investimento, e de cooperação técnica, científica, tecnológica e educacional, entre outras áreas. Ampliamos nossa cooperação em satélites, que é um modelo de iniciativa contínua e transformadora. Cimentamos laços não apenas entre nossos governos e empresas, mas entre os nossos povos.

Sempre cientes do passado, olhamos com esperança para o futuro. A transição justa oferece uma janela única para um modelo de desenvolvimento mais inclusivo e sustentável para nossos países e para o mundo. Será um canal cada vez mais importante para o intercâmbio tecnológico, científico e econômico entre o Brasil e a China, e para o combate à pobreza e à fome.

Hoje, a relação Brasil-China é importante não apenas para nossos países, mas também para o mundo. Enfrentamos muitos desafios comuns, desde a proliferação dos conflitos

armados até a intensificação da mudança do clima e os riscos do mau uso da inteligência artificial.

Tanto o Brasil quanto a China priorizam a resolução pacífica das controvérsias, o desenvolvimento sustentável e o desenvolvimento de tecnologias inovadoras e amplamente acessíveis.

A pandemia de Covid-19 nos mostrou que precisamos fortalecer os canais globais de cooperação, com base na solidariedade. Entendemos que um mundo altamente assimétrico e desigual só nos traz mais problemas. Colaboramos para fortalecer os espaços tradicionais da governança global, como a ONU e as instituições de Bretton Woods. Mas também reforçamos espaços chave da cooperação Sul-Sul, tais como o G77+China, o BRICS e o BASIC.

Esse ano, a presidência brasileira do G20 nos oferece mais uma oportunidade de avançar novas ideias e propostas para o desenvolvimento, a paz e a sustentabilidade no mundo. Trabalhamos juntos por uma ordem global multipolar e por uma governança global mais justa e representativa. Valorizamos a coexistência pacífica entre as grandes potências, com oportunidades de desenvolvimento e o bem-estar para todos.

E continuaremos trabalhando juntos para que o mundo possa chegar na COP30, que será realizada na Amazônia brasileira, com novas soluções para os desafios climáticos e ambientais.

Para fazer frente a esses desafios e aproveitar as oportunidades que surgem, é necessário aprofundar ainda mais os laços e o conhecimento mútuo. Desde que voltei à Presidência, o Brasil e a China também elevaram, e continuaremos elevando, nossa relação política.

O Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista Chinês (PCCh) fazem parte dessa história. Nossos partidos, como nossos países, têm trajetórias de combate à pobreza e de promoção do bem-estar.

Hoje o PT é o maior partido político na América Latina. Valorizando a participação social como forma de fortalecer a democracia, lutamos desde nossa fundação, em 1980, pelo bem-estar, dignidade e prosperidade dos trabalhadores no campo e nas cidades, no Brasil e no mundo. O PT elegeu a primeira mulher Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, hoje à frente do Novo Banco do BRICS.

Atualmente, nosso partido é presidido com firmeza e serenidade por outra mulher sábia e forte, a companheira Gleisi Hoffmann. Ela estará à frente da delegação do PT para participar da 7ª Edição do Seminário Teórico PCCh-PT, onde teremos a oportunidade de trocar experiências de governança, participar de debates e colaborar em projetos de interesse comum.

O Memorando de Entendimento entre o PT e o PCCh, assinado por ela e pelo Secretário Li Xi em setembro do ano passado, representa um passo importante para que os dois partidos possam estreitar e aprofundar ainda mais esse diálogo.

Tenho certeza de que encontraremos cada vez mais pontos de convergência e oportunidades de cooperação. É que as trocas entre os nossos partidos, entre nossos governos, e entre nossas sociedades se tornarão cada vez mais frequentes e frutíferas.

Viva a amizade entre o povo brasileiro e o povo chinês!

O serviço 12345

Uma das atividades da delegação do PT na China foi visitar um serviço público chamado de 12345. Trata-se da versão século 21 de um serviço de utilidade pública que remonta a 1987. O nome 12345 deve-se ao fato de que o som destes cinco números, em chinês, lembra o som da frase “qualquer problema procure o governo”.

Em resumo: os cidadãos de Pequim (mas também de outras grandes cidades chinesas) podem ligar para o número de telefone 12345 e fazer reclamações ou pedir providências acerca de, em tese, qualquer coisa. Existe também a alternativa de se comunicar por e-mail ou pelo WeChat (o zap chinês).

Um detalhe importante: os atendentes são humanos. Uma vez recebida a mensagem, os atendentes contatam o serviço capaz de responder e/ou resolver o que foi reclamado.

O serviço tem quatro finalidades:

1. atender as reclamações dos 22 milhões de habitantes de Pequim;
2. ser a ponte entre o povo, o governo e o partido;
3. funcionar como um barômetro da cidade;
4. alimentar um banco de dados.

Em 2023, o serviço atendeu cerca de 22 milhões de chamados, ou seja, é como se toda a população de Pequim tivesse ligado 12345 uma vez.

Existem 1.700 funcionários trabalhando 24 horas por dia, sete dias por semana. As reclamações cobrem 18 mil assuntos, agrupados em 50 categorias.

A meta do serviço é buscar resolver imediatamente cada assunto. Depois, entrar em contato para saber o nível de satisfação da pessoa com o atendimento recebido.

A solução do problema pode envolver entes públicos (tais como a polícia, o corpo de bombeiros, o sistema de saúde etc.) ou empresas privadas.

Tudo o que o serviço faz (do recebimento da reclamação a satisfação ou não de quem ligou) é sistematizado e apresentado numa tela de computador, através da qual podemos saber a cada instante quantas e que tipo de pessoas entraram em contato com o serviço, quais os problemas indicados, qual o encaminhamento dado, qual o tempo de solução, qual o grau de satisfação dos usuários.

Como disse uma integrante da delegação brasileira, trata-se ao mesmo tempo de um serviço público e, também, de uma pesquisa *on-line*.

Importante dizer que o serviço é apresentado como a materialização da orientação de “servir o povo”, adotada como lema pelo Partido Comunista da China.

A Escola Central do PCCh

A delegação do PT visitou a Escola Central do Partido Comunista. Esta Escola foi criada em 1933 para formar os quadros do Partido. Também existia, até 2018, um instituto responsável por formar os quadros do governo. Desde 2018, a Escola passou a centralizar as duas atribuições: formar quadros do partido e do governo.

Em 2023, a Escola deu aula presencial para 50 mil alunos. Também em 2023, a Escola deu aula online para 1.030.000 alunos. Vale dizer que o PCCh tem 98 milhões de integrantes. A China tem 1.410.000.000 habitantes. Portanto, mais ou menos um militante para cada 14 habitantes.

Para efeito de comparação, digamos que o PT tenha cerca de 2 milhões de filiados, numa população de 213 milhões. Portanto, mais ou menos um filiado para cada 106 habitantes. Se consideramos apenas os dirigentes de instâncias, devem ser mais ou menos 100 mil, o que daria menos de um militante para cada 2 mil habitantes.

Voltando à China: todo militante do PCCh tem a obrigação de — a cada cinco anos — passar dois meses na Escola, estudando. Toda a atual direção nacional do PCCh passou pela Escola. Mao Zedong e Xi Jinping foram reitores da Escola. Aliás, em algum momento, a mãe de Xi Jinping trabalhou na Escola. O atual reitor é membro do Comitê Central do PCCh e trabalha na Escola há 36 anos. Trabalham na Escola 400 professores em tempo integral. Além de formação, a Escola tem a missão de fazer pesquisa teórica e funcionar como “tanque de pensamento” para a direção do Partido.

O reitor da Escola (chamado, segundo ele nos disse com satisfação, de “professor” por inúmeros integrantes da direção do Partido) aproveitou a visita da delegação do PT e deu uma aula, sintetizando diversos temas abordados na resolução do Congresso feito pelo PCCh em 2022. As referidas resoluções podem ser lidas aqui:

<https://portuguese.xinhuanet.com/20221022/3dac9816b8b04d04ae1410ba5e32e51e/c.html>

Ao final da visita, ficou combinado que se tentará:

1. levar ao Brasil professores da Escola, ainda este ano de 2024, para falar da história e funcionamento do PCCh, da experiência de governo e especialmente de planificação quinquenal da República Popular da China, assim como do projeto Cinturão e Rota;

2. enviar à China, em 2025, um grupo de alunos brasileiros para estudar na Escola Central.

Por fim, mas não menos importante: a Escola ocupa um grande terreno, com várias edificações, inclusive alojamentos para muitas centenas de alunos e alunas, até mesmo de fora da China.

PCCh: o núcleo do poder

É comum encontrarmos, em textos acadêmicos ou jornalísticos, a referência a um misterioso *deep state* (“Estado profundo”) que, suposta ou efetivamente, determinaria os rumos da grande política dos Estados Unidos.

Mas não há dúvida alguma sobre quem é o núcleo do poder na China: o Partido Comunista, fundado em 1921 e no poder desde 1949.

Formalmente, a China é parlamentarista. O povo elege parlamentares, que se reúnem numa Assembleia do Povo, que escolhe as principais autoridades do País: a cúpula do judiciário, do legislativo, do executivo e, também, quem dirige as forças armadas.

Acontece que os parlamentares são eleitos com base em listas propostas pelo Partido. E as autoridades eleitas são indicadas com base em nominatas aprovadas, previamente, pelo Partido. A quem cabe, também, debater previamente as grandes diretrizes políticas e supervisionar sua implementação.

Para os padrões vigentes nos Estados Unidos, trata-se de uma ditadura partidária. Para os padrões adotados pelos comunistas chineses, trata-se de um tipo de democracia diferente e superior à vigente, por exemplo, nos Estados Unidos.

Segundo Xie Chuntao, pró-reitor da Escola Central do Partido, nos Estados Unidos prevalece quem tem dinheiro: “nosso sistema é mais democrático que Trump”.

Na institucionalidade política chinesa, o centro do poder é o Partido, o centro do Partido é o Comitê Central, o centro do Comitê Central é o Birô Político, o centro do Birô Político é uma Comissão Permanente integrada, hoje, por sete pessoas. E, no centro desta Comissão Permanente, está o secretário-geral, função exercida, desde 2012, por Xi Jinping.

Outro dos sete integrantes da Comissão Permanente é Li Xi. O senhor Li (na China, o primeiro nome é o da família, o segundo nome é o da pessoa) esteve no Brasil em 2023, tendo visitado a sede nacional do PT em Brasília. E foi o mesmo senhor Li que recebeu, numa reunião realizada no Grande Salão do Povo, a delegação do Partido dos Trabalhadores, encabeçada pela presidenta Gleisi Hoffmann.

Li Xi é “secretário da comissão de inspeção disciplinar do Comitê Central do PCCCh”. É ele quem encabeça, portanto, a luta contra a corrupção. Para os comunistas chineses, não se trata de um detalhe. Para um partido cujo lema é “servir ao povo”, não basta parecer honesto, é preciso ser honesto.

Por este motivo, é comum que altos dirigentes do Partido sejam investigados, condenados e presos por conta de diversos delitos, com destaque para a corrupção. Tarefa que cabe ao sistema legal do Estado chinês, mas que, no caso dos integrantes do Partido, é supervisionado e implementando pela “inspeção disciplinar”.

Ou seja: mesmo num Estado dirigido pelo Partido, o Partido faz questão de exercer diretamente este trabalho. Um dos motivos disto é impedir que os “donos do poder” usem-no para burlar as leis e escapar das investigações. Outro motivo é dar o exemplo político de que são capazes de permanente autocritica e capacidade de renovação, algo que o senhor Li Xi chegou a chamar de “auto-revolução”.

Li enfatizou, ainda, que cabe ao povo fazer a “inspeção do governo”.

Como sabemos, seja pela nossa própria experiência no Brasil, seja pelo estudo de outras experiências históricas, há sempre uma distância entre a teoria e a prática. Assim, como disse o próprio Mao Zedong, é preciso investigar criteriosamente a realidade, estudar, pesquisar.

Mas uma coisa pode ser dita: os comunistas chineses estão muito seguros de que, sem esta democracia-com-características-chinesas, a República Popular da China não teria derrotado o feudalismo, o colonialismo e o imperialismo, nem teria melhorado a vida do povo chinês, tampouco teria conseguido um desenvolvimento tão intenso e veloz.

E, no centro da democracia-com-características-chinesas, está o Partido Comunista, cuja história centenária é contada em detalhes em um Museu inaugurado em 2021. A visita a este Museu será contada na próxima parte deste relato.

A fundação e a história do PCCh

O Partido Comunista foi fundado em 1921. Qual era o contexto? Primeiro, uma nação com milhares de anos de história.

Segundo, um povo majoritariamente camponês, submetido à exploração por parte de uma classe de proprietários da terra.

Terceiro, um país que, desde 1839, vinha sendo sistematicamente humilhado, atacado, roubado e explorado por potências europeias, pelos Estados Unidos e pelo Japão.

Quarto, uma economia onde as relações capitalistas de produção estavam assentado raízes, mas ainda muito atrasado em relação às principais economias capitalistas da época.

Quinto, uma cultura dividida entre as tradições e as novidades que vinham do Ocidente, entre as quais o impacto da Revolução Russa de 1917 e da Internacional Comunista.

Sexto, uma elite política que ficou chocada com as decisões que a Conferência de Versalhes, de 1919, tomou a respeito da China.

Há outros aspectos, mas estes são fundamentais para compreender em que ambiente realizou-se o congresso de fundação do Partido

Comunista da China, em 1921, com 13 delegados representando cerca de 50 militantes espalhados por algumas cidades do país.

Apoiados pelos soviéticos, o Partido cresceu e firmou uma aliança com o Kuomintang, o Partido Nacionalista dirigido por Sun Yat Sen e, depois, por Chiang Kaichek.

A aliança entre comunistas e nacionalistas é rompida em 1927. Segue-se uma guerra civil entre as duas forças. Em 1937, por conta da invasão japonesa, se constitui uma frente única entre Kuomintang e PCCh. Esta frente acaba em 1945, quando os japoneses são derrotados. A nova guerra civil termina em 1949, com a vitória dos comunistas.

Nestes primeiros 28 anos de vida, o Partido Comunista se transforma profundamente. De partido fundamentalmente urbano, se converte em partido majoritariamente camponês. Cria o Exército Popular de Libertação. E adota a estratégia da Guerra Popular Prolongada, do cerco da cidade pelo campo, da Nova Democracia.

Entre 1949 e 1978, a República Popular da China sofre imensas transformações, políticas, econômicas, sociais e culturais. E dentro do Partido Comunista ocorre uma intensa luta interna, acerca do caminho da construção do socialismo. A principal divergência se trava entre os que defendiam a estratégia da Nova Democracia, que pressupõe um longo processo de desenvolvimento econômico, em que se combinarão diferentes formas de propriedade pública e de propriedade privada; e os que defendiam ser possível e necessário acelerar o processo e pular etapas, seja através de medidas econômicas (como algumas do Grande Salto Adiante), seja através de medidas políticas (como algumas da Grande Revolução Cultural Proletária).

A disputa entre estas duas linhas se resolve em 1978, quando o Partido adota a política de reforma e abertura. Esta política segue vigente desde então e até hoje.

Mao Zedong foi o principal dirigente do Partido nas duas primeiras etapas (1921-1945 e 1945-1978). Deng Xiaoping é o principal dirigente da terceira etapa, iniciada em 1978 e continuada até hoje.

Vale esclarecer que Mao morreu em 1976 e Deng morreu em 1997. Vale esclarecer, também, que Deng — apesar de toda sua importância, destacada pelos próprios chineses — nunca foi presidente nem secretário-geral do Partido Comunista Chinês.

A política de reforma e abertura contribuiu para que a China, hoje, dispute com os Estados Unidos em terrenos nos quais os EUA e os capitalistas se consideravam imbatíveis: a eficiência, a produtividade, a qualidade, a tecnologia, a intensidade do crescimento e desenvolvimento.

Desde 2008, ou seja, desde a grande crise, a China entrou em uma nova etapa de sua história, seja por conta de contradições internas, seja por conta de sua crescente influência internacional. É nesse contexto que Xi Jinping chega à Secretaria-Geral do Partido Comunista da China. E é nesse contexto que o Partido inaugurou, em 2021, um Museu para contar sua história centenária.

Em seguida, falaremos com mais detalhes do Museu. Mas, antes, façamos um *spoiler*: quase na parte final da exposição, os visitantes são convidados a sentar num “carrinho de montanha russa”, onde passam por duas experiências: a de sobrevoar todo o território chinês e a de sobrevoar os avanços tecnológicos da China. O passeio virtual termina em Marte, quando uma nave espacial chinesa pousa no “planeta vermelho”.

Termina? Ao que tudo indica, para usar uma expressão do Chávez, “por enquanto”, termina.

O Museu do PCCh

O Museu da História do Partido Comunista da China abriu suas portas em 2021, como parte das comemorações do centenário de fundação do PCCh. Trata-se de um prédio imenso, com vários andares, três dos quais ocupados pela exposição museográfica propriamente dita.

No salão de entrada, aparece um imenso painel da Grande Muralha, que os comunistas chineses não cansam de lembrar que se trata

de uma barreira defensiva. No espaço a seguir, ao som da Internacional, um vídeo e vários letreiros resumem a exposição e os 100 anos. Nestes e noutros espaços, as cores dominantes são o vermelho e o dourado. A imensa maioria das legendas está escrita em caracteres chineses, havendo pouca coisa em inglês.

A exposição está dividida em quatro partes: os 100 anos de humilhação findos em 1949, o período 1949-1978, o período das reformas e o período atual.

A primeira parte começa falando da guerra do ópio, de todas as agressões imperialistas e dos tratados desiguais. Depois fala das lutas do povo chinês contra a opressão feudal e colonial, desembocando na revolução nacionalista e republicana de 1911. Há muitas fotos, algumas imensas, bem como esculturas, altos-relevos e outras invenções museográficas, por exemplo uma reprodução da fachada do Palácio de Verão, queimado e saqueado pelos imperialistas.

Em seguida, são apresentados os primeiros marxistas chineses, com destaques para o movimento de maio de 1919, para os estudantes e para a revista *La Jeunesse*. Aliás, para quem gosta de artes gráficas, tem de tudo, de impressoras até manuscritos de Marx, passando por edições de época (livros, jornais, revistas, panfletos, cartazes).

Neste pedaço, há uma bela estátua de Marx e Engels, cujo estilo lembra aquela que a China doou para a cidade natal de Marx (Trier/Treveris). Há também uma reprodução da fachada da casa de Mao em Pequim, bem como três exemplares das primeiras obras marxistas que ele leu. Aparece uma tabela com as datas de fundação dos primeiros partidos comunistas mundo afora. E, numa sala específica, se reproduz os dois ambientes em que o PCCh foi fundado, em Xangai: uma casa e um barco.

Há fotos e outras informações sobre as células integradas por aqueles que fundaram o PCCh. E uma fotografia de cada um dos 15 participantes da reunião fundacional, sendo 13 chineses e dois enviados da Internacional Comunista. Mao é um dos 13; nessa época, ele tinha 28 anos, que era também a idade média da delegação presente

ao congresso de fundação. Detalhe: dos 13, somente dois estariam presentes no ato de fundação da República Popular da China, em 1º de outubro de 1949.

A exposição falará, também, dos congressos partidários seguintes, bem como da fundação, em 1924, de uma academia militar dirigida por Chiang Kai-shek e por Chu Enlai. E trará uma tabela mostrando a progressão da militância partidária entre 1921 e 1927. Os dados são impressionantes:

1921	58
1922	195
1923	420
1924	994
1925	3.000
1926	13.281
1927	57.967

Nesse contexto, a exposição dá grande destaque para o patíbulo em que foi executado um dos fundadores do Partido. Igualmente recebe grande destaque o levante de 1927, bem como a repressão que se seguiu. A exposição explica que ali fracassou a estratégia, inspirada na soviética, de fazer a revolução a partir das grandes cidades.

Detalhe: em 1928, 160 militantes do Partido vão para Moscou, realizar ali o 6º Congresso do PCCh. Mao não vai.

Nesse mesmo ano de 1928, a exposição retrata o encontro das tropas lideradas por Chu Teh e por Mao Zedong. A partir de então, o partido constitui “zonas liberadas” em 30 regiões diferentes. Ao mesmo tempo, em 1929, o Partido formaliza que é o Partido que lidera o Exército.

Em 1931, o Japão ataca a China. Começam aí os 14 anos da guerra contra o Japão. Mas o Kuomitang está mais preocupado em cercar e exterminar os comunistas, numa ofensiva que obriga os comunistas a fazer uma longa fuga, denominada com o nome mais heroico de “longa marcha”.

A longa marcha merece um grande destaque na exposição, com direito a filmes da época, bem como vídeos com animações reproduzindo combates decisivos. Destaca-se que foram transpostas 40 montanhas, com 4 mil metros de altura. Uma curiosidade: os filmes exibidos, feitos na época, foram exibidos para quem? Os guias do Museu não souberam responder.

Em 1936, o PCCh propõe ao Kuomintang, novamente, a constituição de uma Frente Única contra os japoneses. E, a partir de 1937, começa uma guerra total dos japoneses contra a China. A previsão dos japoneses era que em três meses conquistariam o antigo Império do Meio. Não foi o que aconteceu: por longos anos, o Japão teve que manter imensos exércitos, para poder enfrentar os chineses. Data deste período uma foto muito interessante: a de um pelotão de soldadas. Mas, de maneira geral, era muito diminuta a presença feminina entre os quadros dirigentes do PCCh.

Também desta época (1943), é uma foto do pai de Xi Jinping. Os responsáveis pela museografia incluíram pelo menos duas fotos do pai de Xi, que foi combatente nesse período e, depois, integrante do Comitê Central do PCCh.

A exposição também destaca:

1. o sétimo congresso de 1945, que inclui o pensamento maozedong no estatuto do Partido;
2. a retomada de Taiwan, até então sob controle japonês, para o controle chinês;
3. os acordos de paz entre o Kuomintang e o PCCh, acordos rompidos pelos nacionalistas;
4. a importância da reforma agrária para a vitória da revolução;
5. as grandes batalhas da guerra civil;
6. a atitude respeitosa do Exército Popular de Libertação, para com os civis;
7. e, finalmente, a Proclamação da República Popular da China, em 1º de outubro de 1949.

Sobre a proclamação, a exposição tem várias pérolas.

Uma delas é o filme do ato de 1º de outubro de 1949. Até 2019, acerca daquela data célebre, os chineses tinham um filme em preto e branco. Mas, em 2019, os russos presenteiam os chineses com uma versão colorida do filme.

Outra pérola é a exposição dos diferentes estudos que foram feitos, para decidir qual seria a bandeira da República Popular da China. A versão escolhida tinha, originalmente, uma foice e um martelo dentro da estrela maior. Mas, depois, se optou por retirar a foice e o martelo.

Finalmente, o conhecido discurso de Mao, proferido com um sotaque que – nos disseram os guias – não era fácil de ser entendido. Mas tudo indica que todo mundo entendeu a frase celebre dita por ele: “a China levantou-se”.

Na continuidade, os três outros períodos (1949-1978, 1978-2012, 2012-2024).

O prédio do Museu tem muitos andares. A exposição sobre a História do Partido ocupa três andares. Um andar é dedicado ao período 1921-1949. Nele o pai de Xi Jinping aparece 1 vez. Outro andar é dedicado ao período 1949-2012. Nele há uma foto de Xi Jinping e de seu pai. Um terceiro andar é dedicado inteiramente ao período iniciado em 2012, com a eleição de Xi Jinping para a secretaria-geral do Partido. Mas voltemos a 1949.

Logo no início há uma grande tela, onde fica sendo exibido um filme sobre a solenidade realizada dia 1 de outubro de 1949. Um detalhe interessante é que o filme é colorido: foi doado pelos russos em 2019. Antes os chineses só tinham um filme preto e branco. No filme aparecem os líderes do PC e dos 8 partidos que integram o Conselho Político Consultivo do Povo Chinês, na sacada da entrada principal da Praça da Paz Celestial.

Num espaço próximo está o uniforme usado por Mao na solenidade. Aliás, isto se repete em outros momentos: a exposição de roupas, chapéus, armas, outros utensílios utilizados pelos militantes que aparecem nas fotos. O traje mais onipresente é aquele que ficou conhecido como “túnica Mao”, uma das marcas registradas da revolução chinesa.

Em seguida, vêm as fotos do estabelecimento de relações e da assinatura do tratado de amizade com a URSS, ocorridos em outubro de 1949 e em fevereiro de 1950, respectivamente. Salvo engano, não aparece no Museu nada que remeta para a ruptura de relações entre China e URSS, ocorrida ao redor de 1960.

Dá-se destaque para a participação chinesa na Guerra da Coreia. Aliás, há dois filmes recentes sobre o tema: “A batalha do lago Chanjin” e “The Volunteers: to the War”.

Salvo engano, não há nada sobre a guerra entre China e Vietnã, em 1979.

A exposição lembra a aprovação da Constituição da China, em 1954, assim como dá destaque a cada um dos congressos realizados pelo Partido. Há diversas passagens mostrando os progressos sociais e econômicos vivenciados pela China depois de 1949, desde os carros “Vento Leste” e “Bandeira Vermelha”, passando pela exploração de petróleo e o regresso, ao país, de cientistas dispostos a colaborar com a reconstrução da pátria.

Há uma estátua de Lei Feng, o revolucionário modelo, falecido aos 22 anos, que serve de inspiração para um dia especial em que todo militante deve estudar a respeito.

A grande revolução proletária merece uma menção minimalista, que, salvo engano, não inclui, nem lá nem em nenhum outro lugar, a Gangue dos Quatro e a Madame Mao. Mas têm destaque as visitas de Nixon e de Kissinger, assim como a participação de Deng Xiaoping na Assembleia Geral da ONU.

Em 1976, morrem os três grandes: Chu Teh, Chu Enlai e Mao Zedong. Em 77, as universidades reabrem matrículas. E, em curto espaço de tempo, Deng assume o comando político do partido, embora nunca tenha sido secretário-geral.

Inúmeras fotos e frases suas ocupam espaço importante na exposição. Entre elas, algumas que não combinam nem um pouco com a imagem, tão difundida no Ocidente, de que Deng seria um “revisionista”. Por exemplo, os quatro princípios destacados por Deng eram:

persistir no caminho do socialismo, persistir na ditadura do proletariado, persistir na liderança do Partido Comunista, persistir no marxismo e no pensamento maozedong.

Destaca-se a terceira sessão plenária do oitavo comitê central, onde foi aprovada a política de reforma e abertura. E, também, o congresso realizado em 1982, que aprovou a consigna do socialismo com características chinesas. Destaca-se, também, o papel que a produção de alimentos teve para o êxito das reformas.

Nada é dito sobre os “Incidentes na Praça Tianamen” (episódio conhecido no Ocidente como o “massacre da Praça da Paz Celestial. Tampouco se faz referência ao Zhao Ziang, secretário-geral às vezes denominado de “Gorbachev chinês”, que, em 1989, foi preso e mantido em prisão domiciliar até sua (dele) morte. A exposição pula direto para Jiang Zemin, sob cuja gestão a China recebeu de volta Hong Kong (1997) e Macau (1999), assim como entrou na OMC.

Depois vem Hu Jintao, sob cujo governo se concede isenção total, ou seja, desde então e até hoje não pagam impostos. Então vêm as Olimpíadas, a crise internacional e... a eleição de Xi Jiping, que dá início ao quarto e atual período em que está dividida a história da República Popular da China.

Esta parte tem menos museografia histórica e tem mais propaganda. Fala-se dos congressos realizados no período, da vida melhor para o povo, da revitalização da nação chinesa, do sonho chinês, da Rota e Cinturão da Seda, da comunidade de futuro compartilhado, da reforma militar, da civilização ecológica, do BRICS, da erradicação da pobreza extrema. Além de uma overdose de fotos de Xi Jinping. E de muita ciência e tecnologia na veia, sendo que uma boa parte dos produtos demonstrados são militares.

A exposição, cuja visita a passo rápido dura cerca de 2 horas, termina com Xi Jinping fazendo um discurso devidamente fardado com a “túnica Mao”.

Quem não entendeu o recado, volte para o princípio!

Uma avaliação pessoal

Dia 13 de abril, a delegação petista partiu de Pequim em direção a outras cidades da China.

Qual o significado político das conversas mantidas até agora? Cada integrante da delegação certamente tem sua avaliação; o que segue é, portanto, uma opinião pessoal.

Destaco os seguintes diálogos: com um dos sete principais líderes do PCCh; com o Departamento de Relações Internacionais do Partido; com o Ministério de Relações Exteriores do governo; com a Escola Central, com uma grande empresa e com o embaixador brasileiro.

Destes diálogos, extraio as seguintes conclusões:

1. a China tem plena consciência de que estamos em uma década decisiva, basicamente porque os Estados Unidos não vão esperar que a ascensão chinesa atinja um ponto irreversível;

2. por conta disso, a China está buscando dar um salto de qualidade em sua capacidade de defesa, em pelo menos cinco planos:

- melhorando a vida do povo;
- ampliando a capacidade tecnológica;
- reforçando a autoridade do Partido;
- aprimorando o preparo das forças armadas;
- aprofundando as alianças internacionais.

3. socialismo, para os chineses, é, fundamentalmente, a melhoria contínua da vida material e espiritual do povo. Socialismo com características chinesas é, para eles, essencialmente o mercado submetido e a serviço do plano, plano feito por um Estado a serviço do povo. Neste sentido, eles, com razão, se afirmam “marxistas”, pois estão desenvolvendo as forças produtivas, forças produtivas cada vez mais sociais, postas sob controle cada vez mais coletivo;

4. entretanto, a opção por usar o mercado, da forma e na escala que eles utilizam, produz pelo menos três efeitos colaterais: a desigualdade social, a corrupção e o individualismo. A combinação dos três tende a enfraquecer e desmoralizar a autoridade do Partido. Sem

Partido, o Estado e o plano perdem força e o mercado pode deixar de ser variável subordinada, levando, no limite, o socialismo a se converter em capitalismo;

5. portanto, a operação que Xi Jinping está liderando desde 2012 visa, no essencial, garantir que a política de reforma e abertura, iniciada em 1978, continue servindo para fortalecer o socialismo. No fundo, trata-se das “persistências” defendidas por Deng: persistir no socialismo, na ditadura do proletariado, no papel dirigente do Partido, no marxismo e no pensamento maozedong;

6. uma novidade está na dimensão cada vez mais internacional da tarefa. Não há como não exportar capitais, não há como evitar o enfrentamento com os EUA e seus aliados. Portanto, é preciso “combinar Go com Xadrez”. Por um lado, rodear os EUA, de tal forma que reduza as chances de um conflito militar global. Por outro lado, se preparar para vencer um eventual conflito militar direto;

7. o projeto Cinturão e Rota é a mais vistosa, embora não a única, expressão da “Opção Go”. A insistência dos chineses na “adesão” do Brasil ao Cinturão e Rota tem, no fundamental, uma motivação geopolítica. Assim como tem motivações geopolíticas a resistência exibida por aqueles setores da elite política e econômica do Brasil que são contrários à adesão. Dito de outra forma: há espaço para vários tipos de arranjo econômico, pelo simples fato de que a adesão do Brasil não tem preço!

8. no governo FHC, firmamos uma parceria estratégica com a China. No governo Lula, firmamos uma parceria estratégica global. Os chineses acenaram, agora, para o que eles chamam de “futuro compartilhado”. O nome é autoexplicativo. A questão, no fundo, é essa: com quem queremos compartilhar a construção do futuro. Com os chineses há e haverá contradições. Mas com os EUA houve, há e seguirão existindo antagonismos imensos e insolúveis. O resto é detalhe que uma boa negociação pode resolver.

Outra dimensão da relação com a China é o que nós, como Partido, devemos aprender com a experiência deles, particularmente com a experiência centenária do PCCh.

Num resumo: aprender muito, copiar nada.

Aprender exige estudar. A verdade é que conhecemos muito pouco acerca da realidade atual e da história chinesa.

Aprender exige, também, conhecimento direto: troca de delegações, contatos bilaterais, intercâmbios em múltiplos terrenos (governos, parlamentos, academia, cultura, turismo etc.).

Mas aprender não é copiar.

Se quisermos contribuir para que exista um “socialismo com características brasileiras”, um Estado dirigido pela classe trabalhadora, um Partido à altura das tarefas históricas e uma grande revolução política e social, então precisamos nos dedicar a estudar mais e a transformar mais a realidade brasileira, a começar pelo nosso próprio Partido.

Por último, o Brasil tem imensas possibilidades. E pode – se operar certo e rápido – utilizar a difícil situação que vive o mundo em alavanca para darmos um salto imenso. Mas para isso é preciso superar inúmeros problemas, a começar pela mediocridade que predomina em nossa área econômica. O “austericídio”, termo utilizado por uma resolução do Diretório Nacional do PT, nos mantém prisioneiros do agronegócio e da especulação financeira. Nosso ministro da Fazenda bem que poderia dar um rolê pela China. Sem copiar nada, mas teria muito o que aprender!

ps1. a delegação foi à Cidade Proibida e à Muralha da China. No mesmo dia fiz uma segunda visita ao Museu da história do Partido. Por isso, não tenho como relatar nada, exceto constatar o exemplar estado físico que a delegação exibiu ao regressar de horas de caminhada!

ps2. a delegação visitou a empresa Huawei. A impressão é que, bem mais cedo ou um pouco mais tarde, romperão os anos de atraso que a China ainda exhibe no terreno dos chips;

ps3. a delegação manifestou inúmeras vezes a importância de a China contribuir mais para que Cuba supere sua crítica situação atual. Cabe-nos fazer gestão ainda maior junto ao governo brasileiro. Afinal, se os chineses têm motivos para ajudar Cuba, nós temos muito mais!

ps4. numa delegação composta por 28 pessoas, não há como evitar aqueles “momentos excursão”, alguns engraçados, outros nem tanto. Mas estes serão transmitidos oralmente, o que é muito mais divertido, além de mais saudável!

ps5. as próximas partes das “Aventuras do PT na China” sairão em data incerta.

Xiamen e outras cidades

No dia 13 de abril de 2024, a delegação do PT chegou em Xiamen, uma das nove cidades de uma província chamada Fujian. Esta província é lindeira ao Estreito de Taiwan. Do outro lado do Estreito, fica a província de Taiwan. Além de Xiamen, a delegação também visitou – de 13 a 17 de abril – três outras cidades: Jinjiang, Ningde e Quanzhou.

Xi Jinping, atual presidente da China e secretário-geral do Partido Comunista, trabalhou por 12 anos nesta província. Um dos projetos impulsionados por Xi Jinping foi o combate à pobreza extrema.

Para conhecer um exemplo disto, a delegação visitou a Vila Xiaqi. Trata-se de uma vila de pescadores. Até a década dos 1980, estes pescadores (cerca de 3 mil na época) viviam em condições muito difíceis, o que incluía morar em seus barcos. A partir dos anos 1990, teve início uma série de transformações. Hoje moram na Vila Xiaqi cerca de 13 mil pessoas, em casas e com o devido acesso às políticas públicas básicas.

Os feitos de Xi Jinping no combate à pobreza extrema são contados detalhadamente numa grande exposição no Centro de Convenções de Ningde, exposição que termina com uma foto muito didática, que vincula Xi a Mao.

Evidentemente, a capacidade de transformar profundamente a vida das pessoas tem relação direta com várias conquistas da revolução de 1949. Entre elas, o fato de a terra ser propriedade pública.

Outras características estruturais da sociedade chinesa foram destacadas na conversa com a prefeita de Ningde, onde fica a vila de pescadores. Os dois momentos altos da conversa foram:

I/ quando o tradutor demorou a entender nossa pergunta sobre quantos por cento da população da China têm acesso ao saneamento. Em bom português, ele reagiu com um “100%, óbvio”, muito revelador das diferenças atuais entre os dois países;

II/ quando a prefeita explicou que, na China, os entregadores de aplicativos recebem, das empresas que os contratam, todos os direitos previdenciários e similares.

Ao mesmo tempo que destacaram essas conquistas sociais, em várias das reuniões mantidas nesta fase da viagem, o que predominou foi a ênfase no empreendedorismo-ao-estilo-chinês. Foi o caso, por exemplo, das visitas a grandes empresas, como: a Kelme (artigos esportivos), a CATL e a Kehue Data Company (baterias), assim como a Fuyao Glass Company.

A mesma pegada “empreendedorista” dominou a visita da delegação a dois *showrooms*: BRICS PartNIN Innovation Cente e o Jinjiang Experience Museum. Foi o caso, igualmente, das conversas predominantes em dois banquetes oferecidos à delegação, onde se tratou principalmente de “irmandades” entre cidades e estados, bem como sobre possibilidades de cooperação econômica.

Em várias das atividades supracitadas, havia painéis onde estava escrito: “boas-vindas à delegação de alto nível”, em letras garrafais.

A delegação visitou, ainda, um caso exemplar de combate à degradação ambiental (Lago Yundang) e a importante Universidade de Xiamen.

O que mais impressionou a delegação, acho eu, foi a infraestrutura: o trem bala, os viadutos, as estradas, as grandes avenidas, os conjun-

tos habitacionais, as cidades que nos eram apresentadas como sendo “vilas rurais”. Sem falar na beleza dos viadutos e ruas ajardinadas.

Um ponto especial foi a visita ao templo budista de Kaiyuan, nomeado na dinastia Tang, em 738 dC (segundo a datação convencional adotada, por exemplo, no Brasil). Este templo tem uma importância específica, devido à presença da influência hindu.

Valer lembrar que Fujian era um dos pontos da antiga rota da seda e, hoje, é um dos nós da Iniciativa do Cinturão e Rota, lançada, em 2013, por Xi Jinping.

Aliás, na Universidade de Xiamen, existe um instituto totalmente dedicado ao Cinturão e Rota. Um dos temas abordados por este Instituto é o que os chineses denominam de “comunidade de futuro compartilhado”. Possibilidade que horroriza certa direita brasileira, como se pode constatar nas críticas feitas por certa jornalista brasileira: <http://valterpomar.blogspot.com/2024/04/miriam-leitao-e-suas-criticas-acerca-da.html>

ps1. a essa altura, a delegação já está quatro pessoas menor, devido à volta, ao Brasil, de Gleisi Hoffmann, Anne, Dimas e Zunga;

ps2. no dia 17 de abril, a delegação viaja a Xangai, uma etapa da viagem;

ps3. passo por alto dois pontos turísticos visitados pela delegação, entre os quais o centro histórico de Fuzhou.

Xangai, 2050 e além...

A comitiva do PT que está em visita à China encontra-se agora em Xangai. Como em todas as outras cidades, fomos hospedados num hotel de primeira categoria. O que só está sendo possível porque a parte chinesa está pagando, assim como pagaram as passagens de avião, os deslocamentos internos e as refeições.

O hotel de Xangai fica na parte da cidade outrora ocupada pelos franceses. Quem não lembra, aqui vai: desde a Guerra do Ópio (1840), os chineses foram militarmente derrotados por diversas vezes. E, ao final de cada guerra, uma das imposições dos vencedores

era ocupar – com direitos de extraterritorialidade – cidades, pedaços de cidade, portos etc. Na prática, era como se uma parte do território da China fosse considerado território francês, ou britânico, ou russo, ou austro-húngaro, ou germânico, ou estadunidense, ou japonês. Não uma embaixada, mas quarteirões e quarteirões.

No caso de Xangai, na denominada “concessão” francesa, ficou famosa uma placa posta na entrada de um parque público: não são admitidos cachorros e chineses. Hoje, no mesmo lugar onde estava a escandalosa placa, está um impressionante museu da história da cidade.

E por falar em coisas impressionantes, a China é o paraíso dos trens-bala, das gruas em operação, dos viadutos floridos, dos museus e *showrooms*.

Em todas as cidades e em todas as empresas que fomos, há um amplo espaço onde se conta a história da respectiva instituição, entremeada sempre com a história do país. E com direito a generoso espaço para as decisões do Partido Comunista e – no caso das cidades que visitamos – para o pensamento de Xi Jinping. Por exemplo: os investimentos se fazem em todos os países, mas os empresários têm nacionalidade e precisam ser patriotas.

Tanto museus quanto *showrooms* usam técnicas “da hora”. E isto está ligado, como é óbvio, ao esforço que os chineses seguem fazendo no sentido de modernizar e desenvolver o país. Curiosamente, uma pesquisa nas redes geralmente atribui esta iniciativa ao camarada Xi ou ao camarada Deng, mas, na verdade, desde pelo menos 1964, o PCCh vem perseguindo as “quatro modernizações”: da agricultura, da indústria, da defesa, da ciência e tecnologia.

A rigor, o que a China segue fazendo – em 2024 – é implementar o programa da Nova Democracia, formulado no início dos anos 1940 por Mao e aprovado pelo Partido. Que tenham ocorrido zigue-zagues e *delays* imensos não altera a existência de um fio de continuidade. A China moderna não é obra de Confúcio, mas sim da revolução e da tradição marxista. Fato que os chineses reiteram o tempo todo, aliás.

O desenvolvimento das forças produtivas é apresentado, sempre, em combinação com a planificação. No Museu da Cidade de Xangai, por exemplo, há planos urbanos que vão até 2050 e além...

Vale dizer que nos apresentaram Xangai como uma cidade “jovem”, com “apenas” 600 anos, mais ou menos. Jovem, mas fundamental na história chinesa. Foi em Xangai que o PCCh foi fundado, exatamente dentro de uma “concessão”. Foi também em Xangai que nasceu Li Peng, que saiu do comando da cidade para o primeiro posto do Partido Comunista da China, logo depois do Incidente de Tianamen (ou, na versão dos críticos, o “massacre da praça da paz celestial”).

Em 2004, a delegação do PT foi levada a conhecer Pu Dong, uma antiga vila de pescadores, convertida em pólo de desenvolvimento científico-tecnológico. Em 2024, a delegação foi levada a conhecer Yangshan, um novo distrito industrial, também construído a partir do zero e hoje convertido numa cidade com 450 mil residentes e 150 mil trabalhadores.

Não tem nada que ver com os distritos industriais existentes no Brasil. Trata-se de uma cidade, com todas as comodidades e, também, com muitas belezas paisagísticas e arquitetônicas.

A maior parte da construção de Yangshan transcorreu nos últimos cinco anos, entre 2019 e 2024; hoje, há cerca de 400 empresas atuando lá. É em Yangshan (cuja tradução seria “pingo d’água”, devido a um imenso lago artificial construído no local) que fica o talvez maior porto de águas profundas do mundo. Lá visitamos uma fábrica de chips (Versilicon) e uma fábrica de robôs (Siasun). Também por lá fica uma fábrica da Tesla, com 28 mil trabalhadores.

Sim, *ladies and gentlemen*, a Tesla está na China, com direito à presença do sindicato e a uma célula do PCCh. Elon Musk, pelo visto, tem critérios mais elásticos do que se depreende quando se observa sua campanha pela “liberdade irrestrita” do X no Brasil.

O PCCh tem, no distrito de Yangshan, 4.300 militantes. Cerca de 10% daqueles 4.300 são o que chamaríamos, no Brasil, de “profissionalizados”. Mas a maioria desses profissionalizados tem tarefas

públicas, não apenas internas e organizativas. O chefe do Partido no distrito, por exemplo, responde pelo desenvolvimento global do distrito.

O chefe local do Partido, que nos recebeu, tem 58 anos, entrou no Partido em 1990. Quase desistiu, porque o processo de seleção é muito rigoroso, as vezes dura cinco anos. Ele acrescentou o seguinte: é muito difícil entrar no Partido e é muito difícil voltar ao Partido, caso a pessoa tenha saído por vontade própria ou sido expulsa.

Como se pode constatar, é uma situação “quase igual” a como funciona um certo partido latino-americano. Pano rápido, voltaremos depois com mais um relato.

ps1/ nos anos 1970, Pedro Pomar esteve na China para um encontro com Chu Enlai (ver foto abaixo), com o objetivo de informar sobre a Guerrilha do Araguaia. O tradutor deste encontro, um cidadão chamado Guo, também contribuiu na tradução de duas outras visitas – feitas por Wladimir e Rachel Pomar – no início dos anos 1980, sendo uma delas a primeira visita oficial do PT à China. Pois bem: Guo está com seus oitenta e tantos anos e manda lembranças para os amigos brasileiros.

Última parte, por enquanto

Em Xangai, são 22h de 19 de abril de 2024. Logo mais, regressa ao Brasil a delegação do PT que está em visita à China. Viemos via Frankfurt, voltaremos via Qatar.

A “delegação de alto nível”, como foi denominada pelos anfitriões, era para ter tido 30 integrantes, depois foi reduzida devido a desistências de última hora, bem como por pessoas que tiveram que regressar antes do término, tendo chegado ao final da visita com a seguinte composição: Romênio Pereira, Mônica Valente, Valter Pomar, José Airton, João Maurício, Saulo Dias, Maria Isabel, Miguel Ângelo, Carlos Veras, Carlos Zarattini, Ricardo Campos, Maria Isolda, Laura Sito, José Ronaldo, Macaé Maria, Helder Salomão, Cícero Balestro,

Vitor Silveira, Debora Pereira, Jean Mark, Danilo Veloso e Liliam Borges.

No último dia da visita, além das atividades fenícias e de turismo, a delegação visitou um centro comunitário e o respectivo Comitê de Base do Partido. Também houve uma reunião bilateral, na qual se combinaram os próximos passos, como, por exemplo, a vinda de professores chineses para uma atividade de formação sobre a história e funcionamento do PCCh, sobre o funcionamento do governo chinês e da planificação, sobre a Iniciativa do Cinturão e Rota.

Aliás, do ponto de vista chinês, esta talvez seja a grande questão: se o Brasil vai se integrar à Iniciativa. Seguramente, este será o grande tema a ser debatido quando das visitas que Celso Amorim e Geraldo Alckmin farão à China nos próximos meses. Lembrando que, em novembro de 2024, será a vez de Xi Jinping visitar o Brasil.

De volta ao Brasil, cada integrante da delegação terá o desafio de digerir a experiência e transmitir, ao seu círculo de relações, as impressões que teve. O programa Janela Internacional, da TV FPA, entrevistará quem se disponha. A Fundação também buscará publicar os textos de balanço que sejam produzidos.

O grande desafio, entretanto, transcende conhecer a China e o PCCh. O grande desafio é transformar o Brasil. Deste ponto de vista, a visita à China ajuda a perceber o papel que podem jogar, na transformação profunda de um país, a vontade política, a ação coletiva, a perspectiva de longo prazo.

A “correlação de forças” não era favorável, quando o Partido Comunista da China foi criado, em 1921, por 13 delegados, representando 58 pessoas, num país com 300 milhões de habitantes. A “correlação de forças” também não era favorável, em inúmeros outros momentos da história da China. Mas, adotando a postura de transformar a correlação de forças, as forças sociais encabeçadas pelo PCCh conseguiram — com avanços e recuos, vitórias e derrotas, erros e acertos — fazer da China o que ela é hoje.

Para nós, do Brasil e da esquerda brasileira, é fundamental aprender com essa disposição de não se prostrar diante das dificuldades, de não transformar a correlação de forças momentânea num obstáculo definitivo e, principalmente, de não adotar a mediocridade como meta e parâmetro.

Nosso país tem enormes possibilidades. Enquanto os capitalistas dos setores financeiro e primário-exportador forem dominantes, essas possibilidades seguirão sendo apenas isso: possibilidades. Também por isso, o PT e o conjunto da esquerda brasileira não podem aceitar o papel de gestores do *status quo*. É preciso disposição de transformar profundamente o país, investir pesadamente no bem-estar social e no desenvolvimento. Quero crer que a delegação de alto nível decolará, logo mais, com esta ideia na cabeça, ainda que com diferentes opiniões acerca de como fazê-lo.

Terminamos por aqui a parte pública desta série de textos. Quanto à parte privada, ou seja, os relatos reservados da excursão, estes serão publicados proximamente, claro que em javanês.

Nota do editor: Estes relatos foram escritos e publicados, em 11 partes, no blog do autor durante sua viagem à China.

Disponíveis no seguinte link:

<http://valterpomar.blogspot.com>

Miriam Leitão e suas críticas acerca da opinião do PT sobre a China

“Acusar a China de ser uma ditadura não é uma análise, mas também não é apenas um xingamento”

.....

VALTER POMAR

Membro do diretório nacional do PT, diretor da Fundação Perseu Abramo, professor da UFABC.

A China tem vários problemas, mas, neste momento, o fuso horário é o mais angustiante. Pior ainda é acordar às 3h da madrugada, cair na besteira de olhar mensagens e deparar com um artigo da Miriam Leitão. No caso, um artigo acusando o PT de ajudar a extrema-direita golpista.

Antes de tratar do grão, confesso que admiro a cara de pau da direita *gourmet* brasileira, especialmente de seus funcionários que trabalham em certos meios de comunicação. Os caras trataram o PT a pau e pedra. Contribuíram para o ascenso da extrema-direita. Mas não perdem a pose e continuam se achando no direito de nos dar lições.

Isto posto, proponho olhar a situação de conjunto. Gostemos ou não gostemos, o mundo está mudando. Os Estados Unidos estão declinando. Outras nações estão ascendendo. A questão de fundo é: o Brasil quer ser uma dessas nações? Ou quer dar um abraço de afogado nos Estados Unidos?

O empresariado brasileiro já fez sua escolha. A China é o principal parceiro comercial do Brasil. Mas a escolha do empresariado aprofunda o modelo primário-exportador. Se queremos outro modelo, é preciso colocar a política no comando. E isso implica em ter relações partido-partido, não apenas governo-governo.

Na China, o núcleo do poder é o Partido Comunista. Que, passem, senhores defensores da democracia-ao-estilo-ocidental, valoriza a relação com os partidos políticos de todo o mundo, inclusive os partidos de direita. É outra das ironias dos tempos modernos: enquanto nas democracias ocidentais os partidos políticos vivem um péssimo momento, os comunistas chineses seguem valorizando essa instituição criada na grande revolução burguesa de 1789.

Esta é a situação de conjunto: precisamos ter relações com a China, precisamos mudar o conteúdo dessa relação, precisamos ter relações com o Partido Comunista da China.

Até aí, como diria o grande Hobsbawm, acho que até os cientistas políticos seriam capazes de entender.

A questão seguinte é: vamos lá para dar lições aos comunistas chineses? Explicar que não é assim que se faz? Explicar que eles estão fazendo tudo errado desde 1949? Que o modelo que funciona é o nosso? Que o sucesso do Brasil, o esplendor dos Estados Unidos e a maravilhosa Europa constituem o farol da humanidade?

Na boa, essa atitude professoral e arrogante é simplesmente ridícula.

Eu já estive muitas vezes na China e sei o impacto que causa. Sei que, às vezes, o impacto é tão grande que resulta em exageros verbais, bem como no apagamento de problemas e contradições que os próprios chineses reconhecem. Por exemplo: só agora os chineses conseguiram eliminar a pobreza absoluta. Ou seja: eles mesmo admitem que, durante mais de 60 anos, o socialismo realmente existente na China convivia com a pobreza absoluta.

Ademais, a opção que os comunistas chineses fizeram — de usar o mercado capitalista, da forma e na escala que eles utilizam — produz

pelo menos três efeitos colaterais: a desigualdade social, a corrupção e o individualismo. A combinação dos três tende a enfraquecer e desmoralizar a autoridade do Partido. Sem Partido, o Estado e o plano perdem força e o mercado pode deixar de ser variável subordinada, produzindo desigualdades e podendo, no limite, fazer o socialismo se converter em capitalismo.

Agora, qual seria a alternativa? O socialismo-da-pobreza? O socialismo-de-caserna? Outras alternativas que vislumbramos, que desejamos, mas que ainda não conseguimos materializar? Podemos ter qualquer opinião a respeito, mas o que não podemos é desconhecer o fato de que a China se tornou, ainda bem, uma variável predominantemente positiva na atual situação mundial.

Isto posto, vamos ao grão: do ponto de vista da Miriam Leitão e, também, do ponto de vista dos Estados Unidos, a China seria uma ditadura. Isso procede?

Depende. No sentido brasileiro do termo, certamente a China não é uma ditadura. Basta comparar a ditadura militar e a ditadura Vargas com a China para perceber as imensas diferenças. Então a China seria uma democracia? No sentido brasileiro do termo, também não. Aliás, os Estados Unidos são uma democracia? Quem realmente manda nos Estados Unidos: “nós, o povo”? Ou uma plutocracia que literalmente compra os processos eleitorais?

Acusar a China de ser uma ditadura não é uma análise, mas também não é apenas um xingamento. Prestem atenção na forma de raciocinar da Miriam Leitão: segundo ela, dizer que o encontro entre PT e PCCh foi “inspirador” faria o jogo da extrema-direita. Supondo que isso fosse verdade, faço a seguinte pergunta: dizer que a China seria uma “ditadura” faz o jogo de quem? A resposta é: interessa aos Estados Unidos e a seus aliados, que dividem o mundo entre eles e os “autoritários”.

Segundo Miriam, não faria sentido “sugerir” que há uma “irmandade com um partido que governa a China com mão de ferro há 75 anos, que destrói qualquer oposição que apareça, que controla tudo, a

imprensa, as redes sociais, as empresas, as artes. Um governo que, na última vez em que houve uma insurgência popular, em 1989, reagiu com um massacre em praça pública, e reprime ou reverte qualquer tentativa de abertura. Como acontece agora em que Xi Jinping colocou mais um ferrolho na porta em favor da sua permanência no poder”.

De fato, o Partido Comunista da China tem um imenso controle, o que não quer dizer que controle “tudo”. Aliás, não tem nenhuma teoria mais desmoralizada do que a do “totalitarismo”: em toda parte, inclusive na China, há contradições, há disputas, há conflitos, há luta de classe, como se viu em 1989, aliás. Paraíso não existe, pelo menos não na Terra. Mas, no caso chinês, vale a famosa frase do Galileu: *eppur si muove*. A China, com todas as suas contradições, avança. E é esse avanço, não as contradições e problemas inevitáveis, que perturba os gringos.

Miram Leitão diz que a China não “pode ser classificada como país socialista. A economia é dominada pelo capitalismo de Estado e uma elite cada vez mais bilionária de empresários que aceitam a simbiose de suas empresas com o regime. Visitar os colossos chineses de diversas áreas, como a Huawei, é interessante para qualquer pessoa. Estranho é achar que isso é socialismo”.

A frase de Miriam Leitão sintetiza o ponto de vista de muita gente, inclusive de muita gente de esquerda, para quem socialismo e capitalismo seriam incompatíveis. Se tem um, não tem o outro.

Quem pensa isso, mas ainda é de esquerda, deveria renunciar definitivamente ao socialismo. Pois as coisas não mudam do dia para a noite. Uma sociedade capitalista não vai virar uma sociedade não capitalista por ato de magia, instantaneamente. Faz-se necessário um processo, uma transição. Nessa transição, durante algum tempo, continuará a existir capitalismo. Essa concepção, vale dizer, não foi inventada pelos comunistas chineses. Suas premissas estão nos textos de Marx e Engels, por exemplo, num textinho genial chamado *Crítica ao programa de Gotha*.

Agora, quem quiser perceber a diferença prática entre o capitalismo e o socialismo-com-presença-de-capitalismo, basta comparar a evolução da China e da Índia desde a década de 1940 até hoje. Nos dois países há bilionários, nos dois países esses bilionários se associam com o Estado, mas na China o comando está no Estado e o efeito disto se vê na elevação continuada da vida material e espiritual da população. Aliás, quando é mesmo que a Índia vai acabar com a pobreza absoluta de sua população?

Claro, a China não corresponde ao socialismo-de-manual onde alguns talvez tenham estudado quando foram militantes do Partido Comunista, como Miriam Leitão, aliás, foi, algo pelo qual ela merece todo o nosso respeito.

Mas isto faz tempo. Hoje, para Miriam, “o comunismo, como se sabe, não existe”. Eu diria algo parecido, mas diferente: “o comunismo, **como sociedade, ainda não existe. Mas existe como movimento e existe como necessidade.**”

Existem, no mundo inteiro, muitas pessoas que defendem o comunismo. E existe a necessidade: as imensas capacidades (produtivas e destrutivas) criadas na sociedade moderna precisam ser colocadas sob **controle comum**, ou vão nos destruir.

Entretanto, concordo com Miriam Leitão que a extrema-direita (e, também, uma parte da direita *gourmet*) usa o comunismo como espantalho. No que divirjo dela é como combater isso. Explico: o PT não fez um governo radical, mesmo assim, a direita *gourmet* (Miriam inclusive) e a extrema-direita nos acusaram disso. Ou seja: para esta gente, inclusive para Miriam, não é a realidade que conta. Por isso, não adiantaria nada a Gleisi Hoffmann queimar uma efígie de Marx; correríamos, aliás, o risco de ela ser acusada de “melancia” (verde por fora e vermelha por dentro).

Assim, o que devemos fazer é falar a verdade. E a verdade que interessa ao Brasil é aprofundar a cooperação com os chineses, interessa ao Brasil que esta cooperação ajude na nossa reindustrialização,

para isso, precisamos manter ótimas relações com o Partido Comunista da China.

Além de dizer que a China seria uma ditadura, que a China não seria socialista, que o comunismo não existiria, Miriam Leitão também reclama das críticas feitas pelo PT contra os Estados Unidos.

Segundo ela, fazer críticas aos EUA é natural, mas “fazer críticas em tom mais alto do que os chineses é ser mais realista do que o rei”. Fico na dúvida, ao ler isso, sobre o continente em que vive Miriam Leitão. Cá entre nós: se amanhã a China vencer os EUA, os EUA vão continuar existindo. E vão usar toda a força que tiverem para manter um controle ainda maior sobre o continente americano. Por isso, tanto hoje quanto amanhã, os EUA constituem um problema maior para nós do Brasil do que para a China. O que torna ainda mais necessário, para o Brasil, buscar uma aliança com a China. O que não nos impedirá de usar, a nosso favor, as contradições que existem dentro da elite dos EUA, por exemplo, entre Biden e Trump.

Miriam Leitão acha que isso é “antiamericanismo estudantil” e “alinhamento com uma potência ditatorial”, quando não passa da boa e velha geopolítica. Acontece que Miriam Leitão tem lado nessa geopolítica. Por isso, onde nós preferimos destacar a pressão dos EUA e da OTAN sobre a Rússia, ela prefere destacar a “culpa” do “autocrata do Kremlin”. Por isso, ela lembra do Biden presidente que reconheceu nossa vitória em 2022, enquanto nós **também** fazemos questão de lembrar do Biden vice-presidente que ajudou o golpe de 2016 contra a democracia brasileira.

Por fim: não sei onde foi que Miriam Leitão leu que “os Estados Unidos têm o monopólio da geração de crises no planeta”. Seguramente, não foi num texto aprovado pelo PT. O que certamente ela pode ter lido, em algum texto do PT, é que o capitalismo, em geral, e os Estados Unidos, em particular, estão no centro da crise sistêmica vivida pelo mundo neste santo ano de 2024. Para chegar a essa constatação, não se faz necessário ter um “pensamento internacional mais

sofisticado”, tão ao gosto dos tucanos. Basta o “rudimentar” método de adotar a prática como critério da verdade.

Termino por aqui, pedindo desculpas pela falta de revisão, pois em Xiamen já são 6h12 da manhã e o chá está quente.

PS. já estava desligando o computador quando vi que Luis Favre escreveu que o artigo de Leitão é “excelente”, “uma aula”. Como se vê, o lobo perde o pelo, mas não o vício. Espero ansioso o dia em que alguém escreva a biografia do Favre, pois ele merece. Tá aqui: “Gleisi responde ao excelente artigo de Míriam Leitão sobre a China e eu defendo o artigo da jornalista.” <https://x.com/Blogdofavre/status/1779936060367114325>. Acessado em 27 de maio de 2024.

Segue o texto comentado:

PT ajuda a versão do adversário ao defender que tem a mesma proposta do PC Chinês

Gleisi Hoffmann vai a Pequim e declara que PC Chinês e seu partidos têm afinidades

Por Míriam Leitão

14/04/2024 04h30 Atualizado há 12 horas

A China é uma ditadura. O PT sempre governou o Brasil democraticamente. Tudo o que a extrema direita golpista quer é vincular o PT ao autoritarismo, apesar de ter sido essa mesma direita que tentou golpear as instituições democráticas. Nos últimos dias, na esteira do histrionismo de Elon Musk, parlamentares brasileiros ligados a Jair Bolsonaro têm gritado no exterior a sandice de que o Brasil é uma ditadura. Por que mesmo, num contexto assim, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, vai a Pequim declarar que seu partido e o PC Chinês têm afinidades, e afirmar que foi “inspirador” o encontro dos dois partidos?

Visitar a China, ter bom relacionamento com as autoridades chinesas, ter relações com o partido governante daquela potência, fazer acordos, isso é natural. O que não faz sentido é sugerir que há uma irmandade com um partido que governa a China com mão de ferro

há 75 anos, que destrói qualquer oposição que apareça, que controla tudo, a imprensa, as redes sociais, as empresas, as artes. Um governo que, na última vez em que houve uma insurgência popular, em 1989, reagiu com um massacre em praça pública, e reprime ou reverte qualquer tentativa de abertura. Como acontece agora em que Xi Jinping colocou mais um ferrolho na porta em favor da sua permanência no poder.

A deputada Gleisi Hoffmann disse, segundo relato do jornalista Marcelo Nínio: “É o predomínio do capitalismo que gera um cenário internacional de instabilidade, crises, guerras e revoltas. Nossos partidos, o PT e o PC Chinês defendem que o socialismo é essa alternativa. Um de nossos maiores desafios é exatamente de tornar o socialismo mais influente e mais poderoso em nossos países e também em escala mundial”.

A propósito, a China não pode ser classificada como país socialista. A economia é dominada pelo capitalismo de Estado e uma elite cada vez mais bilionária de empresários que aceitam a simbiose de suas empresas com o regime. Visitar os colossos chineses de diversas áreas, como a Huawei, é interessante para qualquer pessoa. Estranho é achar que isso é socialismo.

O comunismo, como se sabe, não existe. Apesar disso, tem sido o espantalho eterno de quem tem intenções ditatoriais no Brasil. Foi essa ameaça que brandiram os golpistas de 1964, e repetem agora Bolsonaro e seus seguidores. O delírio do risco comunista é apresentado por pastores de má-fé nas suas igrejas. Falas como a da presidente do PT serão usadas como prova de que disseram a verdade.

Os Estados Unidos têm um enorme telhado de vidro e criticá-los também é natural. Fazer críticas em tom mais alto do que os chineses é ser mais realista do que o rei. Concluir que os Estados Unidos são o epicentro de todas as crises internacionais é simplificar o complexo. A boa política externa entende as complexidades desse mundo há muito tempo multipolar. A Rússia invadiu a Ucrânia levando uma guerra para dentro da Europa. Isso é conflito gerado pelo fato de os Estados

Unidos não aceitarem a própria decadência? O ditador Vladimir Putin é também um resultado da crise do capitalismo? Nenhuma culpa recai sobre o autocrata do Kremlin?

O governo de Joe Biden parabenizou o presidente Lula meia hora depois de o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ter declarado a vitória do atual presidente no dia 30 de outubro. Jair Bolsonaro levou 38 dias para reconhecer a vitória de Biden. Bolsonaro conspirou para tentar impedir a posse do eleito, o que culminou na tentativa de golpe de 8 de janeiro. A direita trumpista tinha feito ataque semelhante ao Capitólio, dois anos antes, em 6 de janeiro de 2021, para tentar impedir a posse de Biden. Como tudo isso cabe dentro da visão de mundo de que os Estados Unidos têm o monopólio da geração de crises no planeta?

Há uma doença infantil da qual o Partido dos Trabalhadores nunca se curou. Somando-se os tempos, ele governou o Brasil por quase 15 anos. Já poderia ter desenvolvido um pensamento internacional mais sofisticado, sem alinhamento com uma potência ditatorial, e que evitasse o antiamericanismo estudantil. Aqui no Brasil partido é partido, governo é governo —ao contrário da China, aliás — mas o que a presidente do PT diz será usado pelos que querem rotular o atual governo de ditatorial, ou dizer que o espectro do comunismo ronda o Brasil.

Nota do editor: este artigo foi publicado originalmente no blog do autor em 14 de abril de 2024. Disponível no seguinte link

<https://valterpomar.blogspot.com/2024/04/miriam-leitao-e-suas-criticas-acerca-da.html>

Democracia com características chinesas

“A China não busca enquadrar seu regime político às narrativas conceituais formuladas pelo Ocidente”

.....
DEBORA PEREIRA

Mestra em Ciências pelo Programa de Mudança Social e Participação Política EACH/USP, chefe de Gabinete da vereadora Paolla Miguel (Campinas-SP) e militante do PT-SP.

No início de abril, uma comitiva de alto nível do Partido dos Trabalhadores, composta por parlamentares, dirigentes e lideranças de expressão nacional, desembarcou em Pequim, passando por Fujian e seguindo até Xangai. Na pauta, combate à pobreza, mudanças climáticas, governança, geração de emprego e o fortalecimento das relações bilaterais entre o PT e o PCCh, bem como as sinalizações necessárias para o estreitamento de laços entre os dois países.

Foram dez dias de agendas, com uma rotina de trabalho intensa, que incluiu a realização do 7º Seminário Teórico, com o tema “Reforçar a Construção de Partido no Poder e Explorar o Caminho de Modernização”; além disso, foram diversas visitas a empresas, centros de planejamento, órgãos públicos, universidades e encontros com importantes autoridades políticas do país.

Enquanto, na China, nos ocupávamos de estreitar os laços entre os dois partidos, realizar intercâmbios de gestão e sinalizar para a

construção de protocolos formativos e de produção de conhecimento, a imprensa brasileira encontrou um assunto para criticar o PT e o governo, mas também propagandear ideologias neoliberais. Isso não é nenhuma novidade.

A opinião pública propagandeia a necessidade de reivindicar, estruturar e fortalecer regimes políticos democráticos, mas a partir de conceitos e definições um tanto quanto subjetivos e distantes de produzirem consensos definitivos ou uma aplicação inquestionável para a realidade de todas as nações. Ano após ano, eleição após eleição, o discurso hegemônico vigente organiza as sociedades de maneira binária (democráticos x não democráticos), atribuindo valor à organização social e política dos países a partir de uma visão centrada em conceitos ocidentais e que favorecem o *establishment* e o poder econômico.

Exceto para o homem branco dono do capital, há muito o que se questionar acerca das diferentes definições que compuseram as noções de democracia ao longo da história. Dos gregos, na Antiguidade Clássica, passando pelas concepções modernas formuladas no século 18 e chegando até as discussões contemporâneas.

E, para além da teoria, na lógica da pós-verdade que orienta a opinião pública predominante, há uma tendência de resumir democracia exclusivamente a procedimentos eleitorais e observando se os resultados estarão alinhados com a ordem socioeconômica vigente.

Mas as experiências de democracia real estão distantes da perfeição. E para dialogar com essa observação, vale observar a definição apresentada pelo professor Xie Chuntao, pró-reitor da Escola Central do PCCh (que desde 1933 forma os quadros do partido), de que a democracia com características chinesas preconiza a ideia de que o país pertence ao povo.

Isso me leva a refletir sobre o que faz um país pertencer a seu povo. Direitos sociais? Moradia, saúde, mobilidade urbana? Austeridade fiscal? Livre mercado? E se as eleições diretas são suficientes para determinar regimes democráticos, o que dizer do parlamentarismo — que, aliás, é o sistema adotado na China? Se o limite de

mandatos for princípio, como classificar os 11 anos de Margaret Thatcher, na Inglaterra, ou os 16 anos de Ângela Merkel, na Alemanha? E como não lembrar que foi durante o governo FHC, em 1997, por meio da Emenda Constitucional nº 16, que passou a vigorar no Brasil o advento da reeleição para cargos do Poder Executivo em todos os níveis de governo. E quantos partidos seriam necessários para caracterizar a existência de muitos partidos, os Republicanos e os Democratas já bastariam?

Não menos importante seria, ainda, refletir sobre o papel das forças de segurança e em quais momentos seu uso seria considerado legítimo: na repressão truculenta contra estudantes em universidades nos EUA e na França durante atos pró-Palestina ou, ainda, na ação violenta de Israel com ataques massivos na Faixa de Gaza?

Certamente, há quem diga que estes exemplos são diferentes ou teriam explicações. O modelo chinês também. De todo modo, são estas as referências de quem nega como democrática a experiência da República Democrática da China.

Mas, ao que pode ser observado, a China não busca enquadrar seu regime político às narrativas conceituais formuladas pelo Ocidente.

As características chinesas que orientam a realidade do país na política, na economia e nas relações sociais têm a ver com as especificidades de sua composição enquanto nação. Já os questionamentos a essas características dialogam com os riscos à ordem socioeconômica vigente provocada por um país que se apresenta como uma potência para a geopolítica global — com seus mais de 1,4 bilhão de habitantes, as dimensões continentais para ocupar o posto de terceira maior extensão territorial do planeta e um crescimento econômico anual que alcança 5,2% em 2023.

Assim, o que determina a tolerância ou a intransigência da opinião pública em relação aos arranjos institucionais estabelecidos por cada país parece ter muito mais a ver com o alinhamento a uma ordem socioeconômica que favoreça o lucro, a concentração de renda e a manutenção do poder na mão de poucos.

A agenda do PT na China não teve como finalidade investigar os valores da democracia com características chinesas, tampouco buscar referências a serem adotadas no Brasil. Nenhuma agenda bilateral ou multilateral tem esse princípio. Conhecer e reconhecer outras epistemologias e experiências de gestão não é doutrinação. Diálogo e intercâmbio são instrumentos importantes de formulação e de aprofundamento de ideias. Explorá-los é, portanto, uma virtude (a ser explorada).

Certamente, estas são reflexões breves, superficiais e influenciadas pelo choque cultural de uma observadora pouco apegada a ideias ultrapassadas de isenção e neutralidade. Considero relevante, entretanto, a possibilidade de contribuir futuramente para reflexões mais elaboradas sobre democracia, relações Brasil-China e discursos hegemônicos.

Um roteiro diverso e revelador da pujança chinesa

Agenda intensa incluiu visita a empresas e turismo histórico-cultural

.....
JOSÉ AIRTON FÉLIX CIRILO

Deputado federal (PT-CE).

Companheiros e companheiras,

Esta foi a minha terceira viagem à China — as demais ocorreram em 2014 e 2018 — e, mais uma vez, tivemos a melhor impressão deste gigantesco país. A começar pela acolhedora recepção VIP à nossa delegação no aeroporto e no hotel, em Pequim. Em seguida, participamos do importante 7º Seminário Teórico de cooperação entre o PCCh e o PT, onde foram lidas as cartas de congratulações do camarada Xi Jinping e do nosso presidente Lula, esta última pela presidente Gleisi Hoffmann. A agenda mostrou ser mais um passo em direção ao aprofundamento das relações e cooperação política na parceria de 40 anos entre o PT e o PCCh e as nossas nações.

Destaco em nossa visita à capital chinesa o Centro Hotline de Serviços para os Cidadãos de Pequim, o Museu da História do PCCh, onde mergulhamos nas origens e na trajetória do Partido. Visitamos também o Palácio do Povo para um encontro e banquete de boas-vindas oferecido pelo Sr. Li Xi, membro do Comitê Permanente do Birô Político do Comitê Central do PCCh. Um dos pontos altos foi

conhecer a Escola Central de Formação do PCCh, onde fomos recebidos pelo Sr. Xie Chuntao, pró-reitor executivo da Escola. Uma experiência enriquecedora que nos proporcionou um entendimento mais profundo sobre a estrutura e os valores fundamentais do PCCh.

Também ressalto a visita especial ao Ministério das Relações Exteriores da China, onde fomos recebidos pela ministra-adjunta, Sra. Hua Chunying e Vang Nan, do Departamento Internacional do Comitê Central do PCCh. Durante nosso encontro, compartilhamos perspectivas e fortalecemos os laços de cooperação entre nossas nações. Uma oportunidade única de diálogo e entendimento mútuo que certamente contribuirá para uma relação ainda mais sólida e próspera entre o Brasil e a China. Também tivemos a incrível oportunidade de conhecer a Cidade Proibida, testemunhando de perto a grandiosidade e a história deste icônico Palácio Imperial, e a impressionante Grande Muralha, uma das maravilhas do mundo moderno.

Estivemos, ainda, no Centro de Exposições da renomada empresa Huawei, líder global em tecnologia de telecomunicações. Já em Xiamen, na província de Fujian, a visita foi ao Centro de Inovações Tecnológicas, em parceria com o BRICS, sobre a Nova Revolução Industrial (BPIC). Na cidade de Guanzhou, estivemos no Templo milenar de Kailiany. As árvores têm cerca de 1.300 anos. Esse Templo é um dos únicos do mundo reconhecido pela Unesco. Também conhecemos a empresa Kelme, uma das maiores em produtos esportivos do mundo. Ressalto, também, a visita ao Hospital Universitário do Coração de Xiamen, onde fomos recebidos pela diretora Bai Peng Fei e pelo médico cearense Dr. Antônio Felipe Leite Simão, cardiologista do Hospital de Messejana, que fazia aperfeiçoamento por meio de parceria do BRICS com o governo do Ceará, realizada após a vinda do governador Elmano de Freitas para Xiamen, em setembro de 2023.

Outro ponto de destaque foi o privilégio de visitar a renomada Universidade de Xiamen, fundada em 1921 pelo professor Tan Kah Kee. Fomos recebidos pelos professores Chen Wuyuan, reitor do Ins-

tituto da Pesquisa do Cinturão e Rota, e Quan Hai, vice-chanceler da Universidade. Foi uma oportunidade única de explorar as instalações e os programas acadêmicos desta instituição de ensino de prestígio, além de trocar experiências e fortalecer os laços entre nossas regiões.

Depois fomos conhecer o Parque Tecnológico Empresarial Kelong, formado por várias empresas, entre as quais a Kehua, cuja representação está em Sorocaba-SP. Trata-se de um grupo que atua em diversas áreas em energias renováveis. Já em Fuzhou, a nossa delegação, então liderada pelo secretário nacional de Relações Internacionais do PT, Romênio Pereira, participou de uma importante reunião de trabalho sobre as relações comerciais e intercâmbios entre a província de Fujian e o Brasil. Foi uma noite de diálogo frutífero e troca de experiências, fortalecendo ainda mais os laços entre os países.

Visitamos o Centro Histórico de Fuzhou, um Museu de uma antiga casa em Fuzhou, guardião do patrimônio cultural, vimos uma apresentação teatral da peça *Romeu e Julieta* e conhecemos a fabricação de chá. Por último, no final do nosso roteiro em Xangai, tivemos uma jornada pelo distrito industrial, onde conhecemos três empresas líderes em alta tecnologia. A Siansun é especializada na fabricação de diversos tipos de robôs, incluindo aqueles que são capazes de produzir outros robôs.

Também conhecemos uma empresa que desenvolve produtos em inteligência artificial para uma variedade de aplicações, demonstrando como a IA está moldando o futuro em diferentes setores. Fomos à Veri Silicon, uma empresa que se destaca na produção de diversos tipos de chips, impulsionando a inovação em eletrônicos e tecnologia. Também fomos ao Centro de Planejamento Estratégico de Xangai, onde pudemos conhecer os planos abrangentes para o desenvolvimento futuro da cidade.

Os dois últimos períodos de planejamento, de 2017 a 2035, e o próximo, de 2035 a 2050, delinham metas para Xangai. Cada plano é focado em três aspectos principais: a construção de uma cidade centrada no bem-estar humano, a promoção da inovação e o desen-

volvimento de uma cidade ecologicamente sustentável. É inspirador ver o compromisso de Xangai em moldar um futuro melhor para seus habitantes e para o meio ambiente. Por fim, destaco os jantares de gala oferecidos à nossa delegação pelas autoridades chinesas e pelo Embaixador do Brasil na China, Marcos Galvão, na Embaixada do Brasil em Pequim.

Experiência chinesa é estímulo para seguir na construção do PT

Observações sobre a Missão de Alto Nível entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista da China – 9 a 20 de abril de 2024

.....
LILIAM FARIA PORTO BORGES

Secretária municipal de Formação do PT e vereadora em Cascavel-PR.

A primavera se impôs como a primeira impressão nas cidades floridas que visitamos na China e, então, a gentileza das pessoas, a grandiosidade da paisagem urbana e, fundamentalmente, a convivência do milenar com o novíssimo. Depois de duas semanas, acumulamos admiração, respeito e gratidão. Na perspectiva do Partido dos Trabalhadores, a certeza de que nós, que tivemos tamanha oportunidade, temos a obrigação de estudar, ampliar a compreensão sobre a China e divulgar a experiência exitosa do socialismo chinês, promovendo o debate e a ampliação do desejo de conhecer esse admirável país, suas escolhas políticas e a construção de sua alternativa de socialismo.

A missão de alto nível, a convite do Partido Comunista da China, foi recebida com pompa e distinção por importantes lideranças do Partido e do governo da República Popular – em instâncias municipais, distritais e nacionais. Também fomos recebidos pela Embaixada e Consulado brasileiros. Envolveu quatro cidades, incluiu trânsito aé-

reo, rodoviário e ferroviário e a apresentação de projetos públicos de recuperação ambiental, experiências de recuperação da pobreza extrema, políticas de atendimento às demandas cotidianas do povo, de integração urbana de equipamentos sociais, do planejamento a longo, médio e curto prazo e da execução dos planos.

A pujança em infraestrutura e o ritmo do desenvolvimento também nos foram apresentados por meio das visitas a empresas de grande porte nas áreas de produção de baterias de lítio, robótica, construção de chip, equipamentos tecnológicos de relógios a carros elétricos, inteligência artificial, assim como as novas tecnologias em armazenamento de energia.

As duas semanas de missão também permitiram visitas e vivências em pontos turísticos como a Grande Muralha, Cidade Proibida – Palácio Imperial, bairros históricos, museus, centros urbanos e paisagens rurais. Colocou-nos em contato com a mais alta gastronomia e a diversidade e elaboração dos muitos sabores, cores e formas impostas nos mais diversos pratos, paisagens e diversidade regional e histórica.

Impressionante em todos os sentidos e revelador do limite de informação que nós, brasileiros, temos sobre a realidade contemporânea da China, apesar da evidente presença econômica e geopolítica estarem presentes em qualquer análise de política internacional. Além da inumerável quantidade de mercadorias que utilizamos em nosso cotidiano. Mas é esse contato pessoal que nos revela a efetiva construção de um país socialista, da alternativa chinesa de socialismo e sua presença de destaque no mercado e nas relações capitalistas de produção.

O peso da teoria e seu ajuste histórico e cultural, na construção teórica fortemente marcada pela orientação do materialismo histórico, do marxismo-leninismo, está presente nos discursos e análises das lideranças, sempre destacando a forma histórica particular da realização de seus pressupostos.

Essa realização tem merecido, por parte da esquerda brasileira, inúmeras análises sobre a manutenção ou não do socialismo na China, considerando a posição de segunda economia mundial, com presença no mercado financeiro e investimentos capitalistas internacionais. A isso, a China tem chamado “Socialismo com características chinesas” para categorizar o arranjo histórico alcançado. Num exercício bastante simplista, diria que vimos um país de economia capitalista que promove – por meio de práticas políticas próprias ao arcabouço socialista – uma efetiva distribuição de renda. Equipamentos sociais, direitos de cidadania, acesso a bens materiais e a políticas sociais como saúde, educação, transporte, habitação, alimentação, vestimenta, previdência, esporte, cultura, entre outras, são o caminho percorrido da superação da pobreza extrema alcançada.

O balanço apresentado no 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China afirma a superação da pobreza extrema e lança metas para a elevação da população a uma condição moderada de nível socioeconômico. Dos espaços urbanos e da vila pesqueira que visitamos, é preciso observar que os chineses são bastante modestos nas suas avaliações, isso se considerarmos a impressão que tivemos sobre a chinesa e o chinês médio que encontramos e a perspectiva de pobreza com que trabalhamos aqui no Brasil. Pareceram-nos condições sociais bastante moderadas, o que, para o Estado chinês, ainda deverão ser construídas.

A China parece buscar integrar as relações sociais de produção capitalistas a um país que persegue a construção do socialismo. Dada a garantia de condições básicas e dignas de vida, o governo incentiva a dedicação individual para uma ascensão social estimulada. A integração do mundo capitalista e o país socialista – o grande debate entre a superação de relações capitalistas na construção do socialismo – obriga-nos a refletir sobre essa justaposição na experiência chinesa, onde estão presentes a meritocracia, o empreendedorismo, o talento pessoal como possibilidades para além do discurso formal, na medida em que se constrói garantias de condições materiais de existência

para todos. Não se trata do discurso alienador da democracia que se limita à letra da lei e a um conjunto de estruturas institucionais de representação e consulta popular. Aqui está o importante debate entre a democracia formal burguesa e a democracia popular.

Por outro lado, a difusão dos princípios de busca da felicidade do povo, aliada a um processo de formação política e intensa propaganda institucional, governamental e partidária, na afirmação de valores éticos e solidários, na busca de um sentimento nacional de que o país pertence a todos, que seu partido e seu governo os defendem no mesmo movimento que lhes solicita compromisso de dedicação.

A presença do partido, com sua prática fundada nos pressupostos marxistas, orienta todo o tecido social, organizando a representação nos bairros, por meio de militantes filiados, assim como a representação no corpo diretivo das empresas – públicas e privadas, o que foi uma constatação impressionante.

A formação política está presente nas reuniões comunitárias e na formalidade do percurso da formação de quadros, e essa é inicial e continuada, obrigando a compreensão do sentido das escolhas e ações políticas. O alto nível de escolarização e apropriação da lógica orientadora da política nacional é evidente, conforme pudemos conhecer na visita à Escola Central do Partido, em Pequim.

Esse sentimento se reafirma ao constatarmos a imposição constante da história e da memória. Todos os espaços, públicos e privados que visitamos anuncia a história por meio de exposições que reúnem elementos museográficos e de *showroom*, bastante pedagógicos, com mais ou menos recursos tecnológicos, porém sempre extremamente ricos em estratégias de comunicação da gênese daquela empresa ou comunidade. Fotografia, textos escritos, filmes, esculturas, pinturas, maquetes, esquemas gráficos, relatos, depoimentos, objetos, dados estatísticos, ou seja, ao visitar qualquer espaço, temos o relato de sua gênese, desenvolvimento e muitas vezes perspectivas de futuro, absolutamente adequadas ao projeto nacional e dentro dos princípios do desenvolvimento como caminho de inclusão de todos – servir ao

povo, buscar a felicidade do povo, a ampliação da qualidade de vida de cada um como parte do todo.

Tais espaços que permitem a construção onipresente da narrativa histórica, da afirmação do programa partidário e a integração da parte (vila ou empresa) ao todo nacional, cumprem a tarefa de dar o sentido de pertencimento e legitimidade para cada chinês e chinesa. Espaços que são formativos do projeto de país e de cidadania. Ocorre que a garantia ampliada de acesso aos bens materiais e condições de vida, trabalho, escolarização, bens culturais e direitos sociais recoloca de forma muito legítima tais espaços de exposição e propaganda. Não se trata da propaganda alienadora que apresenta um sonho a ser alcançado – como a reificação da mercadoria – mas a propaganda como orientadora do olhar e disciplinadora do entendimento sim, porém com resultados concretos na materialidade da vida. Não estão ausentes, em tais espaços, recortes ideológicos e um forte culto à personalidade, além da afirmação constante do papel do Estado e do PCCh.

A construção disciplinada e onipresente de tais espaços parece extremamente reveladora da condução política do partido e do governo, afinal, reúne estratégia formativa, informativa, disciplinadora e do sentido a seguir, de direção claramente definida. Sua precisão, cuidado, beleza, respeito ao passado e construção de futuro pareceu-nos espaços sínteses do socialismo à moda chinesa.

Foram particularmente marcantes as visitas à vila de Xiaqi e ao Condomínio 288, em Xangai, onde vislumbramos o desenvolvimento social coordenado pelas políticas de Estado, adequadas às províncias e municípios, partindo de forte infraestrutura a que se seguem políticas de formação profissional, educação formal, habitação, transportes, saúde e continuada formação política e estímulo à participação comunitária.

E, apesar da brevidade do tempo de nossa missão, também observamos o senso de comunidade, de coletividade, que talvez seja a grande construção da revolução. A perspectiva individual, consumista

e de ascensão social não se opõe ao projeto nacional. A construção de instâncias de participação ao lado da forte presença do partido parece possibilitar uma síntese muito pujante na direção do desenvolvimento daquela nação, considerando escolhas, diferenças e oportunidades nacionais e pessoais.

A relação com as empresas privadas e multinacionais, inclusive, é marcada pelo submetimento ao interesse nacional. De forma quase emblemática, no momento de nossa missão, vivíamos o inacreditável evento da arrogância e desrespeito às instâncias institucionais brasileiras por parte de Elon Musk e os excessos de sua plataforma X e visitávamos a novíssima cidade, no complexo de Langang, onde a Tesla possui um monumental investimento e total disciplina em relação às regras do jogo chinês, convivendo com membros do partido comunista e do sindicato de trabalhadores no espaço da direção de sua empresa.

Por fim, a perspectiva de democracia defendida e afirmada pelo Sr. Xie Chuntao, pró-reitor executivo da Escola Central do PCCh e expressa pelo 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, em 2022. No interior da história do pensamento marxista, identificamos ser a democracia um dos debates centrais e, mais que um debate, essa questão pode permitir a identificação dos muitos marxismos, se entendemos que o pensamento de Marx e Engels geraram diferentes interpretações e que, muitas vezes, se caracterizaram como escolas do pensamento marxista. Nessa direção, é extremamente relevante a China reivindicar a verdadeira democracia como sendo a garantia efetiva às condições materiais de existência, por meio da ação do Estado em contraposição ao discurso acerca da democracia ocidental, especialmente o desenho norte-americano, em que a igualdade se limita à letra da lei, num formalismo que cumpre um papel ainda mais alienador. A democracia como possibilidade de igualdade formal e não material, amplia a distância entre as classes e fortalece o discurso, também ideológico, de uma meritocracia que culpabiliza a vítima de toda expropriação por seu fracasso econômico e social. A China experen-

cia internamente e, anuncia ao mundo, as questões que se referem à democracia e qual a sua ligação com a construção do socialismo, reivindicando serem, efetivamente, verdadeiramente democráticos.

Na resolução do 20º Congresso do PCCh, fez-se o balanço histórico das grandes realizações do país na busca pela erradicação da pobreza extrema na direção de uma condição moderada de desenvolvimento para todos, como conquista do socialismo com características chinesas. Reivindicando a democracia, orienta o que chama de novo desenvolvimento com vistas ao bem-estar e felicidade do povo, sendo esse tecnológico, econômico, social, cultural e ético. E a defesa e busca constante pela paz nas relações nacionais e internacionais. O desenvolvimento é visto como do país, do Estado e do partido, na sintonia da construção de políticas pautadas por estudos científicos e clara definição de orientação política.

A posição chinesa de construção da paz mundial e da multipolaridade tem suficientes elementos na concretude da realidade para que nos obriguemos a pensar para além das intenções de dominação ou neocolonialismo, o que não significa que a China abre ou abrirá mão de seu poder, de seu enriquecimento e desenvolvimento como país soberano, evidentemente.

O sr. Li Xi, membro do Comitê Permanente do Birô Político do Comitê Central, em encontro com a presidenta Gleisi Hoffmann, afirmou a pujança da economia chinesa e como a sua modernização permite que a China contribua com o mundo. Destacou que, para o movimento constante de superação dos ciclos históricos, o governo e o partido apostam no aprofundamento do pensamento teórico do marxismo-leninismo e, com ele, a garantia da liderança unificada do partido, a manutenção da revolução socialista na construção do socialismo com características chinesas, eficiência em governança e combate à corrupção, autocrítica e crítica do povo.

Os desafios chineses que se colocam no cenário internacional, com a tensão separatista de Taiwan, a ampliação da Iniciativa Cinturão e Rota e o papel do BRICS, fazem a interlocução com o Brasil ser

fundamental, e os chineses aproveitaram todas as oportunidades para expressar a importância de nossa cooperação. Propostas de encontros, visitas e estudos foram tratadas junto ao partido e a disposição ampliada para interlocução de todo tipo.

Para nós, muito aprendizado e vivências extremamente enriquecedoras, que nos dão mais estímulo para seguirmos na construção de nosso partido, enfrentando os desafios, teóricos e práticos, do momento histórico em que estamos colocados.

A questão que se impõe é que o PT tenha a capacidade de produzir posição consensuada entre as diversas forças políticas que o constituem e se coloque, mais e mais, como orientador do governo Lula e ponto de tensão à esquerda no enfrentamento do cerco do poder conservador e de extrema-direita que nos tensiona por outro lado. A experiência da missão contribuiu para pensarmos o papel do Brasil na geopolítica internacional, ampliando nosso compromisso.

Minha gratidão ao Romênio Pereira, secretário nacional de relações internacionais do PT, e à presidenta nacional, Gleisi Hoffmann, às companheiras e companheiros da missão, aos membros do PCCh por toda generosidade e atenção.

Cascavel, 28 de abril de 2024.

Desenvolvimento urbano e tecnológico é destaque

“Governo chinês coloca a felicidade como uma prioridade”

.....
RICARDO CAMPOS

Deputado estadual (PT-MG).

A viagem à China me proporcionou uma nova perspectiva: mesmo em um regime comunista ou socialista, o mundo globalizado exige o fortalecimento do capitalismo social. Um país que busca o desenvolvimento socioeconômico com base na tecnologia, no conhecimento e, principalmente, na igualdade hierárquico-político, na educação política e na promoção de valores para a felicidade individual mostra o quanto nosso país ainda precisa evoluir. Acredito que apenas o Partido dos Trabalhadores, sob a liderança do presidente Lula e desta destacada comitiva do PT, pode representar essas ideias para nosso povo.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao amigo Romênio Pereira pela oportunidade de representar essa comitiva, juntamente com meus colegas que demonstraram alto nível de liderança e representatividade, como foi evidenciado pelos membros do Partido Comunista da China. Minha experiência na China destacou o desejo do país em expandir suas relações globais, especialmente com seus aliados naturais, na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e equitativa.

A minha ida aos campos experimentais de tecnologia, desenvolvimento social, tecnológico e ambiental revelou um foco no Novo Milênio, com uma perspectiva voltada para o futuro. A integração das grandes empresas com o governo, visando a criação de empregos, renda e sustentabilidade, levanta questões importantes sobre a abordagem brasileira. Enquanto poderia ser interpretada como repressão ou controle, observei que os programas educacionais e de formação, como a escola de formação partidária e os acessos universitários, não apenas criam oportunidades, mas também aprimoram o indivíduo.

Destaco que a segurança, saúde e educação abrangente me impressionaram, proporcionando uma visão positiva dos serviços públicos e das possibilidades de resolução a curto prazo. O governo chinês coloca a felicidade como uma prioridade, refletida não apenas em suas belas paisagens, mas também em suas conquistas tecnológicas, como a liderança em usinas fotovoltaicas, carros elétricos modernos e robotização de serviços e produtos manufaturados. Isso demonstra que eles estão à frente em relação à biotecnologia e mostram interesse em uma relação ampla com o país. Quem sabe, através desses laços, possamos ampliar nossa relação para impulsionar o crescimento do Brasil.

Expresso minha gratidão à direção do Partido Comunista da China (PCCh) pela calorosa recepção, evidenciada pelos privilégios oferecidos, salas especiais, jantares bem servidos e discussões produtivas sobre como melhorar nossa capacidade de acolhimento para todas as pessoas, independentemente de sua origem.

O compromisso chinês em combater a pobreza ressoa com minha própria convicção: a importância de promover a equidade para erradicar a pobreza e a fome. Essa abordagem foi visível não apenas na Vila dos Pescadores, mas também no centro administrativo do bairro da cidade de Shangou que visitamos, onde serviços sociais, esportivos, restaurantes populares, saúde e comércio estão a apenas 15 minutos de distância, mostrando um equilíbrio entre belas paisagens

e desenvolvimento econômico nas cidades de Xangai e Pequim, cada uma à sua maneira, mas orientadas para os desafios do século 21.

Quero aqui, também, salientar a minha experiência política quanto pessoal. Em especial, o aprendizado sobre a preservação da cultura, da história e do legado político do PCCh e seus líderes. Ver que todo cidadão é formado para o entendimento dos seus direitos e deveres, e da importância na participação política, nos inspira a fazer a nossa parte em nosso país!

China: o passado como referência para a evolução

“País é exemplo de como se pode alavancar crescimento econômico com desenvolvimento social”

.....
ROSÂNGELA DE OLIVEIRA ZEIDAN

Deputada estadual (PT-RJ).

Podemos estruturar o impacto da viagem à China em duas partes: a tradição do povo chinês e a alta tecnologia desenvolvida no país. A cultura chinesa mantém viva uma tradição milenar ao mesmo tempo em que a tecnologia se destaca internacionalmente.

A manutenção da historicidade se dá a partir de museus, centros de história espalhados por todas as cidades, comunidades específicas, empresas e locais de valor cultural. Além da história propriamente dita, essas instituições contam a evolução antropológica, social e tecnológica do local a que se referem. A cultura de registrar a história, algo ensinado desde os primeiros anos de escola às crianças chinesas, sistematiza esse registro fazendo com que seja um hábito do povo sempre referenciar o passado no desenvolver da evolução. Essa sistematização favorece a delimitação de metas e objetivos, o que organiza toda a cadeia produtiva. Assim, se aprende com os erros do passado e se evita futuros contratempos, acelerando todo o processo produtivo.

Quando comparamos toda essa estrutura com nosso país, vemos o quanto ainda estamos atrasados e quanto podemos aprender com a China. Nossa carência de museus e registros históricos em todo território nacional, principalmente das nossas classes menos representadas, como os povos indígenas, quilombolas, sertanejos, revolucionários populares, faz disso um vácuo no nosso próprio desenvolvimento.

A estratégia de investimento estatal do governo chinês se faz de maneira interdisciplinar. Um investimento em habitação, por exemplo, acarreta diversos outros, ligados direta e indiretamente, como infraestrutura de esporte e lazer, economia local e, principalmente, educação. O investimento maciço em educação é uma marca dessa estratégia, onde tudo acaba refletindo em desenvolvimento, tecnologia e melhoria da condição de vida. Soma-se a isso o investimento estatal em pesquisa e ciência, o que faz com que a China, hoje, consiga competir de igual para igual com os mercados mais modernos do mundo e até mesmo liderar alguns setores com sua tecnologia de ponta.

A competitividade chinesa no mercado internacional, nos setores mais diversos que possamos imaginar, do agro à robótica, do chá a carros elétricos, é um exemplo de como um país de extensão continental e população volumosa (assim como o Brasil) pode alavancar seu crescimento econômico e desenvolvimento social. Enquanto, no início do século 20, a China praticamente só exportava especiarias, passando a produzir indústria de baixo valor agregado (“quinqüilharias”) na metade do século, hoje compete pela liderança no mercado de carros elétricos e autônomos (Tesla X BYD), entre várias outras áreas de ponta no mercado internacional (Apple X Huawei, só para citar um exemplo).

Toda essa realidade tecnológica que hoje é a China, podemos vislumbrar para um Brasil de amanhã. Com projetos de parcerias científicas e econômicas, podemos trazer para nosso país investimento direto de capital público e privado, atraindo empresas tanto para a produção como para a pesquisa e colaboração tecnológica. Isso de-

envolveria nossa indústria, gerando mais empregos e renda, além de incentivar nossas universidades e institutos de pesquisa, aumentando a produção científica e a capacitação profissional.

Em suma, nesses 50 anos de relações diplomáticas Brasil-China, esperamos aumentar ainda mais essa parceria que já é tão importante. Não só através do grande mercado agropecuário que já temos, mas trazendo mais tecnologia e investimentos chineses para nosso país e nos espelhando na cultura de valorização da nossa história, assim como faz aquele povo tão solícito que preserva uma linda cultura milenar.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2024.

Inovação tecnológica e busca por sustentabilidade são desafios chineses de impacto global

“A China sempre foi um país intrigante e cheio de surpresas para mim”

.....
SAULO DIAS KALUNGA

Secretário nacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento do PT.

Com sua cultura milenar, o povo chinês carrega consigo uma história rica e uma tradição que encanta qualquer um que se permita mergulhar nesse universo. No entanto, nos últimos anos, a China tem se destacado não apenas por sua história e cultura, mas também por sua modernidade e desenvolvimento acelerado.

Uma das coisas que me deixou bastante otimista é que a China tem passado por uma transição energética impressionante, buscando formas mais sustentáveis de consumo e produção de energia. É perceptível que o país tem investido pesadamente em tecnologia e inovação, sendo hoje, com certeza, uma potência nos setores de inteligência artificial, telecomunicações e energia renovável.

Esse desenvolvimento não só beneficia a própria China, mas também contribui para o avanço global em diversas áreas. O mundo que almejamos é um mundo sustentável, onde a natureza seja respeitada e os recursos sejam utilizados de forma consciente. Para alcançar esse

cenário, é essencial acelerar a transição energética e intensificar as medidas de preservação ambiental.

A China está levando esse desafio a sério, estabelecendo objetivos ambiciosos de redução de emissões de carbono e preservação ambiental. O país se comprometeu a alcançar um marco significativo na luta contra as mudanças climáticas. O modelo chinês de desenvolvimento, pautado na ousadia e no trabalho árduo, tem se mostrado eficaz na busca por soluções sustentáveis. A China tem investido maciçamente em energias renováveis, como a solar e a eólica, visando reduzir os impactos ambientais de suas atividades econômicas.

A ousadia da China em enfrentar os desafios ambientais reflete um compromisso sério com a preservação do planeta para as futuras gerações. O país tem se destacado, não estou falando do modelo perfeito, mas como um exemplo a ser seguido, mostrando que é possível conciliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental. É preciso que todos os países adotem medidas efetivas para descarbonizar suas economias e preservar o meio ambiente. Somente com ousadia, trabalho e compromisso será possível garantir a sobrevivência do planeta e criar um mundo mais sustentável para todos.

Outro ponto que merece destaque é o esforço do governo chinês em acabar com a pobreza e promover o desenvolvimento social em todo o país. Visitamos vários bairros e locais em que, com políticas públicas inovadoras e programas de assistência social, a China tem conseguido melhorar significativamente a qualidade de vida de milhões de pessoas, transformando-se em um exemplo de como é possível conciliar desenvolvimento econômico com inclusão social.

Mas o que mais me impressiona na China não é apenas sua modernidade e desenvolvimento, e sim a empatia e o sorriso no rosto do povo chinês. Apesar de todas as adversidades, os chineses mantêm uma esperança e uma solidariedade admiráveis, demonstrando que é possível construir um futuro melhor para todos, mesmo diante de desafios enormes.

A peculiaridade do desenvolvimento na China é algo que merece ser estudado e apreciado. Com uma mistura única de tradição e inovação, a China tem se destacado como um país capaz de encontrar soluções criativas e eficientes para os problemas que enfrenta. E é justamente essa peculiaridade que faz da China um mundo surpreendente e inspirador. Portanto, é hora de olharmos para a China não apenas como um país distante e exótico, mas como um exemplo de como é possível construir um futuro melhor para todos, respeitando a história, a cultura e a diversidade de cada povo. A China nos mostra que o desenvolvimento econômico não precisa estar dissociado da empatia e da solidariedade, e que é possível construir um mundo melhor para todos, com sorrisos, esperança e sustentabilidade.

Intercâmbio Brasil-China

“As estatais cumprem um papel central na vida da população. Todas as vilas na China têm energia elétrica e internet”

.....

MACAÉ EVARISTO

Deputada estadual (PT-MG).

Duas grandes perguntas costumam demonstrar nosso desconhecimento sobre a China: como é a democracia? E como o país pode ser uma potência capitalista?

A China é uma república comunista que tem se destacado pelo seu crescimento econômico, investimento em tecnologia e cada vez maior presença global.

Participei da comitiva do PT que realizou uma imersão de 11 dias, de 9 a 19 de abril, nesse país continental. Visitamos as cidades de Pequim, Xangai, Fushou e Xiamen, uma das nove cidades da província de Fujian. Além de Xiamen, a delegação também visitou Jinjiang, Nigde e Quanzhou.

Adentrar a China me recordou a leitura do livro *Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, em que o autor narra um possível diálogo entre o famoso viajante Marco Polo e o imperador mongol Kublai Khan, que tinha forte atração pela cultura chinesa. Marco Polo descreve ao imperador as cidades que visitou durante suas expedições – as “cidades invisíveis”, uma vez que são imaginadas. Neste livro, a ideia de

cidade extrapola o conceito geográfico para demonstrar a complexidade da experiência humana. Por isso, considero importante destacar nosso espanto e dificuldade de traduzir aos nossos olhos turvos pela lógica ocidental o que é a experiência chinesa a partir de tão breve aproximação. São tantas reflexões, experiências complexas e extraordinárias e, ao mesmo tempo, tão momentâneas, que as considerações aqui apresentadas precisam ser tomadas como uma fotografia, um relâmpago do que vi e ouvi: China extraordinária.

O território chinês é dividido em 23 províncias, cinco regiões autônomas, quatro cidades administrativas e duas zonas administrativas. O Partido Comunista, criado em 1921, está à frente do governo chinês desde 1949. E, ainda que no país existam outros tantos (oito) partidos políticos, é o PCCH, o maior partido do mundo, que coordena e alavanca a potência chinesa. O Partido Comunista é a maior autoridade nacional e garante a governança da China. A liderança política é unificada no Partido e todas as diretrizes e legislações têm que passar pelo Comitê Central. Os dirigentes do Partido têm que ser fiéis ao povo, ao partido e ao país.

Por isso, passo a descrever aqui o que pude compreender da experiência de formação de seus quadros políticos.

O Partido Comunista investe em um programa para formação de quadros para colaboradores de primeiro e segundo níveis do governo. A Escola de Formação do PCCH tem a estrutura de uma grande universidade, tamanha a relevância que é dada a essa questão. A formação é realizada de forma presencial e à distância. Somente no ano de 2023, em torno de 50 mil pessoas passaram por algum tipo de formação presencial nessa escola. E, ao longo de sua existência, já foram formados mais de um milhão de pessoas à distância, sendo 500 mil oficiais de vilas e 120 mil secretários de bairro.

A formação está dividida em eixos. O primeiro eixo implica pesquisa teórica sobre marxismo e leninismo, com o propósito de transmitir o pensamento de lideranças importantes, como o líder da Revolução Chinesa, Mao Tsé-Tung, e o presidente Xi Jinping.

O segundo eixo tem o propósito de fomentar as pesquisas nas Ciências Sociais, com objetivo de construir a Ciência de Xi Jinping nesta nova era. Assim, o Partido Comunista trabalha para mudar a influência ocidental no pensamento global, a partir de uma perspectiva chinesa. A democracia é um dos conceitos em disputa. A definição de democracia para os chineses é o povo soberano, ou seja, o povo como dono do próprio país. E é a partir desta premissa que a Escola de Formação trabalha.

Para eles, as ciências sociais foram criadas em países ocidentais e a narrativa ocidental sobre a história é enviesada. Nessa abordagem ocidental, parece que os países colonizados deviam agradecer aos colonizadores. Assim, consideram um desafio criar uma narrativa chinesa, investindo fortemente em pesquisa a partir das diretrizes do Comitê Central.

A Escola de Formação do PCCH tem a missão de formar talentos e produzir sugestões para o partido. Mas destaca-se que o povo é o dono do país, portanto, todos os poderes têm que ser exercidos pelo povo.

O Presidente da China é o chefe de Estado, servindo como figura cerimonial sob o Congresso Nacional do Povo. O Primeiro-Ministro da China é o chefe de governo, presidindo o Conselho de Estado, que é composto por quatro vice-primeiro-ministros e pelos chefes de ministérios e comissões.

As eleições na China são baseadas em um sistema eleitoral organizado de forma hierárquica, no qual o Congresso do Povo (ou Congresso Popular) de cada local é eleito por meio de voto direto. A participação popular está organizada no Sistema de Assembleia Nacional Popular. São 2,5 milhões de delegados. Trabalhadores e camponeses são deputados, o que não aconteceria em uma democracia ocidental. Todos são eleitos pelo povo e suas propostas são colocadas em prática.

A democracia chinesa implica garantir a participação popular em todo o processo e em todos os níveis organizacionais. O Comitê Cen-

tral se reúne uma vez por ano e o Birô Político tem que apresentar propostas com seis meses de antecedência, para que possa ser realizado um longo processo de coleta de sugestões. A Plenária é dividida em três etapas de debates e depois se faz a votação. A governança do país se dá por meio de um arcabouço legal, que prevê um sistema completo de leis de todas as áreas.

A base do desenvolvimento da China é a aposta na educação básica e na educação superior. O Partido Comunista entende que o país precisa investir em talentos e inovação. Um aspecto fundamental para o sucesso da governança de um país são os altos talentos.

O Partido Comunista valoriza a trajetória de trabalho dos seus quadros. Assim, um critério fundamental para acessar os altos escalões é a escada. Os quadros começam em cargos baixos na hierarquia e vão mudando. Xi Jinping passou por 16 cargos até se tornar o secretário-geral. O Partido lidera armas e o exército chinês é liderado pelo Partido. Camarada Xi Jinping é o comandante maior do exército.

Prática rigorosa de lei

O que não está na lei não pode ser feito. O propósito é construir uma jurisdição justa e que busque unir todo o país. A China não é uma federação, e as regiões são unificadas. O orçamento central é descentralizado, com direcionamento de recursos para as regiões mais carentes.

Apenas sete províncias pagam impostos. No sistema econômico socialista adotado, as empresas chinesas são estatais e hoje elas ocupam mais de 100 postos no ranking das 500 maiores empresas do mundo. As estatais cumprem um papel central na vida da população. Todas as vilas na China têm energia elétrica e internet. As empresas privadas são gigantescas. A China tem avançado no investimento em energia limpa, o que não deixa de ser uma ameaça ao hegemonismo dos EUA e da União Europeia.

Para os intelectuais da Escola de Formação do PCCH, muitos ocidentais dizem que a China já chegou no teto do desenvolvimento. No

entanto, o país entende que há muito para desenvolver. Há um trabalho para fomentar uma crença e inspiração unificada. O povo tem que ter valores comuns. Valorizar as boas culturas da China, que tem cinco mil anos e a “nossa” tradição nunca parou.

O núcleo da cultura chinesa tradicional é a paz e a harmonia. Por maior que seja um país, ele vai desaparecer se incentivar a guerra. A Grande Muralha é uma estrutura de defesa. A cultura americana só teve dezesseis 16 anos que não fez guerra. A China utiliza o orçamento para construção de portos, rodovias e aeroportos. Eles defendem dar continuidade à herança desta cultura tradicional. O desejo do povo para uma vida melhor é o que orienta. O povo é o centro. Os chineses tiraram 100 milhões de camponeses da pobreza extrema.

Independência e abertura ao exterior

Para alguns pensadores chineses, a entrada de empresas estrangeiras propiciou uma melhoria salarial e o aprimoramento da gestão. A China aprendeu a tecnologia e hoje as empresas são chinesas, estatais e privadas. Assim, pretende-se construir um sistema industrial completo e independente.

Outro conceito em disputa é a ideia de globalização tal qual proposta pelos Estados Unidos, uma vez que o país não comercializa alta tecnologia. Logo, a opção chinesa foi construir a própria cadeia de produção, o que lhes propicia soberania sobre seus propósitos. A recente queda de braço entre a Tesla e o governo chinês provocou a visita de Elon Musk a Pequim, no último 28 de abril, o que causou grande agitação na indústria automotiva e tecnológica. Durante sua estadia, Musk se encontrou, surpreendentemente, com o primeiro-ministro chinês, Li Qiang, no meio do primeiro grande salão automotivo da cidade em quatro anos, conforme relatado pelos jornais. No dia seguinte, as autoridades locais chinesas removeram as restrições impostas aos carros da Tesla fabricados na China, depois que a empresa atendeu aos rigorosos requisitos de segurança impostos pelo país. Entretanto, segundo informações do *Wall Street Journal*,

a gigante chinesa está considerando expandir suas fábricas para o México, em um movimento que pode aumentar os investimentos e a influência da China na América Latina. Ainda neste ano, deve ser lançada no Brasil a primeira picape híbrida da BYD, pensada, em âmbito nacional, para concorrer com a Toyota Hilux. Sem dúvida, é inegável o vigor da economia, da ciência e tecnologia chinesa. Uma grande potência comunista.

Brasil e China: as diferenças que fazem crescer

“Trago comigo uma nova perspectiva sobre o papel do Estado no desenvolvimento social e econômico”

.....

CARLOS VERAS

Deputado federal (PT-PE).

Durante nossa estada na China para o 7º Seminário Teórico entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista da China, mergulhamos em um ambiente de aprendizado e troca de experiências enriquecedoras. Completando 40 anos de cooperação entre os dois partidos, tivemos nesta visita a maior delegação na história das nossas relações. Com culturas e tradições diferentes, reconhecemos o compromisso comum das nossas organizações em atuar em torno dos interesses dos nossos povos com desenvolvimento, inclusão e vida digna.

Foi um singular momento de conhecimento de uma potência econômica em ascensão, criando condições para um movimento multipolar no mundo, gerando chances e possibilidades para os desafios ora enfrentados pelo nosso país e, também, na China.

As comunidades que conhecemos são verdadeiros exemplos de como o investimento do Estado em infraestrutura, saúde, educação e

em projetos de geração de emprego e renda pode transformar vidas e impulsionar o desenvolvimento, como na vila Xiaqi, em Ningde.

Ao visitar comunidades que passaram por essa transformação impressionante, testemunhamos o impacto positivo do investimento estatal. O contraste entre o antes e o depois foi marcante, mostrando-nos que, com políticas públicas adequadas, é possível superar a pobreza e construir um futuro mais promissor para todos.

A programação da missão oficial incluiu quatro cidades, utilizando diferentes meios de transportes. Transitamos de ônibus e de trem-bala, que alcançava mais de 300 km por hora, evidenciando como o investimento em transporte de massa é fundamental para a superação de problemas de mobilidade urbana.

Também presenciamos o esforço ambiental, como na recuperação de lagos, que mostrou o poder da inovação e do comprometimento com a sustentabilidade. Além disso, as visitas às empresas de tecnologia foram reveladoras. Vimos de perto como a tecnologia está impulsionando o crescimento econômico e social, e como a colaboração entre o setor público e privado pode gerar resultados transformadores.

O intercâmbio incluiu também visitas a monumentos culturais, como a Muralha da China e o templo budista Kayuan, um dos mais antigos e de arquitetura impressionante, em Quanzhou. Oportunidade única de compreender a rica história e as tradições do povo chinês. Essa imersão na cultura local ressaltou a importância de preservar e valorizar nossas próprias raízes culturais.

Ao retornar ao Brasil, trago comigo uma bagagem repleta de informações e experiências, e, também, uma nova perspectiva sobre o papel do Estado no desenvolvimento social e econômico. Acredito firmemente que investir em políticas públicas de educação, saúde, mobilidade, sustentabilidade, inovação, ciência e tecnologia é fundamental para promover a inclusão e para superar a extrema pobreza. A parceria com a China é fundamental nesse processo, mostrando-nos que juntos podemos alcançar grandes feitos e enfrentar os desafios do século 21.

Foi inspirador testemunhar o planejamento estratégico, a disciplina e o compromisso no combate à miséria e na erradicação da pobreza e da fome. Essa experiência nos traz uma compreensão ainda mais profunda e significativa do papel do Estado e estou confiante de que as lições aprendidas durante esse intercâmbio nos guiarão no caminho para um futuro mais próspero e justo para todos.

As nossas diferentes compreensões e visões de mundo se reúnem no mesmo desejo de desenvolvimento independente dos povos e, ao mesmo tempo, o desejo de ter um mundo com condições materiais mais universais, compartilhadas e solidárias.

A experiência chinesa vivida com o Partido Comunista de anfitrião reforça o papel do Partido dos Trabalhadores em uma articulação urgente e necessária entre os partidos de esquerda e os partidos progressistas do mundo todo. É este o ambiente capaz de confrontar o retrocesso da extrema-direita e o fascismo que se espreitam nos continentes, atocaiando os passos da humanidade.

O respeito à diversidade, à autodeterminação dos povos e às organizações é o tom que buscamos nessa trajetória das relações entre Brasil e China. No Brasil, a peleja é na reconstrução do nosso país, e, no que pudermos contar com a China, contaremos.

Desafios gigantes; alternativas maiores!

“O intenso desenvolvimento chinês deve mudar, em breve, a geografia política do mundo”

.....

ISOLDA DANTAS

Deputada estadual (PT-RN).

A missão que o Partido dos Trabalhadores realizou na China a convite do Partido Comunista Chinês evidenciou o longo período de 40 anos da relação entre os partidos, como também 50 anos de relação sino-brasileiro. Um momento muito importante, especialmente neste contexto que vive o Brasil de retomada e reconstrução do país e do nível de desenvolvimento que a China tem apontado nos últimos anos. Chefiada pela presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, e pelos secretários de relações internacionais do PT e da Fundação Perseu Abramo, da qual sou membro do Conselho Curador, a comitiva foi composta por sete deputados federais e oito estaduais, membros da executiva nacional, vereadores e prefeitos.

Conhecer a cultura chinesa expandiu nossa compreensão da importância de cultivar a história e a identidade de um povo, de um país, como no Museu do Partido Comunista, inaugurado em 2021 em comemoração ao centenário do PCCh, que conta toda a história do Partido, da revolução chinesa e a constituição do país como grande

potencial mundial. Uma visita inesquecível, tal como a grande imagem de Xi Jinping no último salão do Museu.

Uma das principais atividades se deu com a realização do 7º Seminário Teórico PCCH-PT com o tema: Reforçar a construção de Partido no poder e explorar o caminho da modernização, seguido de dois painéis paralelos: 1. Exploração de caminho de modernização conforme as próprias realidades de cada país e 2. Reforçar a capacidade de pela administração integral e rigorosa do Partido. Na ocasião, a presidenta Gleisi leu a carta do presidente Lula endereçada ao presidente da República Popular da China.

Ao longo de 12 dias, se seguiu uma agenda intensa, com visitas a museus, universidades, empresas, templos, Muralha, Cidade Proibida, centros tecnológicos, central de serviços de atendimento à população, comunidades de pescadores.

Destaque para a Escola Central de Formação do Partido Comunista. A aula ministrada pelo vice-reitor Xie Chuntao nos permitiu conhecer algumas definições estratégicas do último congresso do Partido, em 2022. A Escola é um espaço de formação de quadros para o Partido e, também, para governo. Na China, o Partido tem grande capacidade de comando e definição dos rumos da política e o Estado, de execução. O Estado entrega o que promete. A sua presença é constante em todos os lugares — desde o cuidado com o canteiro, ao nível da escola, da boa habitação. É muito impactante o cuidado que se tem com a infraestrutura em todas as regiões visitadas pela delegação na China.

As visitas às universidades também deixaram nítido o alto nível de investimento em pesquisa. Destaco aqui a visita ao Colégio de Engenharia da Universidade Agrícola da China que, atualmente, desenvolve um termo de parceria com o Consórcio Nordeste, por meio da instalação do Centro de testagem de maquinário agrícola no Rio Grande do Norte, e segue um amplo programa de adaptação de maquinário para ampliar a mecanização da agricultura familiar da Região

Nordeste, que hoje tem apenas pouco mais de 3% de acesso a incrementos agrícolas.

Em Xangai, o desenvolvimento tecnológico é algo surpreendente, assim também em Fujian, onde visitamos uma fábrica de baterias e de vidro com tudo mecanizado, um nível muito alto de mecanização.

O intenso desenvolvimento chinês deve mudar, em breve, a geografia política do mundo. A busca por parceria com países em desenvolvimento e a forte crítica às democracias ocidentais, especialmente aos Estados Unidos, a China anuncia que não está inerte ao que acontece a nível mundial. Afirmam que o país vive uma democracia socialista com características chinesas e respondem ao avanço imperialista com alto desempenho industrial sobre controle do estado.

Há um notório interesse da China para parceria com o Brasil. Uma agenda potente está sendo executada pelo governo Lula, com visita de Celso Amorim, seguida do vice-presidente Geraldo Alckmin em junho deste ano. E o presidente da China, Xi Jinping, vem para a reunião do G20 no Brasil em novembro. Entendendo que o Brasil está construindo uma nova industrialização, a parceria com a China se faz determinante, especialmente relacionada ao PAC e aos projetos estratégicos como o Cinturão e Rota.

O Brasil tem muito a aprender com a China e o seu planejamento muito eficaz. Há um plano em longo prazo definido pelo Partido, seguido fielmente pelo Estado. O diálogo com o setor produtivo é feito a partir desse planejamento controlado pelo Estado. Um desenvolvimento industrial conduzido por um planejamento a médio e longo prazo somado a muita mão de obra e disciplina, fruto de uma cultura milenar. Pudemos comprovar de perto, inclusive na visita à última comunidade chinesa que vivia em situação de extrema pobreza, superada em 2020, que há um crescimento do bem-estar da sociedade e isso amplia a confiança da população no Partido e no Estado.

Entendi que o Brasil também tem a ensinar aos chineses, especialmente sobre o diálogo com os movimentos sociais, como forma de fortalecer a democracia.

Tudo na China é muito grande. Os desafios são gigantes, mas as alternativas que apresentam são ainda maiores: um estado condutor do desenvolvimento em parceria com uma população disposta a trabalhar, com muita disciplina e qualidade de vida elevada, permite que as pessoas acreditem no Estado, no Partido, e se envolvam na construção e desenvolvimento do país.

A experiência da missão nos ajuda a pensar na nossa democracia brasileira, no papel do partido e construção do Estado e como nosso país precisa se posicionar na política internacional e na parceria com países como a China.

Sabia que ficaria muito impactada com a ida à China, e assim foi. A China é um país extremamente promissor. Não posso deixar de agradecer ao Romênio Pereira, secretário nacional de Relações Internacionais do PT e à presidenta Gleisi Hoffmann, aos companheiros e companheiras da viagem e toda a cordialidade da recepção chinesa. Esta missão nos permitiu recompor a verdade sobre a China, fortalecer as relações entre os partidos PCCH e PT, entre os nossos países e nossos sonhos de construção do socialismo. Aqui fica o nosso compromisso.

China, um elo entre passado e presente para a construção de um futuro mais possível

“Soma-se a isso a valorização da educação, sobretudo a educação política, eixo fundamental para a construção de um país forte”

.....
JEAN MARK FREIRE SILVA

Deputado estadual (PT-MG).

Mesmo conhecendo a história mundial e, em certa medida, a história da China, nós somos, cotidianamente, massacrados pela noção distorcida que os grandes conglomerados de mídia, nacionais e internacionais, divulgam sobre o país e sobre qualquer outra forma de organização que não siga a cartilha do capitalismo. Neste sentido, desde o momento em que recebi o convite para esta viagem, fiquei muito animado com a possibilidade de conhecer a história de um país tão importante. Mas jamais imaginei o quanto essa viagem seria, também, um convite à reflexão sobre mim mesmo, sobre a história do nosso país e da minha região de origem: o Vale do Jequitinhonha.

Um dos aspectos mais interessantes que percebi durante a visita foi o quanto o povo chinês valoriza e preserva sua história e suas tradições. São inúmeros os museus, monumentos e outros marcos que,

mais do que contar, celebram a história da China, bem como seus líderes e os feitos que conseguiram realizar ao longo do tempo.

Ao contrário do que acontece em muitos países, inclusive no Brasil, em que, na maioria das vezes, os conceitos de tradição e desenvolvimento são contrapostos, na China, eles se complementam. Não à toa, nosso roteiro de viagem incluiu a visita à pequena aldeia de Xiaqi, onde a pesca e o artesanato são a base da economia local, e, também, à Huawei, gigante do mercado de tecnologia.

É importante salientar como o estado está presente na vida das pessoas. Xiaqi, por exemplo, é uma região que, se comparada a outras, tem maiores índices de vulnerabilidade social e passou por uma grande transformação a partir do desenvolvimento de políticas públicas de geração de emprego e renda. Além da criação de uma verdadeira cadeia produtiva em torno das principais atividades desenvolvidas na aldeia, o estado também promove o desenvolvimento crítico e político das pessoas. Não é sobre apenas dar o peixe e ensinar a pescar. É preciso ensinar a vender, a preparar e, também, que muitas outras pessoas virão e todas elas precisam ter acesso aos mesmos ensinamentos e aos mesmos direitos.

O povo chinês, sem sombra de dúvidas, sempre foi e é um povo à frente do seu tempo. Muito antes da expansão marítima encabeçada pelos europeus, os chineses já dominavam as tecnologias de navegação. A construção da Grande Muralha, construída há séculos para proteger o território chinês, também é um bom exemplo da astúcia chinesa. Talvez, hoje, com todas as ferramentas que temos à disposição, não seríamos capazes de tamanho feito. A sensação que tive ao me deparar com muitos dos aparatos que fazem parte do cotidiano do povo chinês hoje é de que estávamos em um filme de ficção científica, em uma viagem ao futuro.

Os chineses conhecem e se orgulham de sua história. Mas não é tudo! Soma-se a isso a valorização da educação, sobretudo a educação política, eixo fundamental para a construção de um país forte. Dessa forma, a Escola do Partido, criada pelo Partido Comunista Chinês

(PCCh) e que também tivemos a oportunidade de visitar, exerce um papel fundamental na formação e no fortalecimento dos valores do povo chinês.

As universidades também têm um papel importante no desenvolvimento do país. Na Universidade de Xiamen, por exemplo, tive a oportunidade de conhecer o Centro de Inovação em Saúde Cardiovascular do BRICS, que é pensado como uma ferramenta de atendimento, pesquisa e monitoramento de doenças cardiovasculares.

Além de tudo isso, é muito interessante ver como o país, que ainda é o principal emissor de gases do efeito estufa do mundo, vem trabalhando para diminuir a sua contribuição para o avanço da crise climática. É notável o cuidado com o meio ambiente, com a limpeza urbana e as iniciativas para reduzir a emissão de gases poluentes, como a adoção de fontes mais limpas de energia, como a eólica e a solar.

Neste sentido, penso — e lamento — no quanto isso nos falta. Boa parte da nossa história foi contada por nossos colonizadores e perpetuada ao longo dos séculos. Como nós sabemos, ela não é totalmente verdadeira. E a falta de conhecimento e de valorização da nossa própria história serve, até os dias de hoje, para a manutenção das desigualdades que tanto nos assolam.

No Vale do Jequitinhonha, região que guarda uma das maiores reservas de lítio do Brasil, as pessoas ainda enfrentam dificuldades para acessar direitos básicos, como acesso à água e à saúde. Enquanto isso, na China, nós pudemos ver de perto o quanto o mineral pode fazer pelo planeta. A CATL Ampere Technology Co, que tivemos a oportunidade de visitar, é uma empresa de baterias para motores elétricos responsável pela fabricação de 1 a cada três carros elétricos produzidos no mundo. Impossível não pensar no vácuo imenso entre nossas realidades.

Mas nós também temos muitas coisas em comum. O nosso Partido dos Trabalhadores (PT) acabou de completar 44 anos. Desses, 40 são de parceria com o PCCh. Nós não passamos pelo processo re-

volucionário pelo qual passou a China, que trouxe grandes impactos para a população em todos os aspectos. Portanto, não se trata de comparações, mas essas reflexões são importantes no exercício de tentar compreender por que um país com as dimensões da China, com uma população de mais de 1,4 bilhão de pessoas, conseguiu superar a pobreza e a nossa população, cerca de cinco vezes menor, ainda enfrente tantos desafios no que diz respeito à distribuição de renda.

Sei que é impossível compreender a China em tão poucos dias de viagem, mas tudo que vi e senti provocaram grandes mudanças dentro de mim e na maneira como olho para o meu território. Conhecendo um pouco da história da China através do seu povo e vendo a força do PCCh e o quanto ele está presente em todas as instâncias, públicas e privadas, podemos pensar em maneiras de fortalecer essa relação tão importante entre Brasil e China a fim de fortalecermos a construção do país que queremos, de mais justiça social, de mais direitos garantidos e de um Estado cada vez mais presente na vida das pessoas.

Uma jornada de aprendizados

Vice-prefeita destaca infraestrutura do transporte

.....
ISABEL NOGUEIRA

Vice-prefeita em Santana (AP) e membra do Diretório Nacional.

Minha viagem à China com a delegação do Partido dos Trabalhadores foi uma jornada incrível que misturou política, cultura e aventura. No 7º Seminário Teórico do PT com o Partido Comunista da China, mergulhamos em discussões profundas sobre políticas públicas e desenvolvimento, evidenciando o compromisso mútuo em aprender e colaborar para o bem-estar de nossas nações.

Além das discussões políticas, tivemos a oportunidade única de visitar diversas empresas e conhecer mais sobre a economia e inovação chinesas. Explorar as 11 cidades chinesas foi uma experiência enriquecedora, desde Pequim até a última parada, em Xangai.

A diversidade de meios de transporte utilizados, como carro, trem-bala e avião, proporcionou uma visão abrangente da eficiente infraestrutura de transporte do país. O trem-bala, em particular, destacou-se pela sua rapidez e conforto, tornando nossas viagens entre cidades uma verdadeira experiência.

Essa jornada não apenas fortaleceu os laços entre o PT e o Partido Comunista da China, mas também enriqueceu nossa compreensão da cultura e da vida urbana chinesa. Os aprendizados e as conexões feitas durante essa viagem certamente guiarão nossos esforços futuros em busca de um mundo mais justo e colaborativo.

A China que a mídia não mostra

“Não tendo o que dizer da pujança econômica chinesa, a mídia nacional sempre foca no discurso de falta de democracia naquele país, evidentemente, sob a ótica ocidental do que seja democracia”

.....
RONALDO MEDEIROS

Deputado estadual (PT-AL)

Neste mês de abril, uma comitiva do Partido dos Trabalhadores (PT), a qual tive a oportunidade de integrar, foi à China para participar da 7ª edição do Seminário Teórico com o Partido Comunista Chinês (PCCh). Lá, pudemos observar um país diferente do que a mídia comercial brasileira nos apresenta e que pode muito bem nos servir de inspiração para o Brasil que desejamos – e precisamos – construir.

A China possui mais de 1,4 bilhão de habitantes, um relevo rochoso e diversas limitações para o desenvolvimento de sua agricultura. Mesmo assim, a extrema pobreza foi erradicada em 2023 daquele gigante global que possui o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, com US\$ 26,438 trilhões. Um marco em inclusão social amplificado pelo volume populacional. Algo que, ressalte-se, estávamos perto de alcançar, mas o golpe de 2016 e seus desdobramentos nos afastaram deste horizonte. Contudo, a eleição do presidente Lula nos colocou de volta a este caminho.

Outras características da China que a mídia brasileira não mostra são as baixas taxas de juro e índices de inflação. O juro chinês é de 3,5%, ao tempo que, no Brasil, o Banco Central, comprometido com a política macroeconômica de Michel Temer e Jair Bolsonaro, nos impõe juros a 10,5%, encarecendo o acesso ao crédito e agindo como uma bigorna presa nas pernas de nosso desenvolvimento, sempre sob a falácia de ser preciso conter a inflação. Mas a China nos mostra ser essa uma falsa premissa. A inflação chinesa é de 1%, enquanto a média mundial é de 8,8%. No Brasil, 3,73%.

Também não é o aumento do salário-mínimo que vai gerar inflação. Na China, o salário-mínimo médio é de US\$ 400, ou R\$ 2.000 na cotação da moeda estadunidense em R\$ 5,00. Ou seja, maior que o salário-mínimo brasileiro.

A China conseguiu, em seus 75 anos de revolução, elevar a qualidade de vida de seu povo substancialmente. Além de todo o investimento em ciência e tecnologia e infraestrutura, a expectativa de vida dos chineses já está com média superior aos 78 anos de idade, sendo 81,1 anos para mulheres; e 75,4 para homens. Nos Estados Unidos, país tido como modelo de sociedade pela classe dominante brasileira, a expectativa de vida média é 76,1 anos. No Brasil, 75,5 anos.

Alguns anos após a Revolução de 1949, os chineses optaram por abrir seu mercado interno às empresas estrangeiras devido à visível deficiência em tecnologia para ampliar seu parque fabril. Essa escolha, contudo, não permitiu a ingerência do capital nas decisões políticas, resultando em ações planejadas em curto, médio e longo prazos e a consequente ampliação da influência chinesa no cenário geopolítico, não só da Ásia quanto de todo o planeta.

Não tendo o que dizer da pujança econômica chinesa, a mídia nacional sempre foca no discurso de falta de democracia naquele país, evidentemente, sob a ótica ocidental do que seja democracia. Na China, há nove partidos políticos em atuação, sendo o PCCh o mais influente e hegemônico, são eles: o Comitê Revolucionário do Kuo-

mintang Chinês; a Liga Democrática da China; a Associação Nacional de Construção Democrática da China; a Associação Chinesa para a Promoção da Democracia; o Partido Democrático de Camponeses e Trabalhadores da China; o Partido Zhi Gong da China; a Sociedade Jiusan; e a Liga de Autonomia Democrática de Taiwan.

Nos Estados Unidos, segundo últimos registros, há cerca de 70 partidos políticos – inclusive, o nazista! –, mas somente dois, Democratas e Republicanos, disputam as eleições. No Brasil, temos cerca de 30 agremiações.

Portanto, qual sistema é mais democrático? Devemos ditar modelos de funcionamento das instituições ou devemos respeitar a autodeterminação dos povos e deixar que cada um escolha seus caminhos?

O fato, incontestado é que a China tem vencido diversos obstáculos ao seu desenvolvimento, promovendo sua inclusão social, aumentando sua influência global sem uso militar e sem distinção político-ideológica, sempre visando que país desejam ter daqui 30 ou 50 anos. Não é um Brasil assim que queremos construir, soberano, justo e influente no mundo?

Olhemos para a China para além do que a mídia hegemônica brasileira nos mostra.

Fundação Perseu Abramo e ELAPH socializam conhecimentos sobre a China

Aulas, debates e programas estão disponíveis gratuitamente; veja também sugestões de livros e filmes sobre o país que podem ser encontrados nas plataformas digitais

.....
RITA CAMACHO

Jornalista e filiada ao PT.

Ampliar o conhecimento e o debate sobre a China está no radar das principais iniciativas de formação e/ou informação da Fundação Perseu Abramo (FPA) e da Escola Latino-Americana de Política e História (ELAPH). O conteúdo produzido por essas organizações traz uma gama interessante de elementos que podem ajudar aos que estejam interessados em aprofundar os conhecimentos a respeito desse país asiático em seus diversos aspectos.

Entre as contribuições mais recentes, está o Curso de Formação de Internacionalistas, promovido pela FPA/ Núcleo de Cooperação Internacional em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo. O curso, dividido em uma série de oito encontros híbridos (presencial e remoto), foi realizado aos sábados, a partir de 24 de fevereiro deste ano.

Na manhã de 23 de março, o tema foi **China: história e dilemas atuais, com apresentação de Valter Pomar**, diretor de Cooperação Internacional da FPA e professor da Universidade Federal do ABC. Entre outras inúmeras questões, Valter discorre sobre um dos dilemas da China: “Quando a gente pensa que os chineses acumularam capital e estão exportando seus capitais, essa fórmula, exportação de capitais, é exatamente um dos componentes que Lênin, por exemplo, identificava como característico do imperialismo. Então, o grande tema é: a China será capaz de exportar capitais para o mundo sem que isso seja acompanhada de uma postura imperialista?”

No *sábado seguinte*, Monica Bruckman, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, abordou o tema **Ásia: história e dilemas atuais**. “A China é o centro mais desenvolvido [no Oriente], mas a Índia também está competindo em setores-chave da tecnologia e da economia mundial”, explicou a professora ao apresentar o gráfico *As Economias Emergentes dominarão as 10 maiores economias do mundo - 2050*.

Em 6 de maio, o curso foi concluído com o Debate sobre a situação mundial, com o jornalista Breno Altman, fundador do site *Opera Mundi*. E China, evidentemente, foi um dos focos de sua apresentação: “Essa estratégia, comandada especialmente pelos Estados Unidos, para fazer frente à crise econômica, para fazer frente à relativa decadência econômica dos Estados Unidos no cenário mundial, foi uma estratégia de extrema polarização, estratégia de confrontação com a China, que se iniciou, de uma maneira muito aberta, no governo de Donald Trump, mas que já se anunciava antes”.

O Curso de Formação de Internacionalistas completo pode ser acessado no seguinte link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLtsJqckMj3D5DVY006YiIZGDHU9j0HQgb>

Janela Internacional

Por sua importância, a China tem sido assunto recorrente nas edições do *Janela Internacional*, programa semanal da TV Fundação

Perseu Abramo no Youtube. Dedicado às questões mundiais, à política externa do governo Lula e à política de relações internacionais do Partido dos Trabalhadores, o programa estreou em 5 de abril de 2023 e é apresentado por Valter Pomar.

O primeiro assunto apresentado no programa de número 3 do *Janela*, em 19 de abril do ano passado, foi a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, ocasião em que ele colocou sobre a mesa a nossa posição a favor de uma nova ordem econômico-financeira mundial, entre outros aspectos positivos.

Na edição de número 5, as relações Brasil e China são novamente pauta do programa, desta vez com a participação de Ana Tereza Lopes Marra de Souza e do professor Giorgio Romano Schutte, que coordenavam, na ocasião, o 6º Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos da China, que aconteceu em outubro de 2023 na UFABC, evento do qual a FPA também participou. Além de falarem sobre o evento, a dupla discorreu sobre a situação da China e sua relação com o Brasil. “Este governo [Lula] precisa mudar essa relação, no sentido de adensar e aproveitar do potencial [de comércio com a China] para que seja em benefício do projeto de uma nova industrialização do Brasil”, afirmou o professor. No programa 27, Valter informaria a programação completa do Encontro e ancoraria o *Janela Internacional* diretamente do evento para o programa 30. O âncora trouxe mais conteúdo a respeito no programa 31.

Em junho de 2023, o programa 11 informa que Dilma Rousseff, já presidenta do banco do BRICS, encontrara-se, em Pequim, com a delegação de 20 petistas que estava em viagem oficial à China. E, no programa de número 13, Natália Sena, membra da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores e integrante da citada delegação, fez um relato sobre a missão. Em pouco mais de 30 minutos, Natália deu detalhes da agenda e do roteiro que cumpriram e revela algumas de suas impressões. “Lá, partido e governo são a mesma coisa, não existe diferença”.

Outros temas de conjuntura a respeito da China fizeram parte de vários outros programas. No de número 35, em 29 de novembro de 2023, Marcelo Manzano, economista, professor universitário e integrante da equipe do FPA, deu um depoimento a respeito de sua participação no Fórum Econômico e Social de Pequim a partir do minuto 39 daquela edição. “A China defende a integração internacional, a integração econômica, a abertura comercial, mas em outros termos, ela não quer se colocar no lugar dos Estados Unidos, ou disputar nos mesmos termos da globalização neoliberal, que todos nós conhecemos tão bem”, disse o professor durante sua explanação.

No programa seguinte, o 36, Fábio El-Khoury, assessor do Núcleo de Cooperação Internacional da FPA, conta sobre a viagem que fez à China para um encontro promovido pelo PCCH para pesquisadores, acadêmicos e estudiosos de todo o mundo. Ele destacou, por exemplo, que “os chineses estão investindo bastante nessa ideia de divulgar o país para diversos grupos de diversas áreas, como empresários, políticos...”. Segundo ele, ao final do evento do qual participou, debateram sobre “como o Sul Global pode contribuir para o desenvolvimento do mundo e foram levantadas as três iniciativas: desenvolvimento global, civilização global e segurança global”, a respeito das quais ele amplia a informação.

Taiwan é o tema do programa 41, que conta com uma nova participação do professor Giorgio Romano. Ele faz um resumo da “complexa e difícil questão de Taiwan”, cujo nome oficial é República da China, “e não confundir com República Popular da China”. Segundo ele, o tema não pode ser tratado como um simples “FlaxFlu”, então, numa aula de quase uma hora, ele faz um mergulho na história até chegar aos dias atuais.

Joaquim Soriano, secretário nacional de Assuntos Institucionais da Executiva Nacional do PT, faz um relato sobre suas visitas à China a partir da metade do programa de número 49, edição na qual o programa anuncia também a viagem que a delegação do PT faria em abril. Soriano esteve na China em 2007, 2009 e 2023. Lembra-se que

a primeira visita “teve ares de recepção de chefe de Estado” e que a comunicação com o Brasil era difícil, tema que já havia sido resolvido na viagem de 2009. Conta, por exemplo, a respeito de um lago ao redor do qual vivem diferentes etnias minoritárias. O programa exhibe alguns vídeos que Soriano fez desse lugar, assim como de outros pontos visitados pela delegação.

A mais recente edição do *Janela Internacional* que tratou do tema China foi a de número 51, cujo convidado foi Makus Sokol, economista e integrante da Executiva Nacional do PT, que também fazia parte da delegação partidária que esteve na China em junho de 2023. “Aquela época do maoísmo, isso acabou faz décadas. Eles [PCCh] têm relação com todo tipo de partido, inclusive de direita”, pontuou Sokol em seu depoimento.

A *playlist* do programa *Janela Internacional* pode ser acessada no seguinte link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLtsJqckMj3D7ROdATJpOt5W5JkPARHGuv>

Cursos da ELAPH

A Escola Latino-Americana de História e Política (ELAPH) também mantém disponíveis para acesso gratuito em seu canal no Youtube vários cursos sobre a China. Um dos quais foi ministrado por Dilma Rousseff, que atualmente preside o banco do BRICS. A aula de Dilma, transmitida ao vivo em 13 de março de 2021, tratou dos desafios presentes e futuros da República Popular da China e encerrou a série *Mao, Chu, Deng: vida e obra*. O curso teve outras cinco aulas: o panorama da China atual, com Milton Pomar; a história da China, em especial no século 20, apresentada por Valter Pomar; a obra de Mao Tsé-Tung, com José Reinaldo Carvalho; a obra de Chu Enlai, por Ana Prestes, e a obra de Deng Xiaoping, com Breno Altman.

Quase ao final de suas duas horas de exposição, Dilma conclui: “Eu acredito que os principais desafios para que a China mantenha seu crescimento e seu desenvolvimento de forma sustentável são internos. É,

de fato, a implantação desta questão que é a prioridade ao mercado interno e tudo o que isso significa. Acho que é uma mudança significativa também a redução da desigualdade com o aumento do controle do capital, dos monopólios e da atividade financeira”.

As aulas da série *Mao, Chu, Deng: vida e obra* podem ser acessados no seguinte link:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLLion1w_I7d2UcMHQOIKAcgaba292a0PE

Outra série da ELAPH é *EUA versus China: a rivalidade do século 21*, que está dividida em quatro aulas. Na aula 1: A guerra comercial e tecnológica dos Estados Unidos contra a China, com a professora Melissa Cambuhy. Na aula 2: As vantagens comparativas da economia chinesa na relação comercial com os Estados Unidos, com Milton Pomar. Na aula 3: A política externa chinesa versus estratégia antiChina dos Estados Unidos, com José Reinaldo Carvalho. Na aula 4: O socialismo chinês da nova era e o declínio histórico dos Estados Unidos, com Gaio Dória.

Acesse as aulas da série *EUA versus China: a rivalidade do século 21* nos seguintes links:

Aula 1: <https://www.youtube.com/watch?v=E3SCMpbGGwg>

Aula 2: <https://www.youtube.com/watch?v=qTgtyG6GPB4>

Aula 3: <https://www.youtube.com/watch?v=3TVgn3CfWZE>

Aula 4: <https://www.youtube.com/watch?v=qbfrqIShozk>

Há quatro anos, como parte da série *História das Revoluções no Século 20*, Valter Pomar ministrou a aula Revolução Chinesa, 1911- 1949, que poder ser assistida aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=q1kQb9RjtBg>

Milton Pomar abordou um período mais recente na aula 3 da série *Revoluções sociais do século 20: conquistas, contradições e dilemas na atualidade*. Ele explicou “o processo, as contradições e como as coisas estão nesse momento” e tratou, por exemplo, das vulnerabilidades limitantes da China e de suas conquistas. A referida aula está disponível aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=0a8RI3L4Ncg>

A professora Valéria Lopes Ribeiro é quem apresenta a aula *O socialismo de mercado chinês e seu impacto na luta pelo socialismo*, que integrou a série Capitalismo e luta pelo socialismo no século 21. Assista aqui:

https://www.youtube.com/watch?v=ftzUw1_6jFs&list=PLLion1w_I7d1zF-JKGnEtYkSYz4W0osHV&index=3

Filmes e livros online

A seguir, listamos sugestões de filmes, livros e textos disponíveis nas plataformas digitais, a maioria dos quais com acesso gratuito, selecionados por Valter Pomar:

1) *A Guerra do Ópio* é uma produção bem antiga e hollywoodiana. A versão disponível no seguinte link está legendada em português:

<https://www.youtube.com/watch?v=H2qeWX2rTA8;>

2) *1911 – A Revolução* é um filme de 2011 sobre a revolução republicana, que derrubou o último imperador:

<https://www.justwatch.com/br/filme/1911;>

3) *Beginning of the Great Revival*, sobre a fundação do Partido Comunista da China, disponível no seguinte link com legendas em inglês:

<https://www.youtube.com/watch?v=wjsG2DtECh8;>

4) *A Fundação de um Exército* é um filme de 2017 sobre a fundação do Exército Popular de Libertação. Infelizmente não encontrei um link com exibição gratuita:

[https://filmow.com/the-founding-of-an-army-t242996/;](https://filmow.com/the-founding-of-an-army-t242996/)

5) *The Eight Hundred* é uma produção de 2020 que trata da invasão da China pelo Japão ao estilo “nós contra eles”, ou seja, os heróis do filme não são comunistas, mas soldados chineses “em geral”, do governo contra o qual o Partido Comunista estava lutando até a invasão japonesa. Veja aqui com legendas em inglês:

<https://tubitv.com/movies/681479/the-eight-hundred>

6) *A Fundação de uma República*, sobre a fundação da República Popular da China. Veja aqui com legendas em português:

<https://www.youtube.com/watch?v=fs3099Cv-zc>

7) *A Batalha no Lago Changjin* é um filme épico sobre a guerra da Coreia, onde soldados chineses venceram a batalha no Lago Changjin. Com legendadas em português:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLkdDpo5jeHLmER22YZmKvclAcQJ10ybXX>

8) *Fang Hua* é um filme de amor adolescente, ao estilo chinês, sobre um grupo de dançarinos durante a Grande Revolução Cultural Proletária. Infelizmente, não consegui uma versão para acesso gratuito:

<https://www.imdb.com/title/tt6654316/>

9) *To Live*, produção de 1994, é um filme genial, que conta a história da China até o início das reformas. Se só puderem ver um, vejam este. O diretor, Zhang Yimou, é mega famoso. Veja aqui com legendadas em inglês:

<https://youtu.be/HorOrml6hKg>

Livros e textos úteis para quem quiser conhecer a China do ponto de vista dos chineses:

Primeiro, leiam Maozedong:

https://sp.theorychina.org.cn/llzg-xbyy/obras-de-los-dirigentes-de-china_639/mao-zedong/ (em espanhol).

Segundo, leiam Chuenlai:

https://sp.theorychina.org.cn/llzg-xbyy/obras-de-los-dirigentes-de-china_639/zhou-enlai/ (em espanhol).

Terceiro, leiam Dengxiaoping:

https://sp.theorychina.org.cn/llzg-xbyy/obras-de-los-dirigentes-de-china_639/deng-xiaoping-/ (em espanhol).

Quarto, leiam Xi Jinping:

<https://sp.theorychina.org.cn/XiJinping2021/> (em inglês e espanhol).

Textos publicados pelo PT ou pela Editora da FPA sobre a China:

O Enigma Chinês, de Wladimir Pomar, edição publicada pela Editora da FPA:

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/o-enigma-chines/>

Os chineses chegaram, de Wladimir Pomar, publicado pela Secretaria de Relações Internacionais do PT:

<https://estudosnacionais.com/wp-content/uploads/2019/06/ChinaCaderno9-1.pdf>

Brasil & China em Debate, livro publicado pela Fundação Perseu Abramo sobre a relação PT China é uma coletânea de textos, dentre os quais um de Iole Ilada:

<https://www.ecodebate.com.br/2010/02/17/debate-entre-especialistas-sobre-brasil-e-china-resulta-em-livro/>

Álbum de fotos



Coleção Anne Moura



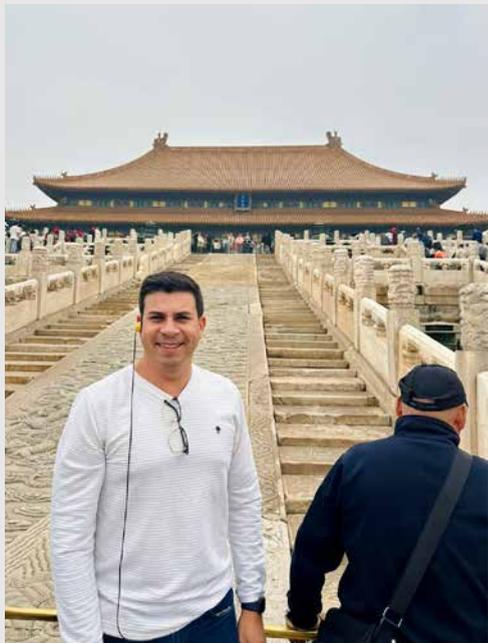
Coleção Anne Moura



Coleção Carlos Veras



Coleção Carlos Veras



Coleção Carlos Veras



Coleção Isolda Dantas



Coleção Isolda Dantas



Coleção Macaé Evaristo



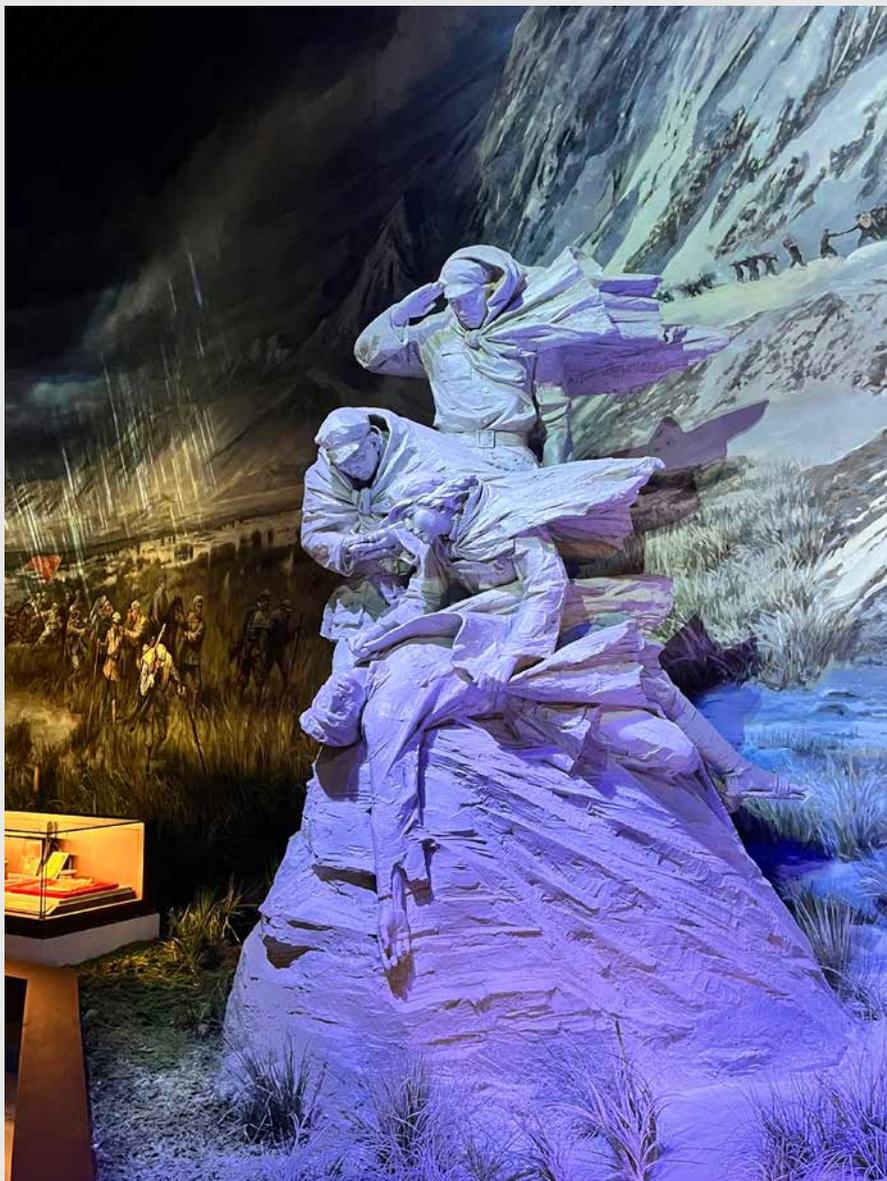
Coleção Macaé Evaristo



Coleção Macaé Evaristo



Coleção Macaé Evaristo



Coleção Macaé Evaristo



Coleção Macaé Evaristo



Coleção Isolda Dantas



Coleção Isolda Dantas



Coleção Rosângela Zeidan



Coleção Rosângela Zeidan



Coleção Rosângela Zeidan



*Museu da História do PCCh em Beijing. No alto, de chapéu, Chen Duxiu, fundador e primeiro secretário-geral do PCCh (1921-1927).
Coleção Markus Sokol*



Tomada do lago salgado de Qinhai no verão, 400 km de extensão, azul infinito e montanhas laterais. Coleção Markus Sokol



O Museu de Qinbai, baseado em trabalhos arqueológicos, reconstituiu uma família de 4 mil anos atrás: a avó fazendo macarrão em cima de dois crânios, a mãe amamentando e o homem voltando da pesca.

Coleção Markus Sokol



*Ao centro, a presidente Dilma, a delegação e funcionários chineses.
Foto de um amigo chinês.
Coleção Markus Sokol*



Centro Comunitário de Liwan: à esquerda, elevadores externos instalados em prédios mais antigos. Coleção Markus Sokol



*Aspecto de uma viela do distrito de Linan, no Cantão
Coleção Markus Sokol*



*Detalhe da fina arte milenar chinesa.
Coleção Markus Sokol*



“A queda do ‘Bando dos Quatro’ e o fim da Revolução Cultural” no Museu do PCCh. Coleção Markus Sokol



Um tibetano com o filho ocidentalizado numa loja de conveniência de uma estrada no noroeste. Coleção Markus Sokol